

TREZE HISTÓRIAS INESQUECÍVEIS. UM DIA LENDÁRIO.
O VÍNCULO QUE MUDA TUDO.
THRESHING DAY



AUTORA #1 DO *THE NEW YORK TIMES*

REBECCA YARROS

**DIA DA
CEIFA**

DIA DA CEIFA

REBECCA YARROS

Tradução

Laura Pohl

 Planeta minotauro

Copyright © Yarros Ink, Inc., 2026
Publicado originalmente por Entangled Publishig LLC.
Direitos de tradução negociados por Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Laura Pohl, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *Threshing Day*

Preparação: Wélida Muniz
Revisão: Andréa Bruno e Ligia Alves
Projeto gráfico: Britt Marczak
Diagramação: Sandra Fava
Capa: Bree Archer e Elizabeth Turner Stoke
Ilustração de capa: Nadia Murash/Shutterstock
Ilustrações de guardas e miolo: Joe Requeza
Adaptação de capa: Sandra Fava
Adaptação Para eBook: [Hondana](#)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Yarros, Rebecca
Dia da Ceifa [livro eletrônico] / Rebecca Yarros. – São Paulo : Planeta do Brasil,
2026.
ePUB

ISBN 978-85-422-4366-6 (e-book)
Título original: *Threshing Day*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título

26-3919

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Av. Paulista, 854 – 2º andar
01310-913 – Bela Vista
São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

*Para todos que queriam passar mais uma ou duas páginas em
Basgiath.*

Vejo vocês no campo de voo.



Dia da Ceifa é uma aventura emocionante de fantasia ambientada em um instituto militar competitivo e brutal para cavaleiros de dragão. A obra traz histórias que contêm spoilers dos livros *Quarta Asa* e *Chama de Ferro*, além de elementos relacionados a violência intensa, situações de perigo, ferimentos graves, sangue, morte, queimaduras, linguajar pesado e ideação suicida. É importante que leitores sensíveis a esses conteúdos estejam cientes antes de prosseguir e se preparem para enfrentar o Vale da Ceifa...



SUMÁRIO

[*Prova de fogo*](#)

[Brennan](#)

[Mira](#)

[Xaden](#)

[Garrick](#)

[Dain](#)

[Bodhi](#)

[Imogen](#)

[Rhiannon](#)

[Sawyer](#)

[Ridoc](#)

[Liam](#)

[Sloane](#)

[Aaric](#)



O texto a seguir foi fielmente transcrito do navarriano para um idioma moderno pelo coronel Valin Kaori e pelo tenente Ellery Mynna, professores de Biologia Dracônica do Instituto Militar Basgiath. Todos os eventos descritos são verdadeiros, e os nomes foram preservados para honrar a coragem daqueles que caíram.

Que suas almas sejam protegidas por Malek.

Prova de fogo:

CONSELHOS SOBRE A CEIFA PARA PROFESSORES DE BIOLOGIA DRACÔNICA

por coronel Thadeus Palme

No dia primeiro de outubro, não importa qual seja o clima, o dia da semana ou o condicionamento físico dos cadetes, desde que tenham completado vinte anos, os calouros da Divisão dos Cavaleiros do Instituto Militar Basgiath entrarão na floresta na esperança de serem escolhidos como cavaleiros por um dragão do Empyriano. Esse evento monumental é chamado de *Ceifa*. Nós, professores da Divisão, precisamos encorajar o sucesso, mas também preparar nossos cadetes para a indigesta descoberta de que muitos não sobreviverão a essa solenidade.

Não há nenhum teste em qualquer outro lugar do Continente que se compare à Ceifa, mas vocês têm a tarefa de deixar seus alunos prontos para ele. Não menosprezem seu dever de preparar os cadetes para o processo de seleção; as instruções de vocês são tão cruciais quanto qualquer outra arma que eles poderiam empunhar.

Por mais que qualquer tarefa na Divisão dos Cavaleiros imponha certa dificuldade, nós, professores de Biologia Dracônica, aqueles a quem o Empyriano deu o título de guardiões-de-dragões, carregamos um fardo sem igual no trato dos cadetes do primeiro ano. Nossa lealdade permanece sempre com o Empyriano, mas também é necessário zelar pelo sucesso dos nossos calouros, para a manutenção da parceria essencial entre cavaleiros e dragões. A enormidade de nossa responsabilidade não pode ser subestimada. Embora possamos

contar com um sinete de projeção – a habilidade de conjurar imagens da memória –, o que nos qualifica para ocupar essa posição vital dentro da Divisão, apenas aqueles que nutrem verdadeira paixão por estudar o Empyriano enquanto protegem os cavaleiros que o servem deveriam aceitar tal incumbência.

É com isso em mente que ofereço os conselhos a seguir.

Lembrem-se sempre de que o relacionamento entre cavaleiro e dragão é simbiótico. Sem os dragões, a humanidade não teria magia com que tecer as égides que protegem Navarre. Sem os cavaleiros, os dragões não têm égides para proteger seus ninhos. Embora esse acordo beneficie ambas as espécies, nunca podemos esquecer que os dragões acreditam que humanos são um tanto... descartáveis.

Confiem nos outros professores para se destacarem em suas áreas de especialidade, assim como vocês gostariam de receber a mesma confiança nas suas aulas. Não se intrometam em questões de Preparo de Batalha, História, Física ou outras áreas acadêmicas. Se quiserem que outro professor os aconselhem em relação a um aluno, recomendo abordar o mestre de Combate. Em meio aos desafios de luta física e ao percurso mortal de obstáculos da Armadilha antes da Apresentação, são os únicos membros do corpo docente que entendem verdadeiramente a responsabilidade que é enviar alunos do primeiro ano para sua possível morte.

Nos primeiros dois meses de aula, é seu dever projetar uma imagem precisa de quaisquer dragões dispostos a se unir naquele ano, para que os cadetes possam estudá-la antes da Ceifa. Vocês terão dois pontos de referência a fim de adquirir esse conhecimento durante seu ano como aprendizes do professor que está se aposentando. O primeiro é o *Compêndio Dracônico*, nosso único guia de referência visual dos dragões ativos no Empyriano, o qual vocês serão responsáveis por atualizar durante seus anos como professores. Estejam avisados: descobri que nenhum artista conseguiu retratar com perfeição

todas as características que distinguem um dragão, o que dificulta terrivelmente a identificação das descendências. O segundo ponto de referência são os próprios dragões, os quais vocês talvez tiveram o privilégio de observar durante as manobras de voo com os cavaleiros anteriores, assim como na noite da Ceifa. Quando estiverem em dúvida, é prudente perguntar a um cadete o nome do seu dragão, já que se comunicar com qualquer dragão que não tenha uma união com vocês pode levá-los ao fim prematuro da sua carreira como professores. Nunca, sob nenhuma circunstância, adentrem os ninhos do Vale.

Antigos professores de Biologia Dracônica encorajavam a memorização mecânica por meio de cartões de identificação para os cadetes antes da Apresentação, mas, em minha experiência, a Apresentação serve mais para os dragões observarem e avaliarem cadetes antes da Ceifa do que para os cadetes reconhecerem dragões específicos. Na verdade, qualquer cadete que for pego examinando um dragão durante a Apresentação tem maior probabilidade de ser incinerado do que de conseguir uma união. No entanto, os cartões se provaram inestimáveis para o processo da Ceifa. Se os cadetes não conseguirem memorizar todos os dragões dispostos a se unir, é indispensável que ao menos aprendam a diferença entre os temperamentos das raças e a metodologia mais segura para sobreviver a um encontro com cada uma delas. Um cadete pouco instruído é um cadete morto.

Encorajem cada cadete a prestar atenção aos seus instintos quando entrarem no Vale durante o Dia da Ceifa. Aqueles que já receberam a atenção de um dragão podem experimentar uma sensação parecida com um puxão, e devem ser encorajados a segui-la. Em alguns casos, um cadete escolhido pode até ouvir o chamado do seu dragão, se causar uma impressão marcante durante a Apresentação. Cadetes também devem obedecer aos próprios instintos quanto a recuar para longe de dragões que

não são os seus, e assim aumentar sua expectativa de vida.

Enfatizem a importância de cada cadete entrar sozinho no Vale da Ceifa. Embora a lealdade do esquadrão possa ser reconfortante nesse estágio da educação, as estatísticas mostram que os dragões preferem a coragem daqueles dispostos a caminhar sozinhos. Eles comprovam esse ponto ao repetidamente reduzir a maioria dos grupos de cadetes a cinzas. É lamentável que aqueles que não sobrevivem não possam relatar as próprias experiências, o que nos deixa apenas com hipóteses quanto aos motivos por trás de sua morte.

Preparem-se para perder alguns dos seus alunos favoritos ou, um conselho melhor ainda, não se apeguem demais. O que sabemos sobre os dragões e o motivo de escolherem seus cavaleiros é amplamente ultrapassado pela magnitude de tudo aquilo que não sabemos. Aqueles alunos que temos certeza de que sairão do Vale como cavaleiros de dragão muito frequentemente morrem entre as árvores – seja por fogo de dragão ou enfrentando outros cadetes – ou são resgatados ao cair da noite e levados a repetir de ano na esperança de serem escolhidos na tentativa seguinte.

Acima de tudo, lembrem-se de que, por mais que milhares de escribas registrem nossa história, somos os únicos cavaleiros cuja responsabilidade é documentar o pouco que aprendemos sobre a espécie dracônica. Caso algum dia se encontrem na circunstância delicada de precisar assumir um lado entre um cadete e um dragão, é crucial que vocês provem sua lealdade ao Emphyriano, ou perderemos o privilégio de observá-lo. São nossas palavras, nosso conhecimento e nossas observações que a próxima geração de cavaleiros de dragão usará para voar ou morrer.

Nos meus anos de aposentadoria, refleti carinhosamente sobre minha própria Ceifa. Como minha memória tem se tornado menos confiável na última década, eu me vejo desejando ter ignorado o sigilo costumeiro que envolve o evento e ter

registrado minha própria experiência enquanto ainda estava fresca na mente. Como é possível aprendermos a melhorar nossas chances de encontrar uma união com os dragões se não registramos os métodos que obtiveram sucesso? Se eu puder oferecer um último conselho, seria o de reunir as histórias daqueles que sobreviveram e estão dispostos a contá-las.

A Ceifa é o dia mais perigoso na vida de um cadete em Basgiath. Rogo que, dentro de suas possibilidades, façam o seu melhor para preparar seus alunos, mas lembrem-se sempre de que, assim que os cadetes entram no Vale da Ceifa, a opinião dos dragões é a única que importa.



624 D.U.
Marbh – Rabo-de-adaga-laranja
(Macho) Descendente da linhagem Fhaicorain
Idade estimada: 76
Cavaleiros registrados: 3

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



BRENNAN

Hoje é o dia em que deixo meus pais orgulhosos, o dia em que me torno um cavaleiro, como minha mãe e os pais dela.

Ou posso morrer e me tornar a maior decepção da família Sorrengail.

Caramba. Estou torcendo muito para não ser esse o caso.

De alguma forma, é melhor morrer do que minha mãe sentir que precisa mudar o meu sobrenome na lápide porque não fiz jus a ele. A linhagem familiar dela é tão lendária entre os cavaleiros que meu pai passou a usar o sobrenome dela quando se casaram, mesmo o dele sendo igualmente poderoso entre os escribas.

— Tem certeza de que não quer vir com a gente? — pergunta

Flynn Ennis enquanto os cadetes do primeiro ano se esparramam pelo Vale da Ceifa. O moreno musculoso segura o pomo da curta espada como se a arma tivesse alguma chance de protegê-lo de um dragão.

Ao contrário de Ennis, cresci convivendo o suficiente com Aimsir, dragão da minha mãe, para saber que, se um dragão quer te matar, você já está morto. Eles não estão nem aí para qualquer arma menor que uma besta, e sacar a espada só vai irritá-los.

— Tenho certeza.

Faço um breve aceno de cabeça e abro um sorriso rápido para apaziguar o medo que brilha nos olhos dele. Passamos uma noite juntos algumas semanas atrás, mas não posso deixar que qualquer coisa que eu sinta por ele me desvie dos anos que passei me preparando para este momento. Ainda mais porque ele está fazendo uma escolha idiota.

— Te vejo no campo de voo, Ennis.

— Te vejo no campo de voo, Sorrengail — responde ele, com um tremor quase imperceptível nos lábios.

Ele se vira na direção de um punhado dos meus colegas de esquadrão, e o grupo sai a caminho da floresta de árvores enormes.

Deuses, que bando de idiotas.

Eu os observo sumir lá para dentro, e meu coração se aperta. É provável que seja a última vez que eu veja alguns deles — talvez todos. Estão cometendo um erro ao escolher a falsa sensação de segurança que a quantidade dá, ignorando o conselho do professor Kaori de enfrentarmos esse desafio sozinhos, mas nada do que eu disse nos últimos dias os dissuadiu. Tentar convencê-los agora seria inútil, e hoje não é dia de gastar energia desnecessária nem de desperdiçar tempo.

As únicas decisões que eu posso influenciar são as minhas. Preciso encontrar a árvore mais alta e mais central do Vale, e então ficar de vigia enquanto observo os dragões lá embaixo, até

sentir aquele que deve ser o meu. É um plano simples e, espero, eficiente. Devo estar de volta ao campo de voo dentro de uma hora.

Uma silhueta se mexe na minha visão periférica, e meu estômago embrulha enquanto olho na direção da ameaça, virando bruscamente a cabeça para a direita bem quando alguém com as vestes cor de creme dos escribas sai por detrás de uma árvore de tronco largo, a quatro metros de distância.

— Dragões detestam multidões. Boa escolha decidir lidar com isso sozinho — diz meu pai com um aceno de cabeça.

A luz do sol reflete nos fios dourados do brasão de major costurado no ombro de sua túnica enquanto ele vem na minha direção, abrindo os braços.

— Pai? — Mal tenho tempo de recolher meu queixo caído antes de ele me puxar para um abraço e dar um tapa forte nas minhas costas. Eu me seguro nele, respirando fundo o aroma tranquilizante de pergaminho que sempre fica no uniforme, e algo no meu ser se endireita e me firma. Minha mãe pode ser a coluna vertebral da família, mas meu pai é o coração. — O que você está fazendo aqui?

— Aqui em Basgiath? — Ele se afasta, abrindo o sorriso largo que minha mãe sempre jurou que compartilhamos. Também temos o mesmo tom avermelhado de cabelo, embora o dele esteja grisalho em algumas partes e o meu costume ficar ondulado, e também tenho o nariz reto, idêntico ao dele. Quanto mais velho fico, mais parecido fico com meu pai, o que não me incomoda nem um pouco. — Ou aqui no Vale?

— As duas coisas. — Poucos escribas têm autorização para entrar na Divisão dos Cavaleiros, mas *nenhum* tem permissão para testemunhar a Ceifa. — Achei que você tivesse recebido uma missão secreta em algum lugar.

Ele está viajando desde maio, o que não é incomum, considerando que é um dos escribas acadêmicos dedicados à análise histórica em vez do registro de acontecimentos atuais. Às

vezes ele desaparece por meses a fio, primeiro para fazer pesquisa, e depois para escrever, mas sempre traz os melhores presentes das viagens.

— Voltei em agosto. — Ele franze o cenho. — Desculpe por ter perdido o seu Dia do Alistamento, mas de jeito nenhum ia deixar você ir para a Ceifa sem te ver.

Disparo o olhar para a floresta ao nosso redor e fico um pouco mais tranquilo ao ver que não há nenhum outro cavaleiro por perto.

— Fico aliviado por você estar aqui, mas as regras não perdoam ninguém, e se você for pego...

— Se eu obedecesse às regras, minha patente seria bem maior. Não se preocupe comigo. Vou correr o risco com a nova comandante da Divisão dos Cavaleiros. — O sorriso dele fica ainda mais largo. — Aquela coronel recém-nomeada tem um fraco por mim.

Dou risada.

— Acho que eu jamais usaria “fraco” em uma frase que se refere à mamãe. Ao menos não na cara dela. — Minha expressão desmorona, uma liberdade que não me permito desde que atravessei o Parapeito em julho, mas não preciso ficar atento quando meu pai está aqui. — Ela só amolece com duas pessoas no Continente inteiro, e, se eu fracassar hoje, vai restar só uma.

— Você é o favorito, com as suas irmãs ela é gentil à sua maneira, quer vocês três percebam isso ou não. — Meu pai me segura pelos ombros, os olhos cor de mel se suavizam. — E você não vai fracassar.

— Não quero decepcioná-la — admito, em um sussurro. — Não quero decepcionar vocês dois.

Em nenhum momento da minha vida deixei de estar plenamente ciente das conquistas do meu pai ou do respeito que minha mãe incita em todos os cavaleiros que já conheci. Não me importo com o peso do legado dos dois, mas também não quero ser definido por eles, o que é difícil pra caralho considerando

que escolhi usar o uniforme preto dos cavaleiros.

— Você ficou bravo por eu não ter entrado na Divisão Hospitalar depois de você gastar tanto tempo me ensinando sobre plantas? — pergunto.

Minha mãe focou em me ensinar tática e estratégia, como se ela sempre soubesse que eu iria atravessar o Parapeito.

— Nunca. Me escute. — Meu pai chega mais perto. — Seria impossível você me decepcionar, Brennan. — Ele balança a cabeça, buscando meus olhos com os seus. — Sua integridade, compaixão e inteligência tornam você um homem de caráter excepcional, o tipo de pessoa de que qualquer pai sentiria orgulho. Sua mãe vai ficar eufórica quando você pousar no campo de voo, não importa qual dragão seja sábio o bastante para reivindicar você. A única expectativa dela é que você fique vivo, e acho que você vai perceber que isso tem muito mais a ver com o fato de ela ser sua mãe do que sua comandante. Nosso coração não aguentaria se alguma coisa acontecesse com você.

Eu assinto com a cabeça, engolindo o nó de emoções que tenta a todo custo bloquear minha garganta.

— Como estão Mira e Violet?

Minha mãe não me trata diferente na Divisão, o que significa que não recebo cartas nem notícias do resto da família, assim como todos os outros primeiranistas. Nunca pensei que viveria para ver o dia em que sentiria saudades das minhas irmãs mais novas me irritando o tempo todo, mas eu sinto. Constantemente. Sinto falta dos passos de Mira me seguindo, e da forma como Violet sorri quando aprende algo novo.

— Teimosa e perigosamente curiosa. Nessa ordem. — Outro sorriso aparece no rosto dele, e ele retrai a mão. — Mira quase esganou Dain Aetos semana passada quando Violet caiu de uma árvore em que os dois estavam subindo.

— Ela é meio superprotetora. — Um sorriso aparece na minha boca, e rapidamente some. — A Violet se machucou?

Ela sempre foi mais frágil do que Mira e eu, e costuma

deslocar muitas articulações e quebrar os ossos, mas a força que ela carrega na mente é incomparável.

Um grito ressoa ao sul, e viro a cabeça na direção da floresta, mas meu pai nem se mexe. Meu coração dispara, e fumaça sobe por entre as árvores instantes depois, cobrindo o ar com um alerta de perigo iminente. Pessoas estão morrendo, e estou prestes a encarar o mesmo destino.

— Violet está bem. Nada que não possa ser regenerado — garante meu pai, me despertando dos pensamentos.

— Ótimo.

Graças aos deuses pela existência dos regeneradores. É um dom raro, mas cavaleiros com o sinete de consertar coisas quebradas, como Nolon, são uma benção para minha irmã. Precisamos de mais deles.

Uma árvore pega fogo no horizonte, e minha boca fica seca.

— Então, que cor você está torcendo para ter? — pergunta meu pai, em tom casual.

— Adoraria um dragão preto, mas não tem nenhum disposto a fazer união este ano. Estou mais inclinado aos verdes, considerando que são de natureza mais confiável e sensata. Marrom seria ótimo também. — Passo o polegar no queixo. — Qualquer um que não seja laranja.

— Nunca se sabe. Um pouco de imprevisibilidade poderia te fazer bem. Para te equilibrar e tudo o mais. — Um sorriso aparece na boca dele.

— Por Zihnal, não. — Empalideço e envio uma prece ao deus da sorte. — Fogo e impulsividade nunca deveriam se misturar.

— Só lembre que Zihnal não favorece apenas aqueles que precisam de sorte, mas também aqueles que aceitam os presentes dele sem hesitar. — Meu pai gira uma conta preta na pulseira que usa no pulso esquerdo, e então a tira e entrega para mim. — Um dragão certamente é o maior presente que um deus pode dar, mas quero que você fique com isto também.

— Mas você usa isso desde... sempre. — Enfio a pulseira no

pulso. Ainda está quente do calor corporal dele.

— E agora vai ser seu. Vou me sentir melhor sabendo que está levando um pedacinho meu com você.

— Obrigado. — Reviro a pulseira como eu o vi fazer milhares de vezes.

Outro cadete grita ao sul, nas profundezas da floresta, e nós dois nos viramos para aquela direção.

Engulo em seco. Com dificuldade.

— Preciso ir.

— Eu te amo, Brennan. — Ele me puxa para outro abraço, e eu o seguro com força. — Da próxima vez que nos encontrarmos, você já vai ser um cavaleiro — diz ele, o tom calmo como sempre.

Não há desespero nenhum nesse abraço; nenhum medo de que essa talvez seja a última vez que nos vejamos força o aperto.

— Eu vou — prometo. É a certeza na voz dele, a tranquilidade de que vou sobreviver a este dia que enfim me permite soltá-lo. Meu pai nunca esteve errado sobre nada, e não vou ser eu a provar que ele é um homem falível hoje. — Eu também te amo.

— Não fique ansioso, Brennan. Aproveite este dia. Os dragões amam os Sorrengail.

Ele se afasta, desaparecendo entre as árvores com uma facilidade que me faz questionar quantas vezes ele se mesclou com a paisagem em diversas situações perigosas em nome da sua pesquisa.

Eu me viro para o meio da floresta, controlo a respiração e o coração acelerado, então endireito os ombros.

Vamos nessa.

As folhas de outono são esmagadas sob minhas botas conforme ando por entre as árvores, tentando ouvir aquela vozinha que Kaori mencionou, esperando que meus instintos me direcionem. Lá em cima, o marrom preenche o ar enquanto um dragão se lança aos céus. Imagino que não seja o meu.

— Estou falando, eu vi um azul por aqui! — grita alguém.

— Não tem nenhum azul na lista de Kaori — responde outra pessoa.

Estou com o aviso para se separarem na ponta da língua quando o fogo irrompe entre as árvores à minha esquerda. Eu salto para trás do tronco de um pinheiro gigantesco, meu coração palpita enquanto as vozes se calam. Um Rabo-de-escorpião-vermelho aparece, e eu prendo a respiração, instintivamente sabendo que esse *não* é o meu.

Espero até o dragão passar por um espaço ali perto, e então levanto o olhar para os galhos esparramados da árvore que usei como abrigo. Essa, sim, é uma árvore em que Violet adoraria subir.

E vai me dar o melhor ponto de vantagem.

Galho a galho, escalo a árvore o mais silenciosamente que consigo, tomando cuidado para não deixar que a espada embainhada na minha cintura enganche no tronco. Um dragão ruga a distância, seguido por um grito, mas continuo subindo com foco inabalável. Se eu ceder ao medo fazendo meu coração bater com a sutileza de um aríete, os dragões vão conseguir sentir o cheiro dele.

Dragões não se unem a covardes.

Os galhos acima da minha cabeça começam a ficar escassos e mais finos, e nenhum deles parece capaz de aguentar meu peso, então deixo os pés exatamente onde estão, agarro o galho mais fino acima com as duas mãos e olho para a floresta.

Um caleidoscópio de cores enche minha visão. O topo das árvores exhibe uma variedade tons outonais, com as folhas fornecendo camuflagem a todas as cores de dragão, exceto os azuis e os pretos, que se abstiveram da Ceifa este ano. Galhos oscilam em diversos lugares da floresta, sem dúvida balançados por dragões que caçam sob a copa das árvores. Vejo três – contando melhor, quatro – feixes de fumaça, e um incêndio preocupante a leste que certamente merece a atenção de um dominador de água. Um Rabo-de-adaga-verde corta o ar a

oeste, enquanto uma cavaleira se segura no assento à medida que o dragão bate as asas em busca de mais altitude.

O meu está ali, em algum lugar.

Fecho os olhos e escuto meu coração acelerado, e torço para que ele me puxe na direção do dragão a quem devo me unir, mas não sinto nada. Nenhum puxão. Nenhuma cutucada. Nem mesmo o sussurro de uma cócega. Só a brisa quente soprando no rosto.

Meu plano brilhante talvez não seja assim tão brilhante, afinal. Teria sido bom se mamãe tivesse me dado algum conselho ou me avisado sobre... qualquer coisa. O Parapeito. A Armadilha. A Apresentação. A futilidade de subir em árvores. Eu deveria escrever todas essas merdas para que Mira não precise descobrir tudo sozinha.

O calor se intensifica de repente, e eu abro os olhos.

Meu coração vai parar na garganta.

Um focinho escamado e laranja-escuro paira a dois metros do meu rosto, soprando vapor pelas ventas gigantescas, que têm metade da minha altura. A nuvem de ar quente atinge minha face um segundo antes de o dragão inclinar a cabeça, me fazendo congelar ali mesmo com seu olhar dourado inquisitivo. Os chifres fazem curvas atrás da cabeça, mas não consigo ver as pontas – nem o resto do corpo – enquanto a cabeça está encaixada entre os galhos de uma árvore.

O certo seria eu desviar o olhar, abaixar a cabeça em súplica e recuar sem me intrometer no campo de visão do dragão, mas não consigo. Meus pés parecem colados no galho. Pela primeira vez na vida, faço o oposto do que é para eu fazer, e fico encarando.

— *Somente passarinhos deveriam ficar no topo de árvores.* — Uma voz rouca e masculina ecoa na minha cabeça. — *Você é um passarinho, Sorrengail?*

— Que porra é essa? — exclamo, e minhas mãos dão um tranco, soltando o galho. Eu escorrego, meu estômago parece me

abandonar, e a gravidade reivindica seu prêmio quando caio da droga do galho.

Colido contra o ramo abaixo e me atrapalho para me segurar, enganchando os braços por cima do pedaço de madeira úmido de vapor que minhas botas tinham ocupado segundos atrás e que raspa a pele nua do meu antebraço. Eu chuto o ar enquanto o dragão embrenha o focinho por entre as árvores, batendo as asas devagar para continuar pairando no ar.

— *É precisamente por isso que humanos não deveriam subir em árvores.*

— Eu não costumo cair delas! — grito, de forma ilógica, quando meus pés enfim encontram um galho mais baixo para usar de apoio. — E você não deveria falar com humanos que não são seus.

— *E você não deveria olhar um dragão no olho, e, ainda assim, aqui estamos.* — Ele inclina a cabeça como se me examinasse. — *Que tal brincarmos de um jogo, Sorrengail primogênito?*

— Não — respondo de imediato, mas não consigo desviar o olhar dele, sentindo o orgulho ferido. — E meu nome é Brennan.

Onde está o dragão verde previsível que deveria ser meu? Ou o marrom astuto e sutil que imaginei?

— *Você ainda precisa fazer por merecer seu nome. Seu sobrenome ainda fala mais alto. Por que é que está procurando um dragão tão entediante quanto você?* — questiona o dragão.

Putá merda, ele acabou de mirar direto em todos os problemas da desgraça da minha vida. Espera aí... entediante?

— Eu não sou entediante — rebato, tirando a mão do galho de cima e xingando o arranhão cheio de sangue que corta meu antebraço. — Sou leal, inteligente, o melhor estrategista do meu ano...

— *E entediante.* — As narinas se inflam quando ele respira fundo antes de soltar mais uma baforada vaporosa. — *Não precisa me contar todas as coisas que já sei sobre você para provar isso. Você está tão determinado a continuar sob a sombra da sua mãe que*

deseja a mesma raça que se uniu a ela?

Abro e fecho a boca como se fosse a porra de um peixe.

— *Não está ansioso por um desafio? Por alguém que o desafie? Ou meu instinto está errado? Encontrei apenas um pardal dócil em vez do gavião astuto que procurava?*

O dragão laranja estreita os olhos, ainda pairando.

Instinto? Espere aí. Esse dragão laranja está mesmo me escolhendo?

— *Se precisa perguntar, talvez devesse repensar sua alegação prévia de que é inteligente.*

Só que os laranjas são erráticos, rabugentos e – pior de tudo – imprevisíveis.

— *Agradeço, Sorrengail* — responde ele.

Ignoro o orgulho ferido e solto uma risada, o que é sem dúvida uma resposta inapropriada à Ceifa. *Um dragão certamente é o maior presente que um deus pode dar.* Foi o que meu pai me disse. Se este é o dragão a quem devo dedicar minha vida, quem sou eu para recusar um presente tão monumental? E que ironia que o melhor conselho sobre a Ceifa que recebi tenha vindo do meu pai escriba. Eu respiro fundo para me fortalecer, e então assinto com a cabeça, afastando da minha mente todas as expectativas que tive para este dia.

— Vou topar seu jogo.

— *E se eu já tiver mudado de ideia sobre você?* — Ele arreganha os dentes afiados.

Meu coração acelera, mas sigo firme.

— Você não mudou, porque, a esta altura, já teria voado ou me incinerado.

— *Pense em todas as batalhas que vamos vencer com esse seu cérebro de passarinho.* — O tom do dragão contém certa empolgação, fazendo-me questionar a ofensa. — *Se conseguir encontrar seu assento sem tocar o chão, aceito você como meu.*

— E se eu não conseguir? — pergunto, já calculando mentalmente a distância do fim do galho até as narinas

ressaltadas.

— *Não quero um cavaleiro incapaz de se adaptar à minha natureza imprevisível. Ou você cairá para a sua morte tentando, ou verei se suas penas ruivas e onduladas queimam.*

— Então é menos um jogo e mais um ultimato? — questiono, balançando levemente no galho para testar o movimento no local em que fica mais fino, a cerca de um metro do focinho dele.

— *Tudo é um jogo se você for esperto o bastante para ver o tabuleiro.*

Nunca ouvi palavras mais verdadeiras.

— Combinado. — Abro um sorriso.

É. Esse cara é meu. Esperar que ele concorde seria tolice, porque é bem capaz de recuar só para se divertir ao me ver cair. Então começo a correr, e meus pés voam por cima do galho. Acelero, meu olhar fixo na ponta cheia de folhas, em busca do menor sinal de que a coisa vá ceder sob meu peso.

No segundo em que o galho oscila, eu salto.

Pelos breves segundos em que estou suspenso no ar, o tempo desacelera e se arrasta no mesmo ritmo das batidas do meu coração, enquanto o dragão laranja bate as asas, preparado para se afastar. Esses ou são os primeiros momentos do resto da minha vida, ou os últimos da minha existência. Meus braços giram pelo ar como se eu conseguisse usá-los para atravessar a distância, e meus pés chutam enquanto o impulso me leva na direção do dragão.

Essa definitivamente não é a forma como Kaori nos ensinou a montar.

Caio com força no espaço entre as narinas do dragão. O ar escapa dos meus pulmões com o impacto, e me agarro no apoio que consigo encontrar, que, no caso, é a beirada de uma escama e a abertura de uma das narinas.

— *O passarinho sabe voar* — provoca ele, e, dito e feito, estamos voando pelo ar, com a cabeça dele já se afastando do galho.

Meus dedos afundam nas fendas entre as escamas, e cada músculo da parte superior do meu corpo se retesa enquanto me forço para cima, resistindo a apoiar o pé em qualquer lugar perto daqueles dentes. O chão passa por nós em um borrão, ou talvez seja a copa das árvores. De toda forma, não vou perder o foco para enxergar enquanto rastejo pelo rosto do dragão, usando a técnica mais absurda e pouco sofisticada conhecida – e desconhecida – da humanidade.

O ângulo muda, e de repente estamos mergulhando, o que torna ainda mais difícil ainda me içar por entre os olhos.

— É sério? — grito, mantendo a atenção na escama além daquela que estou segurando. — Como se já não fosse bem difícil?

— *Se você queria moleza, deveria ter se alistado na infantaria* — ele zomba.

Já entendi. A única coisa que posso esperar desse dragão é que ele faça o oposto do que eu estava esperando.

— *Você está aprendendo.*

Ele sobe do mergulho enquanto os galhos roçam a lateral do focinho dele, e eu alcanço o topo da cabeça. A mudança abrupta de direção me faz escorregar entre os chifres e deslizar pelo pescoço. Tudo que consigo fazer é jogar o peso do corpo de um lado para o outro, desviando por pouco dos espinhos afiados do pescoço que não formam nenhum padrão visível até a altura dos ombros.

Por Dunne, ele deve estar fazendo uma subida praticamente vertical, porque o topo das árvores do Vale está abaixo da ponta mortal do rabo de adaga afiadíssimo, e, se eu não conseguir conter o impulso, vou acabar deslizando direto para os braços da morte. Não há como sobreviver a uma queda dessa altura; restaria apenas o resgate do cadáver.

A adrenalina me inunda quando lanço as mãos para baixo, aceitando seja lá qual dano as escamas possam causar, tudo para conseguir um pouco de tração. Dor ondula pelos meus braços,

mas me seguro na rebarba de uma das escamas pouco acima dos ombros e afundo a sola das botas nas escamas mais próximas, o suficiente para rolar de bruços.

O vento me atinge de frente enquanto o dragão continua a subir em direção ao sol do meio-dia, e vou escorregando uma escama por vez, certificando-me de enganchar os dedos dos pés entre algumas delas ao descer em direção ao assento. A gravidade está pouco se fodendo para o fato de eu ser filho de Lilith e Asher Sorrengail. Será por mérito meu que vou conseguir fazer isso.

Meus pés deslizam pelas escamas do pomo, então pelo declive liso do assento. Não há apoio para o pé ali, nenhuma forma de me acomodar na posição. Pular da árvore foi uma coisa, mas vou precisar da sorte de Zihnal encarnado para conseguir essa façanha. Meu coração bate com tanta força que o sinto nos ouvidos, a visão lateja no mesmo ritmo das asas batendo enquanto chego à fileira seguinte de escamas, segurando-me nele apenas com as mãos.

No segundo em que seguro as escamas do pomo, solto um brado de triunfo.

— Eu ganhei! — grito contra o vento que arranca a umidade dos meus olhos.

— *Não existe mais eu* — corrige ele, enquanto volta para a horizontal, e minha bunda enfim se acomoda no assento. — *Só existe o nós agora.*

Dobro os joelhos e travo a ponta das botas entre as escamas, assim como Kaori nos ensinou, firmando-me no assento.

Então o maldito dragão mergulha em uma espiral.

— *Marbh* — diz ele. — *Não maldito dragão. Mas eu também respondo por Glorioso, Brilhante ou Escolhido de Zihnal, caso prefira.*

— Acho que vou ficar com *Marbh*! — grito.

O chão gira como um cata-vento, e eu me empurro contra o pomo para ficar no assento, desafiando a força centrífuga e a gravidade para provar o meu valor.

— *Seu valor não está mais em questão* — Marbh começa o sermão. — *Agora é apenas a força do seu estômago que precisaremos testar.*

Sobe. Desce. Sobe. Desce. Sobe. Desce.

Ele sobe pelo ar, então mergulha até meu rosto ficar esverdeado, e me arrependo de cada escolha que fiz no café da manhã, mas me mantenho no assento. Faço jus ao meu uniforme preto. Quando olho para cima, o campo de voo está no horizonte, o terreno do cânion quadrado pontilhado com todas as cores de dragões que se reuniram para assistir, e também aqueles que já pousaram com seus cadetes. Só posso torcer para que meus colegas de esquadrão — e Ennis — estejam entre esses cavaleiros.

— *Só existe o nós agora* — Marbh repete, enquanto voamos na direção de casa. — *Marbh e Brennan.*

Não sou mais apenas um Sorrengail.

Sou o cavaleiro de Marbh.



627 D.U.
Teine – Rabo-de-clava-verde
(Macho) Descendente da linhagem Cruaidhuaine
Idade estimada: 41
Cavaleiros registrados: 0

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



MIRA

Faz anos que treino para este dia. E ele enfim chegou, mas, como Zihnal tem seus truques, o Rabo-de-clava-verde que eu vi na Apresentação não está em lugar nenhum.

Teine. É o nome que os cartões da Ceifa mostravam. Acho. Ficar encarando durante a Apresentação não é uma ideia muito boa, mas dei uma única olhada no dragão e simplesmente *soube*.

A floresta é um mar de cores. Passo a mão na testa suada, afastando as mechas de cabelo castanho curto, e encaro do galho mais alto da árvore mais alta que consegui encontrar. Ficar andando a esmo na última hora não me ajudou em nada, e, já que Brennan encontrou a união dele em uma árvore, imaginei que não me mataria subir em uma. A visibilidade seria incrível,

se não fosse o fato de que os dragões cabem *embaixo* das árvores menores, e os galhos delas bloqueiam a visão, mas eu vi alguns marrons, um par de laranjas e até tive um vislumbre de um azul disposto a se unir este ano, mas nem um único verde.

— Cadê você? — murmuro para o vento, recusando-me a ceder à frustração que parece se enraizar no meu estômago.

Brennan fez tudo parecer tão fácil no livro que ele me deixou, mas meu irmão mais velho perfeito e eu temos definições muito diferentes de “fácil”. Se eu não o amasse tanto, a simplicidade sem esforço com que ele se destaca em tudo que faz me irritaria pra caralho. Meu coração se aperta, e meus dedos se flexionam no tronco áspero da árvore enquanto olho para o sul, na direção de Tyrrendor e das linhas do front da rebelião daquela província.

Dunne, cuide do meu irmão.

Não existe preço que eu não pagaria para protegê-lo, mas preciso acreditar que a deusa da guerra está olhando por ele.

Espero que Fen Riorson arda em chamas por tentar fragmentar nosso reino. A frustração do duque por causa das regras regulatórias que controlam a mineração de Talládio, um dos minerais de que precisamos para fortalecer nossas égides, é compreensível, mas só encontramos esse minério em Tyrrendor. Até consigo ter empatia pela injustiça da taxa de alistamento obrigatório desproporcional da província dele, mas arriscar a segurança de todos os cidadãos navarrianos ao fazer um movimento separatista é imperdoável. Sem a província de Tyrrendor, nossos inimigos em Poromiel vão invadir nossas fronteiras, e perderemos a guerra que estamos travando há séculos. Inúmeros civis vão morrer se não abafarmos a rebelião.

Não pense nisso. Esse basicamente virou meu lema quando se trata do medo avassalador que finca as garras na minha garganta sempre que lembro que Brennan está no front, embora tenha se graduado apenas alguns meses atrás. Ele deveria estar em algum posto intermediário seguro, mas regeneradores, especialmente um tão poderoso quanto Brennan, são raros.

Nossos feridos precisam de toda a ajuda possível. Ao menos ele está sob o comando da nossa mãe em Luceras. Violet e eu podemos até ser dispensáveis para ela, mas ela move montanhas para proteger Brennan. Sem dúvida papai está mantendo Violet a salvo com os escribas no posto avançado, o que explica eu não ter recebido a visitinha pré-Ceifa que Brennan recebeu.

Isso definitivamente me faz colocar em perspectiva minha posição na família.

— Viu alguma coisa? — Cowan Zana pergunta da base da árvore, interrompendo meus devaneios.

Estremeço e olho para as a copa das árvores. A voz dele sai alta demais para o meu gosto.

— Não desde que o azul passou — respondo ao meu colega de esquadrão favorito em um tom muito mais baixo e amigável aos dragões.

Já estamos arriscando a ira dos dragões ao ficarmos juntos nessa última hora, mas eu não ia forçar Cowan a ficar sozinho depois que ele me pediu para ficar do lado dele. Nós já perdemos quatro primeiranistas do nosso esquadrão, e eu me recuso a deixar que Cowan se torne o quinto.

— Nada de vermelho? — pergunta ele, com a voz mais baixa.

— Prometo que eu te digo se eu avistar algum.

Eu me seguro no tronco com uma mão e desabotoo o colarinho com a outra. Normalmente o mês de outubro tem um clima bem ameno em Basgiath, mas hoje está quente o bastante para me fazer questionar se minha mãe está de visita, vindo do posto em Luceras e usando o sinete de dominar o clima para acabar com a minha vida. Não seria a primeira vez que ela dificulta as coisas só para me testar, como se não bastasse ter o sobrenome dela estampado no uniforme. Como se isso já não fosse um desafio e tanto.

Por outro lado, pelo menos os três anos que passou no comando da Divisão dos Cavaleiros foram durante a época de Brennan, não na minha. As coisas poderiam ser piores. Ela

poderia estar no comando ali, fungando no meu cangote com um lembrete constante de que os Sorrengail sempre ascendem ao posto de Dirigente de Asa.

Um grito perfura o silêncio da floresta ao norte, e eu viro a cabeça bem a tempo de ver as labaredas encobrindo uma pequena clareira naquela direção. É, as coisas definitivamente poderiam estar piores.

Um repuxar no meu peito desvia minha atenção para um lugar cem metros a oeste, onde uma árvore começa a balançar atrás da outra, como se um dragão estivesse vindo.

— É você? — sussurro, a esperança inundando o meu peito.

Mexa-se, meus instintos gritam, e os pelos dos meus braços se arrepiam.

Obedeço à sensação, descendo rapidamente pela árvore e escorregando mais de uma vez sempre que a minha espada se engancha nos galhos.

Violet morreria de rir se pudesse me ver agora, toda atrapalhada com uma das coisas na qual ela é a melhor. Aquela garota também me deixaria no chinelo na parte acadêmica, mas o aspecto físico da Divisão dos Cavaleiros acabaria com o sorriso fofo dela em cinco segundos. Graças aos deuses, minha irmã caçula está estudando para ser uma escriba, como nosso pai, e nunca vai precisar conhecer o medo que parece residir nas minhas veias desde o instante em que botei o pé no Parapeito.

— Tem alguma coisa vindo. — Pulo os últimos metros e pouso no chão coberto de folhas, perto de onde Cowan está esperando, dobrando os joelhos para absorver o impacto, então espano as mãos na calça.

— Vermelho? — pergunta ele, a esperança brilhando em seus olhos castanho-escuros.

— Não vi a cor das escamas.

Definitivamente não vou dizer que acho que é Teine, porque tem poucas coisas que odeio mais do que estar errada.

— Aff. — Ele joga a cabeça para trás e solta um grunhido,

enquanto a luz do sol faz brilhar as gotas de suor da pele morena das bochechas.

— Você é mais do que bem-vindo a subir, se acha que consegue se sair melhor que eu — ofereço, apontando para o tronco enquanto avalio a linha das árvores, torcendo para ter um vislumbre do que alertou todos os meus instintos.

— Minha altura não tem conserto. — Ele dá um pulo, esticando a mão para pegar o galho mais próximo, mas só agarra o ar, a ponta dos dedos apenas roçando as folhas antes de ele voltar para o chão. — Confie em mim, se eu pudesse crescer espontaneamente mais uns dez centímetros e te alcançar, eu adoraria. — Ele abre um sorriso rápido. — Aí, quem sabe *eu* seria o melhor do nosso ano. Ou no mínimo teria alguém para competir com você pelo título.

— Eu não sou a melhor...

Galhos quebram ali perto, e nós dois nos viramos para a esquerda.

Por favor, seja Teine.

Um focinho vermelho como rubi aparece por entre as árvores, muito baixo no chão em posição de combate enquanto o Rabo-de-escorpião passa a cerca de doze metros, não nos dando atenção nenhuma. Baixo o rosto para o chão da floresta, para o caso de o vermelho lançar um olhar para nós, e travo todos os músculos do corpo.

O medo faz meu coração bater feito tambor em um ritmo cada vez mais rápido, irradiando por toda a coluna. Uma coisa é ver os dragões imensos com escamas ondulantes, espinhos intimidantes e garras fatais, mesmo quando estavam perto depois do Parapeito e na Apresentação. Outra completamente diferente é ver um passar ali do lado e saber que esse é o dia em que ou ele se une a você ou te mata. Considerando que a única conexão que senti foi com Teine, esse vermelho provavelmente vai me incinerar à menor das ofensas.

Cowan, por outro lado...

— Aí está seu vermelho — sussurro, olhando para ele.
— É, é ele. — Cowan assente, e os ombros se elevam e caem rapidamente enquanto encara o Rabo-de-escorpião-vermelho.
— Deuses, é agora.
— Tome cuidado...
— Deixa comigo — promete ele, abrindo um sorriso rápido.
— Nem você consegue me proteger do destino. — O arco bate em suas costas enquanto ele corre na direção da floresta, indo atrás do dragão. — Boa sorte, Sorrengail!
— Vejo você no campo de voo.

As folhas farfalham, e eu me viro para oeste, olhando na direção dos galhos balançando a distância. A mesma sensação de arrepio no braço surge duas vezes, mais intensa com a proximidade do movimento da copa das árvores.

Mexa-se.

Meu coração dispara, mas sigo a intuição outra vez, caminhando adiante no espaço largo entre as árvores, adentrando completamente na luz do dia. O movimento deixa minhas costas expostas, e não consigo evitar me perguntar se esse dragão quer que eu fique vulnerável para receber sua deferência.

Faço isso, e na mesma hora questiono se essa decisão vai me colocar na chamada da morte do dia seguinte.

O topo das árvores diretamente à minha frente se abre, e meu estômago vai parar na boca quando um enorme dragão verde surge a seis metros daqui, com as asas dobradas junto ao corpo para caber na floresta.

É ele. Teine.

O dragão abaixa a cabeça enorme, virando-a de um lado para o outro como uma serpente verde-escura. Uma serpente com pernas. E garras. E dentes. Saliva respinga por entre as presas quando ele as arreganha e avança.

Preciso de toda a minha disciplina para não recuar.

Putá merda. Putá merda. Putá merda. Isso está mesmo

acontecendo? Ou eu vou morrer porque meus instintos não são tão incríveis quanto eu acho que são, e esse não é o meu dragão? Eu meio que queria ter o sinete do general Melgren – a habilidade de ver o resultado de qualquer batalha, mas vou precisar seguir apenas os meus instintos.

O grunhido baixo sacode a espada na bainha, e lembro a mim mesma de respirar. Morrer de hipóxia seria uma vergonha ridícula considerando todas as formas de morte respeitáveis que devem estar rolando por aqui hoje.

Espera. Não é para eu olhar o dragão nos olhos, certo?

Não. Isso é com os vermelhos. Não... os verdes também. Baixo o olhar para as garras dele. Merda. Tem alguma coisa a ver com súplica e esperar aprovação.

Desgraça. Violet saberia a resposta. Estresse nenhum no mundo diminuiria os bilhões de fatos que essa menina consegue guardar na cabeça. Ela tem um hábito esquisito e fofo de recitar informações para ficar calma em situações em que seria melhor recuar para a própria segurança.

Recuar. Prendo o fôlego. É isso.

Nunca recue diante de um verde. Foi o que Kaori nos ensinou.

Preciso me manter firme, não importa o que aconteça. Parecia infinitamente mais fácil enquanto eu estava *sentada* em uma sala de aula, pensando na natureza mais sensata dos verdes. Nada nos dentes afiados da criatura na minha frente parece sensato, porque ele ainda é a porra de um *dragão*. Talvez ele considere sensato me comer de almoço para ganhar umas calorias em vez de simplesmente botar fogo em mim e sair andando. O que exatamente definiria “sensatez” em um dragão?

Fecho as mãos ao lado do corpo para não estremecer enquanto o verde sopra um hálito carregado de enxofre, me cercando de vapor. Ao menos não é fogo. Isso precisa ser um bom sinal. Será que Brennan estava assustado assim quando encontrou Marbh? Os joelhos de minha mãe tremeram quando Aimsir apareceu?

Duvido muito.

Teine abre a mandíbula, que fica maior que eu, e minha respiração titubeia. Em seguida ele solta um rugido de estourar tímpanos e que sopra meu cabelo para trás e me estremece até os ossos.

Não se mexa. Não ouse se mexer, porra. Enterro as unhas na palma das mãos, mas mantenho os pés fixos, mesmo quando meu coração ameaça pular do peito como se pudesse escapar.

O dragão lança a cabeça para a frente, fechando os dentes a poucos metros de mim, como se eu precisasse de um lembrete de que ele poderia me decapitar só por diversão, mas eu sigo firme.

Ele recua a cabeça só o bastante para incliná-la para baixo. Olhos dourados se estreitam na minha direção, avaliando-me descaradamente. Ergo o olhar para o dele, e isso ou é a melhor ou a pior decisão que eu poderia tomar. Acho que só o tempo dirá. Se ele vai me matar, pelo menos eu vou ficar sabendo.

— *Você esconde bem o medo.*

A voz dele é profunda, imponente. Meu coração palpita.

Ah, Deuses. Dragões só falam com os cavaleiros que escolhem.

— Se isso fosse verdade, você não saberia que estou com medo — retruco, deixando minha boca vencer o bom senso.

Kaori definitivamente descontaria alguns pontos na minha nota se pudesse me ver desobedecendo à regra mais fundamental: nunca falar com dragões que não são seus.

— *Não diga bobagem. Eu sei tudo sobre você, Mira Sorrengail.*

Ele balança o corpo e move o enorme rabo de clava para a esquerda. A cauda colide com o tronco de uma árvore grossa, e a madeira racha, depois estala e o som rasga o ar carregado.

Craque. A árvore grunhe enquanto mergulha pela folhagem, perdendo galhos até chegar ao chão. Lanço um único olhar só para ter certeza de que a trajetória da árvore não vai acabar em cima de onde estou no momento, mas o resto do meu corpo

continua imóvel. Se meu coração bater mais rápido, vai levantar voo muito antes que eu.

— *Tudo exceto o ponto em que você racha* — diz Teine, um instante antes de a árvore tombar no chão. O galho mais próximo causa um impacto tão perto que sinto a brisa bater na bochecha.

— Esse ponto não existe.

Luto para deixar a respiração regular. Meu pai zombaria de mim se eu agradecesse Hedeon por me dar a sabedoria de não me mexer, então faço uma prece rápida para Zihnal pela sorte de a árvore não ter me enterrado bem ali.

— *É o que veremos.* — Teine estica a pata, e uma das garras arranca a camada superior de folhas mortas a centímetros da minha bota sem sequer atravessar o solo. A precisão dele é muito mais assustadora que os dentes. — *Eu nunca fiz uma união antes porque me recuso a carregar um cavaleiro que cede sob pressão.*

Ele se estica adiante com uma única garra, e então a abaixa bem no centro da minha coxa esquerda. O couro rasga, e eu paro de respirar, sustentando o olhar estreitado do dragão enquanto a primeira onda de dor inunda meu corpo. A ardência sobe pela perna, e sinto a pele se abrir, mas me recuso a desviar o olhar do de Teine.

Essa união só funcionará se confiarmos um no outro.

Os dragões devem achar que confiança exige dor.

— Eu cresci em um caldeirão. — Forço as palavras por entre os dentes trincados. — Pressão é meu parquinho. Posso não ser a primogênita dos Sorrengail, mas ainda sou a filha mulher mais velha. Não existe ceder.

— *Ah, sim, os lendários Sorrengail.*

A dor logo se transforma em agonia enquanto a garra desce pela minha coxa. Trinco os dentes para não gritar, e de alguma forma consigo continuar em pé mesmo enquanto meus joelhos ameaçam se dobrar.

— *Estou curioso. Seu irmão é o filho de sua mãe, e sua irmã é a*

filha de seu pai, então a quem você pertence?

As palavras me atingem no fundo da alma e machucam muito mais do que o rasgo que ele fez na minha coxa. Ele não apenas encontrou minha única insegurança; ele a pegou nas mãos e deu uma cutucada para me ver sangrar. Ele tem razão. Brennan sempre foi da nossa mãe. Violet, do nosso pai. E eu... não sou de ninguém. Só que todos eles são meus, e isso basta.

— Eu só pertenço a mim. — Respiro fundo apesar de toda a dor que ele me inflige. — E talvez a você, mas só se você tirar essa unha da minha perna. Eu não tenho medo de você.

Os olhos de Teine faíscam por um breve segundo, e ele ergue a unha, fazendo-a pairar na frente do meu rosto. Meu sangue respinga da garra afiada, e minha perna começa a latejar.

Tudo bem. Esse tanto de sangue... me dá um pouco de medo.

— É verdade que não sou a favorita de ninguém. — Levanto o olhar da garra e o fito, para não ter de encarar a substância escarlate que antes corria nas minhas veias. — Mas isso só me ensinou a dar ainda mais duro nas coisas que consigo controlar.

— *E o que você fará com todo o poder que eu conceder a você?* — pergunta ele ao deixar a pata no chão, e então me encara, atento. — *Vai consertar coisas quebradas como seu irmão? Formar tempestades como sua mãe? Domar o fogo como sua avó? Encher as marés como seu bisavô...*

— Eu conheço bem o legado da minha família. Não precisa recitá-lo para mim.

Se ele insistir em continuar, vamos ficar nessa clareira até o cair da noite. A dor na perna está atingindo uma intensidade que faz meu corpo inteiro latejar, o que torna cada vez mais difícil continuar de pé.

— Não tenho como saber que sinete vou manifestar, mas vou usá-lo de todas as formas possíveis para proteger as pessoas que amo — digo. — Para proteger aqueles que você ama. Nenhuma dor que eu possa sentir vai mudar isso.

Teine recua a cabeça devagar e pisca.

— *Eu a aceitarei como minha primeira cavaleira, mas caso você caia a caminho do campo de voo, não ficarei de luto antes de escolher um segundo humano.*

— Brutal. Mas respeito isso. — Meu coração acelera por um motivo completamente diferente enquanto o medo é substituído por euforia. Ele está me escolhendo. Ou ao menos permitindo que a entrevista continue para chegar à fase de voo, e essa não me preocupa tanto. — Suponho que, se você me aceita como sua primeira cavaleira, é melhor eu te aceitar como meu primeiro dragão.

— *Cavaleiros não sobrevivem à morte dos seus dragões.* — Teine endireita a postura e enterra as garras no chão, misturando meu sangue com o solo.

— Nenhum senso de humor. Saquei.

Eu me levanto na ponta dos pés para testar a dor, mas não me dou ao trabalho de olhar para a minha perna. Ainda aguento o peso nela, então só vou lidar com seja lá qual dano eu sofri quando chegar ao campo de voo. Além do mais, se tivesse cortado uma artéria, eu já estaria morta a essa altura.

— *Como se eu fosse descuidado a ponto de feri-la fatalmente.* — Teine bufa com irritação. — *Eu sou a personificação do controle e espero o mesmo de você.*

— Excelente. Ótimo saber que estou começando mais um relacionamento fundado em expectativas pouco realistas.

Respiro fundo para levar ar aos pulmões e então corro até Teine, apesar da dor que envolve toda a parte inferior esquerda do meu corpo. Quando é hora de pular, eu salto no pé direito e consigo subir uma boa parte da perna dele antes de me segurar nas escamas e me alçar pelo resto do caminho.

Assim que chego ao assento, me posiciono como Kaori ensinou, mantendo as mãos nas escamas do pomo e usando as coxas para me segurar com força antes de levantar voo. É só quando olho para a esquerda que vejo a trilha de sangue sobre as escamas verdes. Ele pode ter deixado uma marca em mim, mas

eu fiz o mesmo com ele, à minha própria maneira.

— *Agora veremos se você consegue se segurar por tempo o bastante para relatar meu nome completo ao registro* — diz ele, agachando-se sob mim.

— Você nunca vai conseguir se livrar de mim. — Um sorriso se abre no meu rosto. — E vou te prometer uma coisa, Teine. Posso não ser sua última cavaleira, mas vou ser sua favorita.

Ele bufa, mas sinto um arroubo de aprovação pelo sussurro fraco da união que se forma no fundo da minha mente enquanto ele salta adiante e dispara pela abertura que criou nas copas quando derrubou a árvore.

Levantamos voo, e a dor na minha perna desaparece sob a pressão da adrenalina que sobe enquanto disparamos com o vento. Cada batida das asas de Teine nos leva mais rápido, fazendo meu sorriso ficar mais largo. Não é de admirar minha mãe ter convencido Brennan e eu a sermos cavaleiros. Nada no chão poderia se comparar a isto, à liberdade, à velocidade, à pura euforia. Vale cada uma das dores pelas quais a Divisão nos fez passar.

Minha perna protesta veementemente enquanto rodopiamos pelo céu, mas moldo o corpo nas costas de Teine e me seguro no assento como uma boa Sorrengail.

Quando enfim pousamos, estou zozinha por causa da emoção, do ar rarefeito e provavelmente de uma perda de sangue considerável, mas nunca estive tão feliz.

Solto um longo suspiro de alívio quando vejo Cowan parado orgulhoso na frente do Rabo-de-escorpião-vermelho, com uma atadura amarrada em volta do braço. Vamos celebrar depois, assim que o mundo inteiro souber que Teine *me* escolheu.

Cada passo que dou para atravessar o campo de voo é excruciante depois de desmontar, mas consigo não sofrer a indignidade de mancar por pura força de vontade. Meu olhar passa pelos cavaleiros que se reuniram na montanha e na plataforma em frente enquanto caminho na direção do

terceiranista que está cuidando da chamada. Panchek está presente, é claro, e até o general Melgren, que comanda todas as forças de Navarre, arranhou tempo para fazer uma aparição, assim como outros generais das Asas Leste e Oeste. Não vejo sinal da minha mãe.

Engulo o sabor amargo da decepção e lembro a mim mesma que tem uma guerra acontecendo e que precisam dela em outro lugar. Para ser sincera, prefiro mesmo que ela esteja no front com Brennan ou no posto avançado de Torseney, mantendo papai e Violet sãos e salvos. Ainda assim... Teria sido bom ver um pouco de aprovação nos olhos dela.

— *Minha aprovação é a única que você deve querer de agora em diante* — Teine começa o sermão.

Reviro os olhos, mas ainda estou sorrindo ao falar o nome completo dele para o registro, oficialmente me tornando a escolhida daquele dragão.

É melhor Tyrrendor tomar cuidado. Agora são dois irmãos Sorrengail que carregam o título de *cavaleiros de dragão*.



631 D.U.
Sgaeyl – Rabo-de-adaga-azul
(Fêmea) Descendente da linhagem Gormfaileas
Idade estimada: 64
Cavaleiros registrados: 3

**AVISO: NÃO SE APROXIMAR SOB NENHUMA
CIRCUNSTÂNCIA.**

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



XADEN

Os cadetes do primeiro ano entram na floresta ao sul assim que a neve começa a cair, mas fico aguardando na beira das árvores com os outros marcados enquanto a multidão passa por nós com uma exuberância que jamais vou compreender.

Pensando bem, aqueles navarrianos não devem precisar se preocupar com um dragão vendo seus segredos mais profundos e obscuros, seus pensamentos, suas memórias que os fazem acordar suando frio. Estão todos aqui porque se voluntariaram.

Nenhum foi jogado na Divisão dos Cavaleiros porque os pais foram líderes da apostasia, o termo t́rrico para nossa rebelião. Essa honra pertence aos dez que estão aqui, com relíquias da rebelião subindo pelo braço esquerdo – a marca que a maioria do reino acredita que nos foi dada de *presente* pelo dragão do general Melgren no dia em que nossos pais foram executados, três anos atrás.

Somos nós que temos algo a esconder, aqueles cujos pais lideraram uma rebelião pelo bem maior mas acabaram perdendo, e aqueles que todos os outros cadetes neste inferno de instituto querem ver mortos.

E, como filho de Fen Riorson, minha função é garantir que consigamos sair todos vivos.

Marcados. Separatistas. Traidores. Essas palavras são atiradas na nossa direção há anos, mas já nos acostumamos aos insultos. Os vitoriosos desumanizando os derrotados é um clichê com o qual todos aprendemos a conviver.

Em segredo, ajudamos uns aos outros quando podemos, nos estudos, na preparação para a Armadilha e na luta, mas não posso fazer nada quanto aos dragões cuspidores de fogo que nos aguardam naquela floresta, e isso está me *matando*. Se algum de nós morrer, vai ser minha culpa por nos colocar aqui, para começo de conversa.

— Quando você acha que deveríamos ir? — pergunta Garrick em voz baixa, à minha direita. O lábio dele ainda não sarou da última vez que Alic Baran o emboscou enquanto dormia.

Odeio esse filho da puta quase tanto quanto odeio o imbecil do pai dele.

À minha esquerda, Soleil me lança um olhar, buscando pela mesma resposta.

— Ainda não. — Mantenho a voz baixa. — Não vamos ficar de costas para eles se pudermos evitar.

Os dois assentem e repassam a mensagem aos outros que estão ao lado deles nas fileiras.

— Prontos para morrer, separatistas de merda? — sibila Amber Mavis na nossa direção, estreitando os olhos azuis para nós antes de dar uma corridinha para alcançar um punhado dos seus colegas de esquadrão. Ela é a última dos navarrianos a entrar no Vale.

Ela que vá para a casa do caralho junto com o complexo de superioridade dela.

Fecho as mãos ao lado do corpo, mas respiro fundo e engulo a raiva. Não é a primeira vez que ouvimos isso, e me deixar dominar pelas emoções não vai me levar a lugar nenhum. Assim que entrarmos no meio das árvores, vale tudo – os cadetes têm a mesma probabilidade de nos matar quanto os dragões –, mas Kaori ainda está de olho, e eu sou inteligente o bastante para não desobedecer ao Códex na frente de um professor. O homem pigarreja como se para nos lembrar de que ainda está parado entre nós e a floresta, como se houvesse a possibilidade de termos esquecido.

— Já que falar com mais do que três de vocês de uma só vez é uma oportunidade que nunca me foi dada, graças ao Adendo Quinto do Código de Conduta, vou aproveitar — diz Kaori, e flocos de neve se acomodam em seus cabelos pretos antes de derreterem.

Quase nunca neva nessa época em Basgiath, mas hoje uma frente fria chegou com força, cedo o bastante para vestirmos os uniformes mais pesados do inverno e os casacos. Não consigo deixar de pensar se é a general Sorrengail me zoando com o clima só para tornar tudo mais difícil. Não esperaria menos dela. Ela pode ter feito um acordo comigo que nos colocou aqui na Divisão em vez de ficarmos de frente para o carrasco, mas ela também é a mulher que caçou nossos pais. Por mais que eu fosse adorar me esgueirar pelo campus principal e matar a filha caçulinha dela, só para ela sentir a dor que os cento e sete de nós precisam viver todos os dias, isso acabaria matando todos os marcados. Por enquanto vou precisar me contentar sabendo que

ela ainda está de luto pelo primogênito.

— Sei que a Divisão não tem sido fácil para vocês dez. — As rugas de preocupação aparecem entre as sobrancelhas escuras de Kaori enquanto ele percorre a fileira formada pelo nosso grupo. Ele e Devera são os únicos professores que não nos tratam como párias. Tenho quase certeza de que os outros estão torcendo para os dragões nos matarem hoje, só para não precisarem se preocupar com a possibilidade de que acabemos como nossos pais. — Mas eu já vi o que acontece depois da Ceifa, a forma como a dinâmica de poder se altera assim que dragões poderosos se unem aos cavaleiros. Eu prometo que os outros vão parar de atacá-los assim que estiverem com um dragão atrás de vocês.

Nenhum de nós responde.

— Certo. — Kaori sacode a neve do cabelo. — Cuidado com Cruinn, Raighmur e Tealach. Todos eles tiveram cavaleiros mortos durante a rebelião, e vão ficar...

— Felizes em nos devorar? — Carrigan Wyckley sugere à minha esquerda, onde está parada ao lado de sua gêmea idêntica.

As duas estão no esquadrão de Amber Mavis na Terceira Asa, e não tenho dúvidas de que Amber vai aproveitar a falta de supervisão hoje para tentar eliminar as duas. Que bom que a maioria de nós é formada por excelentes lutadores, e isso inclui as gêmeas.

— Essa concepção de que dragões comem pessoas é errada. — Kaori tenta sorrir para nós. — Claro, com certeza vão ingerir alguém se for necessário para completar o consumo calórico diário, mas...

— Nós entendemos o que você está querendo dizer, professor — interrompe Garrick antes de Kaori começar a dar uma aula.

— Ótimo. — Kaori assente e une as mãos. — Então eu vejo vocês no campo de voo. Lembrem-se de se separar assim que puserem o pé lá. Temos alguns alunos do segundo e do terceiro ano de olho, e eles vão fazer todos cumprirem o Código de

Conduta.

Ele caminha na direção do morro, deixando nós dez na beirada da floresta.

Nove pares de olhos se voltam para mim.

— Acha que ele desconfia? — pergunta Bryn, erguendo a mão esquerda, onde os rodopios cintilantes da relíquia que é quase uma tatuagem espiam logo acima do pulso sob a manga do uniforme.

— Duvido.

Travo a mandíbula, frustrado. Saber tudo que acontece ao nosso redor é impossível, mas não saber quem está a par dos nossos segredos pode acabar nos matando. As relíquias nos nossos braços servem para mais coisas do que nos marcar como filhos de traidores, mas, quanto mais tempo conseguirmos esconder essa informação, melhor.

— Algum último conselho sábio antes de entrarmos? — pergunta Soleil, abotoando o casaco até o pescoço.

— Fiquem com uma arma na mão o tempo todo. — Levo a minha às costas e pego uma das duas espadas que deixo embainhada lá, exatamente como Garrick. Todos eles desembainham suas armas escolhidas. — Esqueçam o que Kaori falou sobre irem sozinhos e se dividam em pares, assim como combinamos. Lembrem-se de que as ameaças de duas pernas são tão perigosas quanto as de quatro. Não hesitem em se defender e não mostrem misericórdia, porque vocês não vão receber nenhuma. Nos encontramos na árvore hoje à noite.

Todo mundo assente, mas vejo alguns encararem o chão, e os ombros de Howell estão caídos em derrota. Entre todos nós aqui, ele é o único que não é týrrico, mas o pai dele e seu dragão lutaram do nosso lado, o que o fez receber a sentença de morte.

Uma cacofonia nos faz olhar para o céu, e uma legião de dragões explode pelas nuvens acima de nós. Até mesmo eu perco o fôlego. Todas as raças, exceto os pretos, estão dispostas a se unir este ano, e eles vêm com tudo para a floresta, com a força

de um terremoto, cento e sessenta e três deles pousando nas árvores.

Acho que chegou a hora.

— Os dragões sabem o que os nossos pais fizeram. — Masen ajeita os óculos sobre o nariz, nervoso.

— Sim, e é bom lembrar que uma parte do Empyriano ficou do nosso lado — diz Garrick, ajustando o punho na espada. O cara cresceu mais uns dez centímetros nesse último ano, o que deixou seu corpo robusto um pouco desajeitado. — Existem dragões aqui que sabem o que está lá fora, e vão fazer a mesma escolha. Só precisamos encontrá-los antes de os outros nos encontrarem. Não é uma tarefa impossível.

— Pois parece. — Cerella Wyckley recosta a pele negra da bochecha no ombro da irmã.

— Vocês todos vão continuar vivos — ordeno, elevando a voz, e eles endireitam a postura. Excelente. Entrar na floresta já derrotado é o equivalente a um suicídio. — Vocês vão viver pelos nossos pais, pelos nossos irmãos e um pelo outro. Somos os dez primeiros a entrar nessa Divisão, mas outros noventa e sete ainda vão vir depois de nós, e vamos mostrar a eles não apenas que dá para sobrevivermos a este lugar, mas que podemos nos dar muito bem aqui. — Bodhi vai vir para cá no ano que vem, e Liam no ano seguinte. A ideia do meu primo e do meu irmão de criação de enfrentarem isso aqui faz meu estômago embrulhar. — Nós temos uma missão e vamos cumpri-la. Não estaremos na lista de mortos de amanhã. Eu proíbo vocês, porra. Vocês me entenderam?

Sustento o olhar deles, um por um, e todos assentem. Até Howell.

Os pares começam a se afastar nas direções designadas.

As gêmeas a leste.

Howell e Weylan fazem um caminho entre as gêmeas e o meio.

Keanan e Bryn saem de mãos dadas a oeste.

Soleil e Masen desaparecem entre as árvores à direita.

Garrick e eu vamos direto para o meio da floresta, e a neve desaparece quando chegamos sob a cobertura das copas das árvores gigantescas. Olho de um lado para o outro, e então para trás, procurando ameaças.

Um sorrisinho aparece no rosto de Garrick no segundo em que os outros estão longe da vista.

— Ah, o amor de infância. Keanan e Bryn ainda estão firmes e fortes, mesmo depois de serem mandados para casas diferentes. Me dá esperança, sabe?

— Amar alguém nesse lugar é uma burrice tremenda. — Balanço a cabeça, vigiando as árvores em busca de movimento. — Te deixa vulnerável. Ser vulnerável é ser fraco. E dragões matam coisas fracas.

— Como você é romântico. — O sorriso de Garrick fica ainda mais largo, o que faz reabrir o corte em seu lábio enquanto ele vasculha o perímetro à esquerda.

— Eu sou realista. — Fico de guarda à direita, olhando por cima do ombro para também cuidar da nossa retaguarda.

— Um dia desses, vai aparecer alguém que vai te deixar de quatro, Xaden. — Ele ri. — Eu só torço para estar vivo para ver...

— O rosto dele desmorona. — Merda. Quase esqueci.

— Que eu tenho mais ou menos oito meses até estar noivo de alguém que eu não suporto?

Um coelho chama minha atenção, mas eu logo sigo em frente.

— É. Porra. Foi mal. — Ele esfrega a nuca com a mão esquerda, mantendo a espada na direita. — Quem sabe um dia você comece a sentir algo pela Cat...

— Não vai rolar. São negócios, não amor. — Cada encontro que eu tive com aquela aristocratazinha mimada só reforçou minha crença de que vamos ser muito infelizes. — Mas esse contrato nos dá uma chance de lutar, e só isso importa.

— É. — Ele solta um suspiro longo, e sinto a culpa pesar nos meus ombros.

Garrick é meu melhor amigo desde que me entendo por gente, e a última coisa que quero é que ele se sintam mal por eu ter que cumprir o acordo que meu pai fez, então decido virar o foco para ele.

— Além do mais, nem todos nós nos apaixonamos pela primeira menina que vimos na vida e depois não fazemos nada sobre o assunto...

— Ela *não* é a primeira menina que eu vi na vida — rebate ele, mudando a espada para a mão esquerda para apontar um dedo para mim com a direita. — E não dá para escolher por quem você se apaixona.

— Bom, vamos ver como ficam as coisas ano que vem quando ela chegar. Você vai precisar parar de ficar galinhando por aí, sabe? — Um sorrisinho aparece na minha boca, e vejo Garrick ficar vermelho.

— Olha só quem fala, acabei de ver você saindo do quarto de uma terceiranista hoje de manhã. — Ele bufa. — Além do mais, ela *nunca* vai admitir que me quer, e por isso nunca vai rolar. Vou ficar livre para galinhar o resto da vida, enquanto você, amigo querido do meu coração, não vai poder fazer porra nenhuma. Um de nós vai estar num casamento sem amor, e o outro apaixonado sem esperança de se casar. Não sei de quem eu sinto mais pena.

— Nós somos uma dupla e tanto. — Assinto com a cabeça e noto que a neve parou.

— A infelicidade nunca anda só, e você e eu vamos navegar nessas águas melancólicas como fazemos com todo o resto: juntos. — Ele atira o braço por cima do meu pescoço, me apertando. — Vamos só precisar aproveitar este ano ao máximo, pelo visto.

Um grito estridente irrompe a distância, e ele solta meu pescoço. Desaceleramos o passo.

— A boa notícia é que tem uma pessoa a menos tentando nos matar — digo, dando de ombros.

— Graças a Malek! — Ele hesita. — A não ser que você ache que seja um dos nossos.

Balanço a cabeça.

— Distante demais.

O sol irrompe pelas nuvens enquanto pegamos o caminho a oeste, contornando a imensa sequoia que é mais grossa do que as torres de Basgiath, e Garrick leva a mão ao peito.

— Tudo bem aí? — Franzo a sobancelha.

— Alguma coisa... — Ele olha para o horizonte enquanto contornamos a árvore, e eu acompanho a linha de visão dele até o que parece ser uma clareira a oeste. — Alguma coisa no meu peito... dói. Como se tivesse um gancho puxando entre as costelas...

Garrick para de andar.

— Pode ser o seu dragão.

Olho de relance para Garrick e paro de imediato. Meu estômago revira quando vejo uma adaga com um punho de joias sendo segurada contra o pescoço pálido do meu melhor amigo.

Uma das únicas pessoas no mundo que eu não posso matar sem sofrer as consequências está atrás de Garrick, alto só o suficiente para que os cabelos loiros e os olhos verdes da realeza apareçam por trás do ombro do meu amigo.

— Me atacando pelas costas? É golpe baixo até para você. — Garrick arqueia o pescoço para afastar a lâmina, e eu imediatamente levanto a espada. — Pelo menos estou acordado dessa vez.

Esse otário que foi atrás de Garrick enquanto ele dormia na semana passada, confortável demais em quebrar as regras do Códex porque sabe muito bem que ninguém diria porra nenhuma porque ele é um príncipe de Navarre. Eu só acordei depois que Garrick já tinha apanhado bastante, mas nem a pau que vou deixá-lo escapar dessa vez.

— Abaixе essa arma, Alic — ordeno.

Ele abre um sorriso maníaco e inclina a cabeça.

Foda-se. Se só nós três estamos aqui, vou estripar o cara feito peixe e ninguém nem vai ficar sabendo. O rei Tauri tem três filhos. Não vai sentir falta de um, e Alic nem sequer é o mais velho e herdeiro do trono. Esse foi para a Divisão da Infantaria, como um bom e obediente aristocrata primogênito.

Como meu pai queria que eu fizesse.

Só que apenas dois de nós temos relíquias da rebelião aqui, o que significa que, se eu começar uma briga, o sinete de Melgren vai permitir que ele veja o resultado. E aí Garrick e eu seremos executados por matar esse otário, o que prejudicaria muito o objetivo que viemos cumprir em Basgiath.

— Para você é *Vossa Alteza Real* Alic Tauri Baran. Onde está sua educação? — Alic estala a língua. — Se você se mexer, Riorson, Tavis vai banhar o chão de vermelho.

Ele raspa a adaga na pele de Garrick.

Porra. O cheiro metálico do medo invade minha língua, mas mantenho a espada empunhada, meus olhos fixos na faca. A ponta da minha espada está a meio metro de conseguir causar algum dano, mas ele está usando Garrick de escudo. Não importa quão rápido eu seja, o príncipe vai conseguir abrir a garganta dele antes de eu chegar.

— Olha só o que temos aqui, rapazes — chama Alic. — O filho do líder da rebelião e seu ajudante.

Dois dos puxa-sacos da Segunda Asa – Eian e Lorne – saem correndo de trás da sequoia gigantesca, com as espadas erguidas. São só alguns centímetros mais baixos do que eu, e Lorne tem o corpo de um touro.

Estamos em menor número, e ainda não resolvi a questão da lâmina no pescoço de Garrick, e Alic me lembra disso ao pressionar a adaga com força o suficiente para arrancar uma única gota de sangue.

— Abaixе essa espada, Riorson — ordena Alic em um tom esnobe que carrega apenas a autoridade com a qual nasceu.

— Não faz isso... — começa Garrick, e Alic consegue arrancar

outra gota de sangue.

Em vez de abaixar a espada, eu a embainho atrás das costas. É mais útil estar com as duas mãos livres. Afinal, tenho no mínimo uma dúzia de adagas embaixo do casaco, embainhadas no meu corpo.

Eian e Lorne disparam para a frente, parando apenas quando estão com a ponta das espadas a centímetros do meu torso. Eu já esmaguei a alma patética de Eian no tatame este ano, mas Lorne pode se provar um desafio considerável. Aposto que ele ainda está puto pra caralho porque matei seu amigo mais chegado durante a terceira rodada de desafios, depois que o cara quebrou o dedo de Soleil. Ops.

— Shhh, quietinho, Tavis. — Alic puxa a lâmina para cima, raspando a pele de Garrick tão de perto que faz meu estômago dar um nó. — Os aristocratas estão conversando. — Os olhos verdes dele faíscam. — Ah, quase me esqueci. Agora você é o Duque de Nada, não é, Riorson? Acho que só um de nós continua sendo nobre.

Não vou morder a isca. Em vez disso, mantenho o monstro dentro de mim preso na coleira, sabendo que o movimento errado e as palavras erradas vão fazer Garrick ser morto. O controle é meu maior orgulho. Todo o resto é só genética ou treinamento.

Cuidem uns dos outros. Foi essa a última ordem do meu pai ao sair para a Batalha de Aretia.

Tento não lembrar da mordacidade com que respondi quando ele não permitiu que o acompanhássemos.

— Não tem mais nada a dizer? — provoca Alic. — Então ótimo. Vamos ter uma conversinha sobre todas as coisas que eram suas e agora são minhas, e vamos ver se Tavis aqui de fato tem um dragão esperando naquele campo. — Ele empurra Garrick para a frente, sem tirar a lâmina do pescoço dele, e faz um gesto para que eu o acompanhe. — Aposto que o dragão vai dar uma olhada na posição em que vocês estão e vai incinerar

vocês na hora. Andem.

Viro de costas para Lorne e Eian e ando a alguns metros de Garrick, dividindo o foco entre o branco dos olhos de meu amigo e o movimento das sombras dos nossos agressores sob a luz fraca do sol enquanto seguimos na direção da clareira.

Lorne pressiona a espada nas minhas costas.

Acho que vou ter que matá-lo primeiro. Se seguirmos essa trajetória a oeste, e se os outros seguirem no próprio caminho, nós vamos acabar nos encontrando, e, com sorte, não será tarde demais.

— Ele está com alguma outra arma? — pergunto movendo as mãos perto do corpo, usando a língua de sinais, me esquivando dos três atrás de nós, mas chamando a atenção de Garrick. — Pisque uma vez para não. Duas para sim.

Ele pisca uma vez.

É a melhor notícia que eu ouvi hoje.

— Não tropece — respondo na língua de sinais.

Ele sutilmente me mostra o dedo médio.

— Vejamos — Alic continua tagarelando enquanto atravessamos a floresta. — Eu sou dono da sua cidade... bom, pelo menos das cinzas que sobraram por lá. Os dragões não deixam muita coisa quando dizimam uma cidade, não é?

— Precisamos manter a confiança dele — sinalizo para Garrick. Se tem uma coisa que aprendi sobre Alic Baran nesses últimos setenta e oito dias é que ele não vai matar Garrick até ter se divertido bastante humilhando-o, agora que acha que está no controle. — Ele precisa cometer um erro.

Garrick pisca duas vezes.

Um dragão ruga ao sul, seguido de um grito dolorido. A pressão nas minhas costas desaparece, e nós seguimos andando.

— E aí tem a terra em volta da sua cidade — continua Alic. — Ah, e aquela fortaleza magnífica que você chama de casa. É minha agora também.

— Vou precisar da sua espada — digo para Garrick na língua

de sinais.

Ele pisca uma vez.

— Vou precisar da sua espada — repito em sinais. Babaca teimoso.

Ele revira os olhos e então pisca duas vezes.

— Não rende muito imposto, já que todo o seu povo está morto. — Alic suspira. — É claro que esse é o motivo de nenhum outro nobre querer reivindicar seu título. Bom, o título do seu *pai*. Nunca foi seu de verdade, não é?

— Manobra de Aldwin — sinalizo para Garrick, mantendo as mãos perto do peito.

Ele pisca uma vez.

— Beleza. Gerwin? — sinalizo outra opção.

O melhor benefício de termos passado quase a vida inteira treinando juntos? Termos o mesmo vocabulário de combate.

Ele pisca duas vezes.

— É um milagre nunca termos nos conhecido antes do Parapeito, na verdade — tagarela Alic. — Seu pai sem dúvida nunca te deixava ir nas festas, só para manter a rebeliãozinha que estava planejando em segredo.

— Meu pai não me deixava ir nas festas dos aristocratas porque ele sabia que vocês são só um bando de escrotos metidos a besta que governam pensando apenas em vocês — retruco, porque ele que se foda.

Nós entramos na clareira, e o sol me abençoa com uma visão clara das sombras dos nossos agressores. Há um espaço entre as duas espadas e minhas costas, o que me dá um pouco de margem de movimento, mas a sombra de Alic está colada à de Garrick.

Uma onda de vapor sopra sobre nós, e ficamos imóveis.

Meus pulmões sofrem um espasmo. Parado ao lado de uma árvore solitária no meio da campina está um imenso dragão azul-safira, com uma cicatriz no focinho, balançando o rabo de clava.

— Ah, olá — diz Alic em voz baixa.

— É o seu? — sinalizo para Garrick, a esperança enchendo meu peito.

Ele pisca uma vez. *Não.*

Merda. Minha esperança sofre uma morte terrível. Os azuis são os dragões mais impiedosos do Empyriano. São máquinas mortíferas com lindas escamas e uma sede insaciável de sangue. Se não está chamando por Garrick, esse dragão está aqui ou para se unir a um dos otários atrás de nós ou para nos matar. Nenhuma dessas opções nos ajudará a sobreviver.

Pelo menos não é azul-marinho...

Uma sombra recai sobre a campina, bloqueando o sol por um instante antes de outro dragão azul pousar ao lado do Rabo-de-clava. Os olhos dourados se estreitam para nós enquanto o novo dragão se levanta até a altura máxima e, bem quando acho que não pode ficar ainda maior, consegue. Escamas azul-marinho. Balançando um rabo de adaga.

Caralho.

Sgaeyl.

— Sgaeyl — sussurra Alic, maravilhado.

Entre todos os dragões que Kaori projetou em aula, ela é a única de que recebemos o aviso para não nos aproximarmos sob *nenhuma* circunstância. Ela não é apenas impiedosa; é propositalmente cruel. Abandonou o primeiro cavaleiro dela para a morte por ter sido covarde, dizem por aí que matou o segundo, e não se deu ao trabalho de encontrar um novo cavaleiro desde que o último morreu, mais de quarenta anos atrás, antes mesmo de ele sair da Divisão. Não sou um descendente direto, mas o sobrenome dele, por acaso, também era Riorson.

Meu coração começa a martelar ao vê-la se sentar e inclinar a cabeça como se estivesse pronta para um espetáculo. O Rabo-de-clava olha na direção dela, e ela vira a cabeça e bate os dentes a centímetros do focinho do outro. O Rabo-de-clava-azul recua, dando espaço amplo para ela antes de se acomodar a pelo menos

seis metros de distância.

Ela volta aqueles olhos dourados para nós, e que Malek me perdoe pela minha idiotice, mas não consigo desviar os meus.

— *Caramba* — murmura Eian.

Exatamente.

Ela não é só majestosa. É assustadora, e eu estou *empolgado* com isso.

— É minha — sussurra Alic, me fazendo despertar da névoa dos meus pensamentos.

Dele? Nem fodendo. Uma raiva inexplicável sobe pelas minhas costelas e entala na base da minha garganta, mas não me deixo governar. Respiro fundo e recebo o ar frio dentro dos pulmões, permitindo que ele congele a ira e deixe apenas o cálculo frio e cruel que exige essa situação.

— Que tal eu mostrar que sou páreo para ela? — diz Alic, recebendo cada grama da minha atenção.

O sangue escorre do pescoço de Garrick do mesmo pequeno corte de antes.

Sgaeyl olha para o norte antes de voltar a olhar para nós, e a esperança faísca em mim novamente. Tem alguém vindo.

— Mostre a ela como você deve cumprimentar a realeza, Tavis. — Alic raspa a adaga pelo pescoço de Garrick. — De joelhos. Aproveite e limpe a lama das minhas botas para não sujar as escamas dela quando eu montar.

— Vai se foder — responde Garrick.

Um canto da minha boca se eleva enquanto eu observo os arbustos ao norte começarem a se mexer.

— Ajoelhe — sinalizo.

— Vai se foder você também — diz Garrick, na minha direção.

— De joelhos! — berra Alic.

O Rabo-de-clava-azul arreganha os dentes, e eu ergo as sobrancelhas. Há temperamentos fortes demais nessa campina para que isso acabe bem para qualquer um que não sejam os

dragões azuis.

— Fica logo de joelhos, porra, ou Riorson morre — ameaça Alic, e as sombras no chão se movem quando algo pontudo pressiona meu casaco. Vou ficar puto pra caralho se eu precisar remendar essa merda outra vez. — Eu sou o segundo na linha para a coroa de Navarre, e você não é ninguém!

Alguém claramente sofre do complexo de irmão do meio.

— Você é o filho de um traidor morto, e você vai obedecer! — grita Alic. — De. Joelhos. Agora!

O Rabo-de-clava-azul solta outro sopro de vapor e então se retira para as árvores altas na beirada do campo, deixando apenas a cabeça exposta.

Isso é... inesperado.

— Ajoelhe — sinalizo de novo.

A faca continua no pescoço de Garrick, e sua espada raspa no chão quando, devagar, ele se abaixa para ficar de joelhos, travando os músculos da mandíbula. Ele vai me matar por causa disso, mas ao menos estará vivo para tentar.

Masen aparece no arbusto e cambaleia para dentro da campina. *Até que enfim.* Temos três marcados aqui. Agora, vale tudo.

— Vamos deixar uma coisa bem clara aqui — digo devagar.

— Você não é dono de nada que é meu.

— O quê? — Alic cospe na minha direção.

— Seu pai é dono da terra do meu pai. Seu pai é dono do título do meu pai. Seu pai é *seu* dono.

Viro a cabeça devagar e encaro Alic nos olhos.

— Eu sou um príncipe! — grita. O sangue lhe sobe às bochechas, e ele fica com os olhos esbugalhados.

Tudo acontece rápido demais depois disso.

Abaixo a mão esquerda, totalmente aberta. Garrick enfia o pomo da espada dele na minha mão e sai rolando. No segundo em que o metal toca na minha pele, eu seguro firme e dou um giro para a esquerda. Puxo a espada para cima com um

movimento com as costas da mão, cortando o antebraço de Alic e derrubando a adaga dele.

Alic grita de dor, mas não me dou ao trabalho de verificar os danos que causei.

Lorne e Eian atacam ao mesmo tempo, impulsionando as espadas na direção do meu torso, então eu rolo pelo chão coberto de neve, e duas espadas colidem em algum lugar em cima de mim. Assim que Garrick se mexe, faço o mesmo.

Eian grunhe e eu pulo de pé, então vejo que uma lâmina está alojada perto do coração dele, e a mão de Garrick cobre o punho incrustado de joias da adaga de Alic.

Jogo a espada de Garrick de volta, para que ele possa encarar Lorne, e volto a atenção para Alic.

O príncipe cambaleia para trás, e sangue escorre por entre os dedos que ele pressiona no antebraço.

Aço colide atrás de mim, mas não preciso olhar. Garrick sabe se virar sozinho. Os duques Lindell e Lewellen fizeram seu melhor para que nós soubéssemos lutar.

— Você não vai sair impune dessa — grita Alic, mas seu lábio inferior está tremendo.

— Desembainhe sua espada. — Abro o botão do pescoço, e meu casaco pesado vai ao chão enquanto eu avanço. Sinto a expectativa cantarolar nas veias.

— Não. — Ele começa a arrastar os pés para fugir de mim. — Você não vai matar um cadete desarmado.

— Vou, sim — garanto a ele enquanto Lorne grunhe e então grita de dor atrás de mim. — Você merece morrer pelo que fez Garrick passar desde o Parapeito, e não vou deixar que ele carregue mais uma única marca causada por você, e isso inclui o peso da responsabilidade pela sua morte. Isso acaba agora. Pegue. Sua. Espada.

— Você não quer fazer isso! — Os olhos dele ficam muito arregalados enquanto ele continua andando para trás.

— Ah, quero, sim. — Meus braços balançam livremente ao

lado do corpo enquanto eu o caço feito presa, exatamente como ele nos tratou. Estou bem ciente de um par de olhos dourados observando cada movimento que faço, e continuo mesmo assim. Se ela está aqui por mim, então já sabe do que eu sou capaz, e, se ela está aqui para me matar, então ao menos vou livrar o mundo de Alic antes de eu morrer. — Pegue sua espada. Eu não vou mais repetir.

— Eu sou o príncipe deste reino! — Ele puxa a espada da bainha e para de recuar.

— Não confunda título com poder. — Balanço a cabeça e diminuo a distância entre nós.

O medo dilata suas pupilas quando ele dá uma arrancada na minha direção sem a elegância que estou acostumado a ver no tatame. Esse medo será seu fim.

Estendo as duas mãos às minhas costas, pego o cabo das espadas e desembainho, dando um passo para o lado para desviar do golpe com um movimento fluido. Ele se recupera com graciosidade, preciso confessar, virando-se para me encarar de um novo ângulo.

Só que eu sou mais rápido.

Minhas lâminas convergem no pescoço dele, dando-lhe apenas um segundo para encontrar meu olhar e perceber o que vai acontecer. Recuo os braços e corto o pescoço dele. Alic solta a espada e cai de joelhos, segurando o pescoço enquanto sangue jorra por suas mãos, tingindo de escarlata a neve branca sob ele.

Eu observo em silêncio enquanto a luz se esvai de seus olhos.

Ele cai de lado sem cerimônia, o olhar vazio enquanto o sangue continua empoçando na neve.

— Cacete — diz Masen, o peito inflando depois de correr pelo campo. — Ele definitivamente está morto, então.

— Está. — Assinto com a cabeça.

— Nenhuma última palavra? — pergunta Garrick, embainhando a espada ao se aproximar de mim. — Parece meio anticlimático sem um discurso heroico para acompanhar.

— Eu não tinha mais nada para dizer a ele. — Limpo as minhas espadas no casaco de Alic e as guardo nas bainhas às minhas costas.

— Não dava para você ter deixado ele pra mim? — Garrick cruza os braços, e Masen verifica os outros corpos que estão a alguns metros de si.

— Não. — Uma pontada de preocupação deixa meu estômago embrulhado. — Se alguém descobrir o que aconteceu aqui, vai haver uma execução, e não posso deixar seu pescoço em risco.

— Você prefere que seja o seu. — Garrick bufa e balança a cabeça, me lançando um olhar que faria murchar um homem menos determinado. — Claro. Puta que pariu, hein? — Ele respira fundo, então olha para o cadáver. — Se alguém encontrar ele assim, vão saber que foi obra de um cadete. Vão abrir uma investigação.

Porra. Não pensei nessa parte.

— Vamos precisar nos livrar dos corpos — concorda Masen de algum lugar atrás de mim.

Um rosnado baixo e ameaçador à direita me lembra que há uma testemunha.

Eu me viro devagar na direção da Rabo-de-adaga-azul, e, dessa vez, me lembro de manter o olhar baixo. Descubro que ela está a menos de cinco metros. Rapidamente foco nas garras reluzentes nas patas.

Se ela tinha intenção de se unir a Alic, vai ficar puta pra caralho, e com razão.

— *Mexa-se.* — Uma voz feminina afiada ressoa dentro de mim.

— O quê? — Viro a cabeça.

Ela acabou de falar *comigo*? Nem fodendo.

A cauda balança para a frente e, um segundo depois, sou arremessado para trás. Minha bunda bate na neve, e sinto a dor irromper pelo lado esquerdo do meu rosto, mais quente do que qualquer fogo.

— *Eu não gosto de me repetir.*

— Xaden! — grita Garrick e corre na minha direção, virando as costas para o dragão azul sem nem pensar, mas Masen recua de costas, mantendo a cabeça abaixada.

— Ela quer que a gente saia do caminho. — Fico em pé, e metade da minha visão parece coberta de vermelho.

— Jura? — Garrick põe a mão no meu rosto e começa a virar minha cabeça. — Porra, ela te pegou de jeito. Tem um rasgo grande desde o alto da sua sobrancelha até a bochecha. É chocante você ainda ter o olho.

Um sopro quente vem da nossa esquerda, derretendo a neve perto das nossas botas, e nós nos viramos.

Fogo jorra da boca de Sgaeyl enquanto ela mexe a cabeça como uma serpente por cima dos corpos de Eian, Lorne e Alic. O cheiro de enxofre e cinzas arde em meus pulmões e, quando a torrente cessa, não resta mais nada exceto marcas de queimadura no chão. Nem mesmo as armas sobraram.

Em estados variados de choque, nós três encaramos as manchas escuras no chão.

— Acho que não precisamos mais nos preocupar com alguém encontrando os corpos — murmura Garrick.

Sgaeyl vira a cabeça em nossa direção, e nós três damos um passo enorme para trás.

Meu coração decide morar em algum lugar da minha garganta quando os olhos dourados se estreitam na minha direção, desafiando-me. Eu deveria recuar outra vez; é isso que Kaori falaria para fazer.

Em vez disso, dou um passo em frente e levanto a cabeça, apesar do jorro constante de sangue que escorre pelo meu queixo. Eu não vou me acovardar.

Os olhos dela faíscam de um jeito que espero muito que seja aprovação.

— *Essa não é uma atividade em grupo. Diga aos seus conhecidos para partirem.*

Meu coração palpita.

— Vocês precisam ir.

Deixo os braços soltos ao lado do corpo e fico feliz com a brisa fria que sopra, considerando o calor latejante que consome metade do meu rosto.

— Xaden... — começa Garrick.

— Vão. — Mantenho os olhos fixos em Sgaeyl.

Falar comigo é um ótimo sinal, quer dizer que ela está me considerando como cavaleiro, mas levando em conta o histórico de matar os próprios cavaleiros, não vou abusar da boa vontade dela.

— Vou ficar bem — emendo.

Ou morrer. De toda forma, Garrick não deveria ter que assistir.

— Ah... *ah*. — Os passos de Garrick soam atrás de mim, acompanhados pelos de Masen. — Tem certeza?

— Tenho. — Sustento o olhar de Sgaeyl, sem titubear. — Vejo vocês no campo de voo.

— Não morra — diz Garrick baixinho, então os passos deles desaparecem à esquerda.

O vento uiva entre as árvores, e a neve volta a cair enquanto Sgaeyl e eu nos encaramos no meio daquela clareira vazia.

— *Você sabe quem eu sou.*

Não é uma pergunta.

— Todo mundo sabe quem você é, Sgaeyl. Ser a mais impiedosa da sua espécie lhe rendeu uma baita reputação.

— *Temos isso em comum, neto de Maxim Riorson.* — Ela abaixa a cabeça para ficar em posição de combate.

Franzo o cenho, e dor lateja mais uma vez no olho esquerdo, que começa a inchar.

— Sou neto de Corbin Riorson. Maxim era meu tio-avô.

Ela pisca.

— *Se é o que sua avó diz, então suponho que sim.*

Que porra é essa? Minha mente vai a mil. Isso significaria

que... não. Meu pai era o gêmeo mais velho e...

— *Não pense demais no assunto.* — Ela me avalia. — *Por que você matou o nobre?*

— Se está falando comigo, então já viu o que está dentro da minha cabeça. Já sabe qual é a resposta.

Meu olho esquerdo se fecha. Lá se vai a noção de profundidade.

— *Eu não apenas exijo total sinceridade de você, mas que também seja totalmente sincero consigo mesmo, Xaden Riorson.* — O olhar dela se intensifica, mas eu me mantenho em posição. — *E, se eu preciso limpar sua bagunça, você deveria ao menos admitir o que a causou.*

— Ele ficou perseguindo meu melhor... — Eu me calo antes de terminar a frase. — Eu sou responsável pelas cento e sete almas que marcam minhas costas.

— *Você é responsável pela lealdade deles a Navarre, e não pela vida deles.*

— Não penso assim. — Fecho as mãos enquanto procuro as palavras certas. As palavras sinceras. — Matei Alic porque eu podia. Porque vi uma oportunidade de livrar o mundo dele e aproveitei.

Ela escuta em silêncio, os olhos uma fonte constante de julgamento, e existe uma grande chance de que ela vá me ver como indigno, especialmente se já viu todas as minhas memórias. Porém, se ela já viu tudo, então não há por que não explicar meu raciocínio.

— Eu me senti impotente no dia em que mataram meu pai. Fiquei parado lá só assistindo enquanto ele era reduzido a cinzas. Todos nós ficamos. E, naquele dia, eu jurei que nunca mais seria tão impotente. Eu nunca ficarei parado enquanto meus entes queridos são assassinados. — Engulo o nó que se forma na minha garganta. — Eu não posso salvar todos os cento e sete que foram marcados. Sei disso. E não tenho nenhum complexo de herói. Não sou esse tipo de cara. Mas o que eu

tenho é uma missão, e eu preciso que o maior número de marcados sobreviva a este lugar para que nós possamos conseguir completá-la. Eu sou responsável pela lealdade deles, sim. Mas, ao dar minha lealdade a eles, posso garantir a de todos os outros.

— *Você pensa que eu reprovarei a sua missão.* — Ela faz um ruído que não é bem um rosnado. — *Ou que vou matar você por quebrar as regras da sua Divisão.*

É quase impossível não estremecer.

— Você é um dragão do Empyriano, consorte de Tairn, o segundo maior dragão do Continente. É de conhecimento geral que ele perdeu seu último cavaleiro por causa da rebelião do meu pai, então não sei o que ele acharia de... mim.

— *Não é ele que está tomando essa decisão, é?* — O vapor sopra no meu rosto, tão quente que pressinto que minha pele fique com bolhas, e *puta que pariu*, como dói. — *Ele vai precisar aceitar a minha decisão, e suspeito que, um dia, precisarei aceitar a dele.*

Não questionar as decisões dela. Anotado.

— Vou prometer minha sinceridade a você, se você me prometer a sua. — Respiro fundo para me fortalecer.

Sgaeyl estreita os olhos até virarem fendas.

— Você sabe o que está acontecendo lá fora? — Gesticulo para trás de mim. — Você sabe por que meu pai tentou se separar de Navarre?

Ela espera tanto tempo que começo a me perguntar se vai responder um dia.

— *Eu sei.*

Assinto com a cabeça.

— Então sabe o que vou fazer com qualquer poder que você canalizar para dentro de mim?

— *E você sabe, Xaden Riorson?* — Ela chega tão perto que eu poderia esticar a mão e tocar o focinho dela, se ousasse. — *Você não precisa me fazer perguntas, eu já vi a sua alma. Cada memória assombrada, cada pensamento vil, cada desejo maligno de vingança.*

Eu conheço seus fracassos e, ainda assim, vejo todo o potencial do que você ainda pode se tornar. Eu vejo tudo.

Meu peito se aperta. Ela realmente está me escolhendo. Nem mesmo Garrick conhece a profundidade verdadeira do que sou capaz, as partes que mantive escondidas de todos. Minha mãe me abandonou. Meu pai morreu. Não existe uma única alma no Continente que me conheça de verdade.

Até agora.

— *Diga.* — Os olhos dela quase brilham de tanta intensidade.

— *Diga o que fará com todo esse poder depois que conseguir completar sua missão.*

Eu respondo com sinceridade absoluta.

— Se eu sobreviver? — Deixo o monstro sair da coleira por uma fração de segundo. — A coisa que eu mais quero é queimar essa porra de lugar até só restar cinzas.

Para um dragão, não há nada mais sagrado do que o Vale e seus ninhos. Basgiath foi construída aqui para protegê-los. Eu acabei de fazer o equivalente a expor minha garganta para um dragão.

Sgaeyl ergue a cabeça.

— *Pois bem, que assim seja.*



631 D.U.
Chradh – Rabo-de-escorpião-marrom
(Macho) Descendente da linhagem Aldayrmar
Idade estimada: 27
Cavaleiros registrados: 0

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



GARRICK

Tenho quase certeza de que acabei de abandonar meu melhor amigo à própria sorte na clareira lá atrás com aquela Rabo-de-adaga-azul digna de pesadelos, e não existe absolutamente nada que eu possa fazer quanto a isso. A união não é uma atividade com espectadores, e não recebemos pontos extras por trabalho em grupo.

Não que Xaden fosse me deixar ajudar, mesmo que eu pudesse.

Teimoso do caralho.

— Tá tudo bem com você? — pergunta Masen enquanto atravessamos um agrupamento denso de pinheiros, indo em direção ao sul.

— Tá.

Não. Não, na verdade, não está. A pressão no meu peito vai rachar minhas costelas ao meio. Só que eu não vou falar isso para outro marcado. A função de Xaden é liderar. A minha é ajudá-lo, protegê-lo e mantê-lo seguro, mesmo que para isso eu precise passar por cima dele. Estar *bem* não tem porra nenhuma a ver com essa tarefa.

Você é meu orgulho, Garrick, meu coração. Mas ele é o orgulho de Tyrrendor. Ele precisa viver. Tyrrendor só sobreviverá se ele sobreviver.

Essa foi a última coisa que meu pai me disse antes de ir embora para se juntar a Fen Riorson, agindo como o auxiliar leal que sempre foi. Ele me olhou nos olhos, apontando para Xaden quando deu a ordem, beijou o topo da minha cabeça como se aos olhos dele eu ainda fosse um bebê de colo, e então partiu para a Batalha de Aretia.

Ele ficaria furioso se soubesse que acabei de largar a esperança de Tyrrendor sozinha para enfrentar um dragão, mas ficar ali poderia ter diminuído as chances dele de sobreviver ao encontro.

Zihnal, mantenha-o vivo.

— *Sua missão foi cumprida, Garrick Tavis.* — Uma voz mais velha e rouca com um leve sotaque domina minha mente pela terceira vez hoje, me pegando de surpresa. — *Agora venha até aqui.*

Tropeço na raiz de uma árvore e preciso abrir os braços para recuperar o equilíbrio. Essa merda de estirão estragou minha coordenação motora normalmente impecável. Assim que eu conseguir sobreviver a este dia, vou me enfiar na academia até conseguir acabar com Xaden no tatame outra vez.

Antes, preciso garantir que Masen esteja seguro. Formulo esse pensamento com intenções claras e torço para que o dragão que está me chamando desde que cheguei à floresta escute e me entenda.

O suspiro impaciente no meu cérebro indica que eu posso ter

cumprido o primeiro objetivo, mas talvez não o segundo. Eu não tinha percebido o quanto eu queria um dragão mais velho, um que tenha vivido e enfrentado a história contra a qual estamos lutando, até ouvir a voz dele. Mas, mesmo tendo memorizado todos os cartões, não consigo lembrar imediatamente quais dos dragões abertos a uma união estão próximos da meia-idade.

— Não consigo acreditar no que acabou de acontecer — murmura Masen enquanto percorremos na parte da floresta onde os pinheiros ficam mais largos que os dragões, e tão altos que parecem dividir o céu.

Neve entra pelos galhos, acumulando-se nos espaços largos entre as árvores.

— Nem eu — respondo.

Passo a mão pelo cabelo e, com diversas respirações profundas, tento apaziguar a sensação esmagadora no meu peito. Acabei de ver Xaden matar o príncipe Alic. Não que aquele otário não merecesse – merecia e muito. De alguma forma, tínhamos conseguido impedir que Sua Babaquice Real cortasse meu pescoço, e em um dia como hoje, quando as regras são meras sugestões e a ética é apenas hipotética, parece que acabei de receber uma terceira chance na vida.

Usei a segunda muito tempo atrás, para tirar minha mãe de Aretia antes de os navarrianos aparecerem para nos massacrar. Antes de nos arrastarem para as execuções. Antes de ela ter o mesmo fim do pai de Sloane e Liam, secretamente assassinado no pátio da casa deles.

Deuses, espero que Sloane esteja bem. Ela não está sendo criada por simpatizantes secretos da causa como foi com alguns de nós.

— Riorson não vai morrer, certo? — pergunta Masen, olhando por cima do ombro. — Estamos todos fodidos se alguma coisa acontecer com ele. Não que eu duvide que Bodhi tenha capacidade de liderar, mas nós dois sabemos que ele não quer...

— Riorson não vai morrer — respondo, com muito mais certeza do que sinto. — E vai se unir ao dragão mais formidável de todo o Continente.

Vamos ver quem ousa mexer com ele assim que isso rolar. Com um dragão como Sgaeyl, ele pode manifestar um sinete que vai virar a maré dessa guerra. Mas um dragão como ela... Bem, ela poderia ter queimado todos nós vivos se não o quisesse, certo?

— Ele não vai morrer — repete Masen, endireitando mais a postura.

É melhor que eu esteja certo.

— O que aconteceu com Soleil? — Sopro as mãos para aquecê-las, me preparando para a resposta.

A neve voltou a cair, provavelmente na nevasca mais prematura já registrada na história de Basgiath, mas continuo sem vestir o capuz do manto. Ser pego de surpresa por Alic foi um erro atípico que poderia ter me matado, ou pior, matado Xaden, e não vou abafar nem um único dos meus sentidos agora.

— Saiu voando com um Rabo-de-clava-marrom — responde ele, limpando os óculos pela terceira vez desde que Sgaeyl soprou uma baforada em nós.

— Ótimo.

Um sorriso aparece no meu rosto. Com um dragão me chamando, outro unido a Soleil, e Sgaeyl considerando Xaden, isso significa que estávamos certos. Existem dragões aqui que estão do nosso lado, e esse dia não será uma sentença de morte. Há esperança, e não só para os dez que estão aqui, mas para os noventa e sete de nós que ainda seguirão para Basgiath.

Existe esperança para *ela* no ano que vem, e é só isso que importa.

Eu a amo desde a primeira vez que ela me deu um soco na cara, aos nove anos, por sugerir que ela colocasse a sela em um cavalo confiável e não no cavalo praticamente indomado que ela escolhera, e eu não conseguiria continuar vivendo se achasse

que ela viria para cá só para morrer.

Eu me pego olhando para o sul, na direção de casa, na direção oposta ao dragão que está me convocando. A saudade bate tão forte, tão de repente, que espalmo uma mão sobre o peito para tentar apaziguar a dor eternamente presente. A viagem até aqui no lombo de um cavalo levou semanas, e eu daria *qualquer* coisa para atravessar aquelas centenas de quilômetros e montanhas só para ver o rosto dela, só por um instante. Ela precisa saber que temos uma chance de lutar aqui, que todo o nosso treinamento não foi em vão. Ela perdeu mais do que a maioria de nós e merece saber o que é ter esperança.

O som de asas preenche o ar, e viro a cabeça para o alto quando o Rabo-de-adaga-azul voa acima de nós, virado em um ângulo que revela que Xaden está seguro no assento.

O alívio quase me faz cair, um sentimento tão profundo que não consigo me fazer falar ou sorrir. Só assinto com a cabeça enquanto meu amigo mais antigo voa para longe. Xaden se uniu a Sgaeyl. Se ele conseguir se segurar nela até o campo de voo, Tyrrendor ainda terá sua esperança, e Aretia – mesmo ferida – ainda terá seu herdeiro. Pelo menos até que algum nobre navarriano decida reivindicar a terra por despeito. Estamos um passo mais perto não apenas de sobreviver ao teste que deveria nos matar, mas de sair desse castigo mais poderosos do que até mesmo a general Sorrengail poderia ter imaginado quando fez aquele acordo com Xaden.

— Isso aí! — berra Masen, dando soquinhos no ar.

Obrigado, Dunne. A deusa da guerra certamente tem uma preferência por Xaden de uma forma com que nunca abençoou o pai dele.

O som de passos batendo no chão atrai nossa atenção para o leste.

Uma primeiranista da Segunda Asa vem correndo na nossa direção, a uns quarenta metros. Os cabelos loiros chicoteiam no ar enquanto ela grita:

— Socorro!

— Corra. — Meu estômago vai ao chão, e me preparo para me mexer, mas Masen estica a mão para o meu antebraço e me segura. Com força.

— Não — sussurra ele, enquanto um Rabo-de-clava-laranja vem escorregando por trás de uma árvore, as garras deixando trincheiras profundas no terreno da floresta enquanto o dragão se vira para nos encarar. — A gente fica.

Merda. Ele tem razão. Deveríamos ajudar. Nem sei bem como, mas... vamos fazer acontecer.

— Eu não! — grita a cadete por cima do ombro. Seus braços balançam enquanto ela corre na nossa direção. Eu vagamente reconheço como um dos membros do esquadrão que gostam de encher o saco de Bryn. — Mate eles! Eles são uns cachorros separatistas!

Qualquer vontade de ajudar evapora de imediato.

— Essa não é a ofensa que você acha que é — grita Masen em resposta. — Cachorros são bem leais.

Pelo amor de Amari. Meu corpo inteiro se prepara para correr enquanto olho para Masen e ergo as sobrancelhas.

— A gente precisa correr.

Eu me preparo para empurrá-lo, se for necessário. Inferno, vou pegar o garoto e jogá-lo por cima do ombro se precisar. Laranjas são imprevisíveis pra caralho, e não vou deixar que nós sejamos os próximos alvos.

— Não — insiste ele, firmando os pés.

Qual é o *problema* dos týrricos com a teimosia hoje?

O Rabo-de-clava-laranja dá três passos largos, então abre a bocalha imensa e enrosca a língua. Eu respiro fundo e prendo a respiração enquanto um jato de fogo sopra da boca dele, incinerando a cadete. O calor da explosão nos envolve, chamuscando minha pele, soprando nosso manto para trás.

Eu só inalo o ar que fede a enxofre quando o laranja fecha a mandíbula.

— Quer correr agora? — pergunto para Masen.

Ele balança a cabeça, solta meu braço e começa a andar até o laranja enquanto o vapor começa a sumir dos seus óculos.

— Ela é minha.

Ah. Agora isso é algo que eu entendo.

— Vejo você no campo de voo! — exclama ele por cima do ombro, abrindo um sorriso largo.

— *Você está testando a minha paciência.* — A sensação de puxão retorna duas vezes mais forte, me guiando para oeste outra vez.

Encaro o chão quando o Rabo-de-clava-laranja lança um olhar na minha direção, e obedeco ao instinto que me guia para a direita. Pela segunda vez só hoje, deixo um amigo para encarar sua possível morte sozinho.

Só que a possibilidade é imensamente melhor do que a certeza.

Estou indo. Ao menos acho que estou. Eu tinha certeza de que iria localizar a voz na clareira, mas tudo que encontrei foram dois dragões azuis furiosos, e bastou um olhar para saber que nenhum deles era ele. Envio outra prece para Dunne, dessa vez em nome de Masen, e sigo para oeste, na direção de um agrupamento de pedras gigantescas.

— *Você sempre colocará os outros acima do seu próprio interesse?*

— pergunta o dragão, enquanto a neve se adensa.

Nem sempre coloco os outros em primeiro lugar. Faço muitas coisas por mim. Olho ao norte, e então para o sul, tentando encontrar a melhor rota possível desviando das pedras, porque eu não vou subir aquilo nem se o próprio Malek pedir.

— *Querer algo, ou alguém, para si mesmo não é a mesma coisa. É a ação que importa, e você tem o histórico de agir em nome do interesse alheio.*

Ou talvez o interesse alheio se alinhe com o meu. Faço careta enquanto a neve açoita meu rosto. Nada neste lugar poderia ser mais macio? Mudo ligeiramente a rota, escolhendo o caminho mais ao sul para contornar as pedras. É uma trilha com mais

neve, mas parece errado seguir para o norte. E ao menos assim conseguirei ver as pegadas dos outros cadetes na neve.

— *Sei tudo sobre seus interesses, Garrick Tavis.* — O sotaque dele parece enroscar no R do meu nome, deixando o som mais marcado. — *Sei do poder de que precisará para alcançar o que quer.*

Então você sabe que vou fazer o que for preciso. Cubro os olhos com a mão e sigo em frente enquanto a visibilidade piora.

— *É por isso que busco a sua linhagem.*

O comentário me faz erguer as sobrancelhas, mas continuo seguindo em frente, contornando a rocha maior.

— *É por isso que busco você.*

A terra se mexe à minha direita, e eu salto para fora do caminho. Meu coração parece escapar das costelas quando a pedra se desdobra, sacudindo a neve das escamas marrom-escuras e revelando um enorme dragão com um rabo de escorpião.

Eu o encaro, estupefato. Sempre me orgulhei das minhas habilidades de observação, e hoje fui completamente enganado pela segunda vez.

Ele abre as asas, sacudindo a neve das pontas, e revela numerosas cicatrizes na membrana translúcida antes de guardá-las outra vez.

— *Eu também estou atônito com sua falta de percepção.*

— Vou melhorar — prometo a ele, examinando o padrão dos chifres, tentando encaixá-lo entre os cartões que Kaori insistiu que memorizássemos.

— *Eu sei. Mais um motivo para eu finalmente ter escolhido me envolver com a sua espécie outra vez.* — Ele me encara com os olhos dourados, sem piscar.

— Você é Chradh — digo devagar, só para o caso de eu estar errado, porque o “outra vez” definitivamente me pareceu esquisito.

— *Agora que as apresentações foram feitas...* — Ele se endireita para ficar na altura máxima. — *Vamos partir? Por mais que a neve*

não me incomode, não desejo te perder para a nevasca depois de finalmente ter te escolhido.

Ali está o finalmente de novo.

— De acordo com Kaori, você nunca se uniu antes. Você só tem vinte e sete anos.

Isso não faz sentido.

— *O que é um ano?* — Ele inclina a cabeça de lado. — *Ei, o clima é difícil demais para você também?* — questiona ele, fazendo um desafio sarcástico.

— Talvez isso te surpreenda, mas *nada* é difícil demais para mim.

Flexiono os dedos para despertá-los, então corro na direção da perna dianteira dele. A neve faz minha bota direita escorregar nas escamas no meio do caminho, mas a esquerda me firma. Forço os músculos para subir, grato por todas as aulas de escalada que Lewellen me obrigou a fazer, e consigo chegar ao ombro do dragão.

— *Muito pelo contrário. Estou contando com isso.*

Espano a neve das escamas do pomo e me acomodo no assento, então disparamos rumo ao céu.

Meu coração parece se elevar quando pousamos no campo de voo meia hora depois.

Posso ter sido o último a chegar, mas nós dez conseguimos nos unir com dragões. Nós dez nos tornamos cavaleiros.

Chupa essa, Navarre.



632 D.U.
Cath – Rabo-de-espada-vermelho
(Macho) Descendente da linhagem Berradhdyr
Idade estimada: 89
Cavaleiros registrados: 2

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



DAIN

— **A**s únicas outras palavras que tenho a oferecer para vocês são “boa sorte”. — Kaori nos lança um olhar demorado, e fico com a terrível sensação de que ele está tentando memorizar nosso rosto para que possa projetá-los mais tarde, se for necessário.

Então ele assente para si mesmo e sai para a direita, desaparecendo entre as árvores ao seguir pela trilha que leva ao morro, afastando-se do Vale em formato de arena lá embaixo que vai servir de túmulo para alguns de nós.

Ser o último professor a ver todos nós vivos, o professor responsável por nos preparar para um dia tão mortal, deve ser um fardo difícil de carregar.

Os esquadrões ao meu redor começam a se separar; alguns seguem diretamente para a floresta, enquanto outros ficam ali para se despedir dos amigos.

— Quer entrar junto comigo? — pergunta Cianna, amarrando os cachos loiros ao se virar na minha direção.

De todas as pessoas do nosso esquadrão, é com ela que me dou melhor.

— É para entrarmos sozinhos.

Ignoro o impulso de ceder ao medo que me faz ficar travado no lugar. Seria bom, reconfortante até, ter um amigo me acompanhando, mas dragões preferem avaliar se um cavaleiro consegue se destacar sozinho.

— Ouvi um boato de que alguns dos esquadrões da Quarta Asa estão planejando uma abordagem em equipe. — Ela olha à direita, onde a Quarta Asa parece estar se dividindo em grupos menores.

— Só aqueles que tentam arranjar um jeito de burlar as regras. — Aura me lança um olhar de soslaio. — Aposto que você está feliz por não ter ido parar no esquadrão de Xaden Riorson. Estão dizendo por aí que o cara quer te ver morto.

— Só porque o pai do Dain é auxiliar da general Sorrengail — comenta Cianna, como se de alguma forma isso melhorasse a situação. — E... você sabe. Ele a ajudou a caçar Fen Riorson e levar ele para ser executado.

— Aposto que *ele* adoraria te desafiar. — Aura inclina a cabeça de lado, me examinando.

— É, bem, o pai dele matou o irmão mais velho da minha melhor amiga durante a rebelião inútil que ele fez, então, confiem em mim: o sentimento é recíproco.

Estive examinando todos os cantos escuros em busca de Xaden Riorson desde o instante em que atravessei o Parapeito. Primeiro porque o babaca arrogante domina logo as *sombras*, e segundo porque o desejo que ele tem de me matar não é exatamente um segredo, embora não tenha tentado nada ainda.

Graças aos deuses Violet vai para a Divisão dos Escribas no ano que vem, porque Riorson provavelmente quebraria todas as regras do Códex para matá-la.

Só preciso torcer para Riorson não usar a Ceifa como desculpa para *me* matar.

— Cadete Aetos! — A voz de meu pai ecoa atrás de nós, e eu travo a mandíbula para me impedir de estremecer visivelmente.

Eu amo meu pai. Ele é o epítome do que um cavaleiro almeja ser: leal, firme e regrado. Ele é tudo que eu quero ser daqui a alguns anos, e deixá-lo orgulhoso é meu primeiro e maior objetivo dentro da Divisão. Mas como é possível eu mostrar que dou conta sozinho se ele não me deixa caminhar com minhas próprias pernas?

— O papai está chamando... — Aura dá um sorrisinho zombeteiro e meu rosto esquenta. — Talvez o dragão dele possa se unir a você também, assim vocês dois podem ficar juntos pra sempre!

A risada estridente me dá nos nervos, e ela caminha na direção das árvores.

— Boa sorte. — Cianna dá um tapa no meu ombro e abre um sorriso tranquilizante. — Vejo você no campo de voo.

— Boa sorte pra você também.

Respiro fundo, preparando-me para ouvir a lista de coisas que eu, sem dúvida, fiz para decepcioná-lo recentemente, e então me viro para encarar o meu destino.

Meu pai espera a quatro metros de distância, no sopé do morro, com os braços cruzados, o que significa que existe uma boa chance de ele ter ouvido tudo que acabamos de dizer. Ele tem a habilidade inquietante de ouvir tudo que eu não quero e nada do que eu preciso que ele ouça. Só que, até aí, ele não ouve nada do que eu digo desde que minha mãe nos abandonou quando estávamos no posto em Luceras. Considerando que meu pai jura que foi porque ela deixou implícito que ele não era capaz de protegê-la quando os týrricos se rebelaram, eu tento pegar

mais leve com ele por me sufocar.

Só que ele precisa parar. Os outros cadetes estão notando, e isso não só me mata de vergonha como pode acabar prejudicando minhas chances de conseguir algum cargo de liderança.

— Pai. — Dou um aceno e vou até ele.

— Pai? — Ele ergue a sobrancelha.

— Senhor — corrijo rapidamente.

Já estou decepcionando o homem, e a conversa nem sequer começou.

— Achei que ficaria mais feliz em me ver, Dain — ralha ele, assim que diminuo a distância entre nós.

— Nós nos vimos semana passada. Quando você apareceu para a aula de Preparo de Batalha. E se sentou a exatamente cinco cadeiras de mim.

Cruzo os braços, muito ciente da semelhança entre nós dois. Temos os mesmos olhos castanhos, o mesmo porte, o mesmo cabelo castanho e até os mesmos maneirismos. Talvez seja esse o motivo de a minha mãe ter me deixado para trás, porque sou um lembrete do marido dela. Porém isso não explica por que ela parou de me escrever no ano passado. Tenho a sensação de que tem a ver com a minha decisão de me voluntariar para a Divisão dos Cavaleiros, mas talvez eu nunca descubra o verdadeiro motivo, e isso me corrói por dentro.

— Eu estava avaliando os métodos de ensino de Devera. — Ele acena, como se fizesse pouco-caso de todas as instâncias em que ele se intrometeu nos últimos meses.

— Óbvio. — Coço a barba por fazer no meu queixo e levanto as sobrancelhas para ele. — E precisava ver Kaori logo depois da aula na semana antes dessa, e perguntar algo a Emetterio durante um dos meus desafios...

— A maioria dos cadetes fica completamente isolada da família. Eu imaginei que você ficaria grato por eu ter encontrado formas de estar presente na sua vida durante seu primeiro ano.

— Ele se empertiga, e vejo rubor subindo por seu pescoço, um sinal certo de que atingi um ponto sensível. — Tudo dentro das regras, é claro.

— Claro.

Merda. A culpa se assenta no meu estômago como chumbo, e logo me arrependo de ter dito qualquer coisa. Naturalmente, ele é superprotetor. Nós somos a única família um do outro. Não consigo imaginar enviar meu único filho para a Divisão, sabendo que existe uma chance avassaladora de que eu nunca mais o veria.

— Eu só... — Os olhos dele se suavizam. — Queria ver você.

Meus ombros relaxam.

— Também fico feliz em ver você...

— Segunda Asa — interrompe ele em tom saudoso, encarando o brasão no meu ombro. — Você será um excelente Dirigente de Asa para a Segunda Asa, assim como eu fui na minha época.

Sem pressão alguma.

— Vou fazer o meu melhor...

— O que está acontecendo ali? — Ele franze a sobrancelha e encara alguma coisa atrás de mim.

Olho para trás e vejo o que o incomodou. O primo de Xaden Riorson, outro primeiranista, está conversando na beirada da floresta com alguns cadetes com relíquias da rebelião. A maioria deles está na Quarta Asa, mas Imogen Cardulo é uma das nossas.

— Ah. Bodhi Durran provavelmente está fazendo um discurso motivacional para encorajar alguns dos marcados. — Eu me viro de volta para o meu pai.

Ele estreita os olhos.

— Eles estão em quatro.

— Sim. Acho que temos quinze marcados ingressando este ano, distribuídos quase igualmente entre as Asas. — A presença deles foi uma grande questão nos primeiros meses, considerando o que os pais deles fizeram o reino passar, mas a

maioria dos problemas pessoais foi resolvida no tatame, seguindo as tradições da Divisão. — Temos três na Segunda Asa, incluindo Cardulo, e foram divididos entre setores e esquadrões, então não é como se estivessem violando o Adendo...

— Por *enquanto*. — O rubor aparece na parte de cima do pescoço enquanto ele lança um olhar severo na direção do grupo. — Eles sabem que o Código de Conduta foi alterado este ano e não têm permissão de se reunirem em grupos de três, e muito menos de quatro.

— Não estão reunidos, pai. — Inclino a cabeça e identifico o que ele está vendo. — Não é diferente de quando a formatura é dispersada, ou de quando trombam uns com os outros na ala acadêmica.

— Ele faz isso com frequência? — Ele abaixa as mãos, os punhos cerrados. — Esses *discursos motivacionais*?

— Às vezes, acho. — Em outras eu já vi os segundanistas tomarem a dianteira. — Eu não sei dizer, considerando que não são da minha Asa. Mas dá para entender por que eles ficam unidos quando podem. Alguns dos cadetes não acham que eles deveriam estar aqui, e me contaram que muitos ficam nervosos com a possibilidade de que os dragões os matem...

— Não era para terem saído vivos no ano passado — sibila ele, em um sussurro.

Meu queixo quase cai.

— Você não está falando sério.

— E agora dois deles já são *Líderes de Esquadrão*. Ainda no segundo ano. É... impensável. — O rosto dele está inteiramente corado, e ele, praticamente tremendo.

— Os dragões se responsabilizaram por eles. Pelas intenções e pela lealdade deles — digo, em voz baixa. — E nós nunca questionamos os dragões, não é?

Isso iria contra tudo que ele me ensinou.

Meu pai me segura pelos ombros e encara meus olhos com uma intensidade tão grande que o faz parecer um estranho.

— Você não sabe das coisas que eu sei, filho. Podem parecer crianças inocentes sendo punidas pelas transgressões dos pais, mas não são.

— Você está falando sério? — Encaro os olhos dele, mas ele não tem motivos para mentir para mim.

Os dedos dele afundam dolorosamente nos meus ombros.

— Não posso contar, porque essa informação é sigilosa, mas você não pode confiar neles. Em nenhum deles. Especialmente, não confie em Riorson.

— Pai, se eles estão cometendo algum crime, então é só fazer uma acusação formal...

— Não tenho provas o suficiente. Ainda não. É por isso que preciso de você. — Ele alivia o aperto. — Eu nem deveria estar te contando essas coisas, mas eu te amo, e preciso que você fique atento. Preciso que você...

— Que eu faça o quê?

Franzo as sobrancelhas. Como ele espera que eu consiga fazer alguma coisa quando nem ele sabe de todos os fatos?

— Me conte se infringirem o Códex. — Ele passa as mãos pelos meus ombros, alisando o uniforme, e depois me dá um tapinha como se eu fosse criança. — Você pode fazer isso por mim, certo?

Balanço a cabeça.

— Se quebrarem as regras do Códex, quem lidará com isso vai ser a cadeia de comando, como ditam o Códex e o Código de Conduta — argumento. — Essas são as regras, e você sempre me ensinou que o melhor jeito de te dar orgulho, e de sobreviver a este lugar, é seguindo o Códex, sempre. Foram os dragões que estabeleceram as regras, e a palavra deles é lei.

— Sim, é claro. — Ele assente. — Você confia em mim, não confia, Dain?

É como levar um soco no estômago.

— É claro que confio, pai. — Estremeço. — Senhor.

— Então confie em mim agora. — Ele desvia o olhar. Quando

torna a encontrar o meu, está mais suave, e ele volta a ser meu pai. — Também estou preocupado com a possibilidade de Riorson desafiar você.

O rosto dele desmorona, e eu enrijeço.

— Ganhei todos os desafios no tatame, menos um...

— E ele nunca perdeu. Nem uma única vez. — Meu pai engole em seco, apertando de leve a parte de cima do meu braço.

— Lembra do que contei a você, de como ele ganhou aquelas cicatrizes nas costas?

— Lembro.

Náusea revira meu estômago, e o bater de asas ressoa a distância.

— Agora imagine que ele tenha a oportunidade de se vingar com Violet. — A expressão do meu pai fica séria. — Eu a amo como se fosse minha filha, mas nós dois sabemos que ela nunca vai ser capaz de se defender. Ela pode ser boa com uma adaga, mas tem o corpo frágil... Eles a quebrariam em um milhão de pedacinhos.

Todos os músculos do meu corpo se retesam.

— Ela está segura no campus principal. Ela estará segura com os escribas no ano que vem.

Tudo que ela sempre quis foi viver entre estantes, e, pelos deuses, se existe alguém no mundo que merece viver seu sonho é Violet, especialmente depois de perder tanto Brennan quanto o pai.

— Desde que os marcados não desrespeitem o Códex e decidam ir atrás dela — diz ele, em voz baixa.

— Eles não fariam isso.

O medo desliza pela minha coluna, deixando um arrepio por onde passa.

— Só... — Meu pai suspira. — Fique de olho, pelo bem dela. Eu sei que você não quer ver Violet em perigo. Vocês dois sempre foram muito próximos, e eu sei que ela está morrendo de saudade de você.

Assinto com a cabeça.

— Ela é minha melhor amiga.

Assim que eu sair daqui, e ela se graduar pela Divisão dos Escribas, talvez... possa ser mais. O que eu sinto por Violet é incrivelmente complicado, e não me permiti pensar em nada além de sobreviver todos os dias. Todo o resto precisa esperar. Só que, até aí, considerando a velocidade com que Basgiath muda as pessoas, existe uma grande chance de ela não me reconhecer no ano que vem, quando podemos receber o privilégio de visitar as outras Divisões.

— Olhe só pra isso — diz meu pai, erguendo o olhar.

O céu se enche de cor com o voo dos dragões dispostos a se unir, e nós dois inclinamos a cabeça para assistir ao espetáculo. De acordo com Kaori, temos cento e trinta e sete dragões dispostos a se unir este ano, o que é um número bem menor do que o do ano passado. Há muito mais cadetes do que dragões. A legião mergulha na direção da enorme floresta, desaparecendo por entre as árvores.

Sinto um nó na garganta. Essa floresta será meu futuro ou meu fim.

Meu pai aperta meu braço e abaixa as mãos.

— Eu realmente não queria despejar tudo isso em você. Não em um dia tão monumental como este. — Ele abre um sorriso.

— Agora vá até lá e reivindique seu verde.

Pisco atônito para a mudança de assunto.

— Estou pensando em um vermelho.

Ele empalidece.

— Ah, não. Um vermelho seria obstinado demais para você. Escute o que estou dizendo, filho. Minha voz é a da experiência. Você deveria se aproximar de um verde. Vão respeitar sua índole honrosa e sua dedicação a Navarre. E pedi a Foirn para falar em seu nome com outros da casta dele.

Um sorriso encabulado aparece em sua boca.

Deuses.

— Tenho certeza de que os dragões *amaram*. Ouvi dizer que são entusiastas do nepotismo.

— Sim, eu sou o pior pai do mundo ao tentar garantir que meu único filho sobreviva — provoca ele, e então dá um último aperto no meu braço. — Conversamos mais sobre os marcados depois. É hora de fazer por merecer esse uniforme.

— Pai. — Eu tento engolir o nó entalado na minha garganta. — Os outros cadetes não podem ficar achando que recebo tratamento especial. Se eu me unir hoje, se eu sair deste Vale voando como cavaleiro, quero que você pare de ficar me vigiando.

— Se sobreviver a hoje, não vou mais precisar. — Ele assente. — Me deixe orgulhoso.

— Sim, senhor.

Espero até ele se afastar, então me viro de novo para a floresta, sentindo-me consideravelmente mais estressado e tão amedrontado quanto estava antes de ele aparecer.

Eu faria qualquer coisa pelo meu pai, mas às vezes o fardo de ser filho dele é pesado pra caralho.

Ele me ama. Ele quer meu bem. Ele e Violet são as únicas pessoas na minha vida que nunca me decepcionaram. Que nunca mentiram para mim. Que nunca decidiram arrumar as malas e ir embora quando a vida ficou difícil demais. Não tenho motivo para não confiar nele, não quando foi ele que decidiu ficar. Então tudo bem. Vou ficar de olho para ver se os cadetes com relíquias da rebelião estão infringindo o Códex. É o mínimo que posso fazer pelo homem que me deu tudo. E se isso garantir a segurança de Violet, melhor ainda.

A floresta está silenciosa enquanto caminho sob a copa das árvores, oficialmente o último cadete a entrar no bosque.

As folhas secas de outono estalam sob minhas botas enquanto vou em direção ao sul, escolhendo o caminho do meio para otimizar as chances de encontrar o dragão certo. Porém, para sobreviver a isso, eu também vou precisar me retirar do caminho

de qualquer dragão *errado*. É engraçado que uma infância subindo em árvores com Violet será mais útil agora do que os meses que passei treinando na Divisão.

Vinte minutos depois, encontro a árvore perfeita. É alta o bastante para os dragões passarem embaixo, e tem galhos quebrados e mortos o suficiente para escalar com segurança. Escolho os apoios com cuidado, testando a força, e começo a subir.

Preciso dar a volta na árvore em alguns lugares, e, quando enfim chego ao primeiro galho cheio que confio que aguentará meu peso, estou suando. Mas ela é perfeita para meu propósito. Seis metros de altura parece a medida certa. Esticando o braço, seguro o galho seguinte para me equilibrar, e então me acomodo e espero.

O Rabo-de-clava-azul solitário que considera se unir este ano é o primeiro a passar embaixo da árvore – não, nem a pau, muito obrigado –, seguido por um par de laranjas cujas caudas balançam no mesmo ritmo. Eu me pergunto se são um par consorte e estão procurando por mais um par de gêmeos a quem se unir, como aconteceu com as Wyckley. Nenhum dos três parece ser meu, então fico sentado no lugar e desejo boa sorte a Sawyer Henrick quando ele passa por ali.

— Merda! — alguém grita acima de mim, e viro a cabeça para cima enquanto uma coisa cai por entre os galhos, batendo em ramo atrás de ramo ao cair.

Não uma coisa. Um cadete.

Eu monto no galho a cerca de um metro do tronco e travo os tornozelos abaixo de mim enquanto uma ruiva vem na minha direção.

Estico os braços e sinto o couro roçar nas minhas mãos, mas consigo segurar apenas a parte de trás da calça do uniforme da cadete, o cinto batendo direto na minha mão. Então eu me seguro com toda a força que tenho.

O mundo dá um giro enquanto a guinada dela desacelera, e o

cinto pressiona minhas mãos com tanta força que fico surpreso por não me cortar, mas não a solto. Quando paramos, estou pendurado de cabeça para baixo, e o sangue desce para minha cabeça enquanto ela para de se debater.

— Aetos! — Joelle Tadita, uma cadete do segundo ano, olha por cima do ombro para mim, com os olhos arregalados de medo.

— Aguenta firme — digo entre dentes, e então a içô para cima, movido a adrenalina pura. — Segure!

Ela segura o galho.

— Consegui.

Eu a solto, e ela se pendura ali um segundo antes de passar para o galho seguinte, menos de um metro abaixo. Só depois que garanto que ela conseguiu se equilibrar eu me puxo para cima, usando força abdominal, seguro meu próprio galho e libero minhas pernas. Então eu desço para o mesmo galho no qual ela parou, e Joelle arfa enquanto recupera o fôlego.

— O que você está fazendo em uma árvore? — pergunto, equilibrando-me ao espalmar os dedos no tronco.

— Observando, como uma boa segundanista. — Ela leva uma mão ao coração. — Obrigada por me segurar. Fico te devendo uma.

— Não há de quê.

Estendo a mão. Vejo uma pápula vermelha no centro e, no segundo que noto isso, minhas duas mãos começam a latejar.

— Você se dá bem com árvores. — Ela segura minha mão, e nós nos viramos desajeitadamente no galho para que ela fique mais perto do tronco.

— Tive uma boa professora. — Um sorriso aparece espontaneamente na minha boca enquanto ela começa a descer. — Tente não cair de mais nenhuma hoje. Talvez eu não consiga ajudar na próxima.

— É, eu sei. — Ela sopra um cacho ruivo do rosto e salta para o chão. — Boa sorte aí... — Ela vira a cabeça para oeste e abre

um sorriso. — Tem um verde vindo!

Ela corre para o norte, e eu volto para o meu poleiro.

Um verde. Era exatamente o que meu pai estava esperando. O que ele arranhou. Dane-se.

Meu coração começa a martelar ao ouvir passos pesados se aproximando. Ele terá orgulho de mim. Vai confiar em mim da forma como confio nele, e ele vai reduzir a vigilância constante.

As árvores se movem a leste, e minha atenção é chamada para outro lugar.

Um Rabo-de-espada-vermelho com escamas cor de tomate maduro caminha por entre as árvores, o rabo sacudindo as folhas dos galhos enquanto ele vem na minha direção, rosnando para o verde que se aproximou. Ele abaixa a cabeça em posição de cuspir fogo. Os olhos dourados faíscam, avaliando o campo de batalha em potencial, da mesma forma como procurei a árvore perfeita.

O verde desvia à direita da árvore, enquanto o vermelho se prepara para passar à esquerda. Passarão embaixo de mim em questão de segundos, e todos os meus instintos gritam para ir para o vermelho.

— *O que você escolherá, Dain Aetos?* — Uma voz masculina rosna na minha cabeça, enfatizando o último S. — *Se escolher errado, eu descobrirei quanto tempo leva para você se reduzir a cinzas.*

Meu peito se aperta, como se as costelas estivessem tentando espremer todo o ar dos meus pulmões. Um dos dragões está falando comigo, o que significa que ele é *meu*. Mas qual deles?

Eu deveria seguir à direita, em direção ao verde. É ele que deve estar falando. É o que dita a lógica. É o que meu pai quer.

Só que esse será o relacionamento mais importante da minha vida, e aquilo que eu quero, e o que eu sinto, também importa.

Dunne, olhai por mim. Eu salto para a esquerda.

Minhas botas colidem com um peso sólido nos ombros do vermelho, logo à frente do assento, e dobro os joelhos para absorver o impacto.

A cabeça do vermelho se vira em um ângulo impossível, e estico os braços para me equilibrar quando ele abre a mandíbula e rugue. Calor e enxofre jorram na minha cara, e a força pura daquele som sacode todas as escamas sob meus pés. Reconheço o rosto dele dos cartões; é Cath.

Ah. Merda. É melhor eu ter certeza absoluta que ele é o certo, ou estou prestes a me reencontrar com o pai de Violet e com Brennan.

— *E você tem essa certeza?* — pergunta a voz, e tudo se altera. Músculos ondulam sob mim, e o vermelho dá uma guinada para a frente.

O impulso me lança para trás, e meus pés voam embaixo de mim. Tento me agarrar nos pomos, mas caio de queixo no rebordo duro da escama. Uma dor lancinante surge no meu rosto, e não tenho tempo para processar. Não quando Cath está se impulsionando para o céu.

— Tenho certeza! — grito, escorregando para trás enquanto ele se lança ao ar com uma batida forte das asas.

Eu me seguro nas escamas do pomo com as mãos doloridas. Então uso toda a minha força e impulsiono o corpo para me acomodar no assento. Meus pés se encaixam nos espaços entre as escamas, e eu me encolho sobre as costas dele enquanto ele nos leva por uma subida vertical que faz meu estômago revirar.

— *Você desobedeceria ao seu pai? Seu oficial superior?*

Cath atinge o ápice, e nosso impulso desaparece por um instante. O mundo inteiro fica em silêncio e, naquele instante, sinto algo que inexplicavelmente parece... paz.

Estamos a centenas de metros do chão, e, aqui em cima, nada mais importa. Nem meu pai. Nem o desafio que virá a seguir. Nem a Divisão. Minha vida paira naquele minuto seguinte, nas ações do dragão embaixo de mim, e todo o resto se torna insignificante. Irrisório.

A gravidade faz seu chamado, e Cath recolhe as asas enquanto mergulhamos.

— Não existe um elo mais vital do que aquele do dragão com seu cavaleiro — grito, travando todos os músculos para me segurar no assento. — Nenhuma ordem pode superar a sua importância, ou será considerada ilegítima. Artigo primeiro, seção três...

— *Você deve lealdade ao Códex quando está batendo à porta de Malek?*

Prendo os músculos da coxa com mais força enquanto Cath dá uma guinada à direita, lançando meu peso na direção oposta, assim consigo continuar me segurando, e ele começa a fazer uma espiral. O horizonte gira de novo e de novo, o vento chicoteia meu rosto. Ele tem razão. O Códex não vai me salvar aqui.

— Não.

— *Então a quem você deve lealdade?* — Ele se endireita, e o mundo volta ao lugar.

— A você.

Meu coração se acalma. Mais do que nunca, tenho certeza de que a voz pertence a Cath, e que fiz a escolha certa.

Ele vira a cabeça só o bastante para me encarar por cima do ombro.

— *Jamais se esqueça disso. É a única condição da minha lealdade.*

— Jamais — prometo.

Nada – nem ninguém – pode ser mais importante ou mais essencial do que a união que sinto se encaixando no lugar. Até as intromissões do meu pai parecem inconsequentes agora. Pela primeira vez na vida, estou conectado a alguém que não posso decepcionar, porque ele já sabe tudo sobre mim.

Cath vira a cabeça em direção ao horizonte, e nós voamos como um só.



632 D.U.
Cuir – Rabo-de-espada-verde
(Macho) Descendente da linhagem Uaineloidsig
Idade estimada: 59
Cavaleiros registrados: 1

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



BODHI

— **M**ais alguma pergunta? — questiono, olhando para cada um dos três marcados.

Meu coração martela forte enquanto paramos na beirada da floresta, mas mantenho a expressão neutra. Confessar para eles que também estou apavorado não ajuda a nossa causa, e, por mais que os dragões gostem de deferência, eles costumam fazer churrasquinho de cadetes assustados.

Se tem uma coisa na qual fiquei bom ultimamente, é em guardar todos os meus sentimentos para mim.

— Cuidem-se, porque cadetes mesquinhos vão querer se vingar. Encontrem seus dragões. Não morram. Acho que tudo se resume a isso.

Imogen Cardulo sopra uma mecha do cabelo rosa e curto para longe dos olhos antes de me fitar de um jeito que diz que meu discurso motivacional pré-Ceifa não foi nada motivador.

E eu vou falar o quê? Não sou exatamente um líder, nem nunca quis ser um. Meu primo Xaden ficou com todos os genes inspiradores e magnéticos da família, e eu com o que sobrou. Normalmente estou bem contente com a distribuição dos nossos talentos. Ele nasceu para governar o ducado de Aretia, e esse tipo de magnetismo não desaparece só porque Navarre destituiu o meu tio do título antes de executá-lo, junto com meus pais, e dizimou nossa cidade. Sou habilidoso em manter as coisas funcionando, para que Xaden possa estar livre para fazer as merdas de Xaden. Eu também sou bom pra cacete em impedir que Xaden seja... Xaden demais. É um equilíbrio cuidadoso entre apoiar meu primo e garantir que o idiota impiedoso não acabe sendo executado também.

Na maioria dos dias, fico contente em cumprir esse papel. Hoje, porém, adoraria poder contar com a confiança que o fez encontrar Sgaeyl, fazendo-o se tornar um dos cavaleiros mais poderosos da Divisão ainda no segundo ano. Hoje, adoraria ter o poder que ele tem para inspirar os outros e dissipar o medo dos meus amigos. Acima de tudo, e apenas hoje, eu gostaria de entrar nessa floresta sendo eu mesmo, e não o primo de Xaden Riorson.

No caso, às vezes eu sinto como se fosse uma das projeções que Kaori faz de Xaden: sou parecido com ele o bastante para instilar tanto ódio quanto respeito, dependendo de quem está olhando, mas não tenho o poder de causar o mesmo impacto que ele.

Só que eu prometi a Xaden que guiaria os outros quando pudesse, e os Durran nunca descumprem uma promessa. Prometi ao meu pai que nunca faria isso, e eu estava falando sério.

— Acho que entendemos — concorda Ciaran, com a feição

um pouco mais corada do que de costume.

— Ótimo. — Lanço um olhar por cima do ombro dele, para o local onde o coronel Aetos está falando com o filho, e meu coração tem um sobressalto quando vejo que ele está nos observando. — Precisamos nos separar. Agora.

Estamos em um evento oficial da Divisão, mas nós quatro estarmos juntos pode acabar nos colocando em conflito com o Código de Conduta.

Os outros olham para trás, e todos ficam tensos, até Imogen.

— Sigam para oeste — lembro a eles. — Nós nos encontraremos hoje à noite.

Assentimos uns para os outros e então nos dividimos, seguindo para a floresta sombreada. Sigo o caminho mais a oeste conforme instruído, e os outros desaparecem por trás da imensa variedade de árvores.

— Você se deu bem no discurso.

— Puta que pariu! — Minha mão vai ao peito quando Xaden surge ao meu lado como se estivesse esperando ali aquele tempo todo. Balanço a cabeça. — Você precisa parar de fazer isso.

Ele ficou impossível com aquelas sombras dele, mas fico grato pela cobertura que nos dão quando precisamos de sigilo. O que é quase sempre aqui em Basgiath.

— Será? — O sorrisinho desaparece rapidamente. — Estou falando sério. Você mandou bem com os outros. Ciaran saiu mais confiante do que quando chegou.

— Poderia ter sido melhor, mas não sou você.

A frase sai um pouco mais petulante do que eu gostaria.

— Ninguém está pedindo para você ser. — Ele me lança um olhar, então me segura pelo ombro e me vira, nos detendo no meio da floresta. Os olhos dele fitam os meus e ele se inclina de leve, para ficarmos na mesma altura. — Bodhi, ninguém está pedindo, nem espera, nem quer que você seja eu.

— É. — Forço um sorriso rápido e fácil. — Claro. Só se você morrer, né?

Naturalmente, ele entende na hora.

— Eu não vou morrer, e, mesmo se fosse o caso, não estamos mais na posição de *herdeiro e reserva*. — Ele levanta a sobrancelha que Sgaeyl marcou com uma cicatriz. — Não temos mais um título para defender, lembra?

— Verdade. — Suspiro. — Mas o conselho...

— Foda-se o conselho. Já estou fazendo coisa demais para deixar todos eles felizes. — Ele segura a minha nuca. — Você é excepcional, e vale mil de mim. Você fica calmo quando estou sendo irracional, e firme quando sou volátil. Você herdou todas as qualidades admiráveis do lado da sua mãe, enquanto eu pareço ter conseguido todas as piores do meu pai. — Ele me solta, então bagunça os cachos crespos na minha cabeça, como se fôssemos crianças de novo. — Ser parecido demais comigo só diminuiria sua excelência.

— Valeu.

Dessa vez, meu sorriso quase imperceptível é genuíno, e começamos a caminhar de novo, indo mais fundo na floresta. Esta é outra habilidade que ele desenvolveu no último ano, e que eu não possuo: o dom de dizer exatamente o que alguém precisa ouvir, no exato momento em que precisa ouvir.

— Você não deveria estar aqui, sabia? — comento.

— Estou observando. — Ele dá de ombros, levantando e abaixando as espadas que mantém embainhadas nas costas.

Prefiro deixar a minha no quadril.

— E não interferindo?

— Como se algum dia eu fosse violar o Códex quando ninguém está vendo — brinca ele, sarcástico.

— Então você só está *me* observando? — Enrijeço. — Por quê? Porque você acha que não consigo fazer isso sozinho?

— Não — retruca ele. — Só estou aqui para passar um reca...

Ele estica a mão na minha frente, nos parando de imediato, e vira a cabeça para a esquerda.

Um segundo depois, ouço vozes se aproximando a sudeste.

Porra, até o ouvido de Xaden é melhor que o meu.

— Eu só não acho justo que eles tenham a mesma chance que nós — reclama um cara que caminha com outros três cadetes da Primeira Asa.

Conheço essa voz. É o cadete que quebrou o nariz de Norwood no café da manhã alguns dias atrás. Ele e os amiguinhos tornaram a vida dos marcados da Primeira Asa *sofrida*.

As sombras se enroscam em volta de Xaden e eu enquanto caminhamos silenciosamente até o abrigo da árvore mais próxima.

— Os pais deles quase destruíram este reino — concorda uma garota.

Maravilha. Estão falando de nós. Ranjo os dentes. Se tivessem alguma ideia do que de fato está acontecendo além das fronteiras, talvez entendessem as escolhas que nossos pais fizeram.

— Né? — responde o primeiro. — E agora até têm dois Líderes de Esquadrão. Dá para imaginar se graduar e precisar ser comandado pelo filho da porra de um separatista?

A boca de Xaden se curva para cima, e eu reprimo um sorriso.

O fato de tanto ele quanto Garrick serem Líderes de Esquadrão na nossa Asa deve incomodar pra caralho os navarrianos, mas é questão de orgulho para aqueles de nós que carregam relíquias da rebelião. Apenas cadetes excepcionais são escolhidos como Líderes de Esquadrão, e saber que Xaden e Garrick subiram para a liderança me enche de esperança de que o resto de nós não vá ser julgado apenas pelas ações dos nossos pais, e que poderemos alcançar nossas próprias conquistas.

Nós não escolhemos estar aqui, mas podemos tomar nossas próprias decisões agora que estamos.

— Já é bem ruim ter Riorson no comando, mas agora a sombra dele entrou na Quarta Asa sob seu comando — reclama outra garota, as vozes ficando mais altas conforme se aproximam.

Meu sorriso desaparece. Tudo bem que Xaden e eu somos parecidos, isso é genético. Só que temos olhos, feições, cabelo e porte diferentes. Ele é pelo menos cinco centímetros maior que eu e tem pelo menos dez quilos a mais.

Xaden encontra meu olhar, ergue a mão, então aponta para o sul, onde vislumbres de vermelho aparecem por entre as árvores densas. Um Rabo-de-escorpião-vermelho está se aproximando. Encaro as escamas brilhantes de cor rubi e foco internamente, tentando localizar aquilo que Kaori insiste que vamos sentir quando sabemos que um dragão em particular nos pertence.

— E, sabe, eles estão sempre se ajudando — murmura o primeiro cara. — Durrán luta igualzinho ao Riorson. É por isso que ele ainda não perdeu nenhum desafio.

Tanto Xaden quanto eu sorrimos. Tudo bem. Isso é verdade. Mal posso esperar para ver a cara deles quando Liam vier ano que vem e destruir todo mundo no tatame. Xaden passou anos treinando o garoto. Meus dedos roçam na insígnia da Armadilha que foi recentemente costurada no meu peito. Aposto que Liam vai ter uma igual no ano que vem. Ele é o melhor de todos nós.

O vermelho aparece por inteiro, entrando no espaço largo entre duas árvores, e meu coração para quando ele rosna para os cadetes. As projeções de Kaori são ótimas, mas não conseguem passar o quanto dragões são ameaçadores e aterrorizantes tão de perto. Ou quantos dentes cabem na boca deles.

— Relaxa — sussurra Xaden. — Ele não vai queimar você.

Como se isso servisse de consolo.

— Como é que você sabe disso, porra? — respondo, com o mesmo tom baixo.

Os cadetes se viram em grupo para encarar o vermelho, e o primeiro idiota saca uma espada.

— É para nos aproximarmos pela direita! — insiste uma garota, saltando para a direita.

Não, não. Vermelhos preferem a esquerda.

O dragão acompanha o movimento, então ergue uma única

garra e esmaga a cadete contra o chão com uma série nauseante de sons de ossos estalando.

Caralho.

— Idiotas — sussurra Xaden, mas não se mexe.

Nós deveríamos avisá-los para não ficarem em grupo. Mesmo que nos odeiem por existir, é a coisa certa a fazer. Abro a boca...

— Desi! — grita o cara da espada.

O dragão enrosca a língua, e fogo irrompe de sua boca, saindo em um jato fluido que lembra lava. Os cadetes sequer têm tempo de gritar antes de serem cremados. Fumaça sobe nos arredores de onde estavam enquanto o dragão bufa uma vez, então se vira a oeste.

Simples assim, quatro cadetes estão *mortos*.

— E é por isso que não se deve ficar em grupo — diz Xaden.

— Norwood vai dormir mais tranquilo hoje à noite.

Dou um passo para fora da proteção da árvore e vejo o Rabo-de-escorpião-vermelho ir embora.

— Vamos.

— E se for o meu? — Continuo observando o balançar vermelho do rabo.

— Não é — diz Xaden com tanta certeza que eu me viro para ele, erguendo as sobrancelhas.

— E quem disse?

— Sgaeyl. — Ele se afasta da árvore e caminha para além de mim. — Vamos, Cuir já está te esperando.

— Cuir? — repito como se fosse a porra de um papagaio e corro atrás do meu primo. Minha mente repassa a lista de dragões disponíveis a se unir. — Rabo-de-espada-verde?

— Isso — diz ele, quando o alcanço. — Sgaeyl disse que Cuir está te esperando em uma campina ao sul.

Emoções demais invadem meu corpo para catalogar todas elas, mas registro a explosão de alegria por ter sido escolhido, e uma pontada inexplicável de... algo... por eu ter sido informado de uma decisão.

— Tipo, Sgaeyl escolheu o meu dragão para mim?

Xaden bufa.

— Ela não é nenhuma casamenteira. Está apenas me repassando a informação.

— Isso não é normal. — Fecho as mãos ao lado do corpo.

— Isso aqui... — Xaden indica a relíquia da rebelião no braço esquerdo. — Torna tudo aqui anormal quando se trata de nós. Não posso explicar.

— Acho que pode, sim.

Tento manter o ritmo dele, só porque sei que ele vai me deixar para trás se eu tentar provar um ponto ao parar e esperar por uma resposta que ele obviamente não quer me dar. Não existe competição no mundo para a teimosia de Xaden, com exceção de Sgaeyl, talvez.

— Você é o único familiar que me resta. Você é mais um irmão para mim do que um primo. Então me conta, porra — falo.

Ele me olha de relance enquanto nos aproximamos da campina, então assente.

— Existe uma chance de que os dragões dispostos a lutar na guerra conosco estejam procurando cavaleiros com relíquias da rebelião.

— É claro que estão dispostos a lutar com Poromiel, ou não fariam... — Minhas palavras morrem na língua. — Ah. Você está falando de...

— Isso.

Meu peito se aperta.

— Você está dizendo que as escolhas já foram feitas por nós?

Deuses, tudo na minha vida vai sempre ser decidido por outras pessoas?

— É só uma teoria — diz ele rapidamente, o olhar encontrando o meu. — Sgaeyl me contou de Cuir porque ela sabe que eu me preocupo... — Ele faz uma careta. — Isso não é verdade. Às vezes acho que ela gosta de me ver preocupado. Ela

sabe que não vou sair da floresta até você ter uma união, e Garrick e eu precisamos estar em outro lugar. — Ele ergue o dedo. — Vou te contar mais sobre isso *depois* que você tiver um dragão.

— Um dia desses, sua incapacidade de falar a verdade para alguém vai se voltar contra você.

— Duvido muito. Minha habilidade de guardar segredos mantém as pessoas vivas. — As folhas farfalham com o vento carregado de enxofre. — Mas vou te adiantar que precisarei da sua ajuda.

Meu peito se enche com uma sensação de propósito, e eu assinto com a cabeça.

— Vou fazer o que você precisar que eu faça.

— Eu sei disso.

Compartilhamos um olhar e continuamos na direção da campina onde meu futuro me aguarda.

Quase nunca vejo Xaden sozinho, especialmente com o adendo em vigor, então aproveito a situação.

— Você vai se encontrar com Cat? É esse o lugar onde você precisa estar?

— Porra, não. — Ele faz uma careta. — Passo o mínimo de tempo possível com ela. Não vale a viagem quando tudo que a gente faz é se irritar um com o outro. Eu não sei quanto tempo ainda... — Ele passa a mão pelo cabelo. — Não tem importância.

— Você merece ser feliz — digo baixinho, e, de alguma forma, parece a coisa mais barulhenta que eu poderia dizer em uma floresta cheia de dragões.

— O que é essa tal felicidade da qual você fala? — Ele examina a floresta ao nosso redor, sempre em guarda.

— Acho que é o amor. — Assinto com a cabeça para mim mesmo. — Tipo o dos meus pais. Amor, família e um futuro além de toda a desgraça... ou ao menos alguém que faça toda a desgraça valer a pena.

— Eu gostaria que você tivesse isso.

— Eu gostaria que você tivesse isso também. — Fecho as mãos de novo. — Odeio que você esteja noivo de alguém com quem não vai viver esse tipo de coisa. Odeio que você não tenha tido poder de decisão. Quase todos os dias eu acordo só querendo que tudo... acabe.

— O noivado? — Ele franze a testa.

— As guerras. A luta. Essa impotência, incluindo o seu noivado.

— Não precisa se preocupar comigo, Bodhi. — Ele joga o braço por cima do meu ombro. — Sou eu o responsável por você, lembra?

— Tudo que eu faço é me preocupar com você — confesso. — Você acha que eu não vejo no que esse lugar está te transformando? Eu mal te reconheci quando vim pra cá em julho. Você quase não sorri mais. Você *nunca* ri. Eu já te vi matar um cadete no tatame quando um nocaute teria sido o suficiente, e você nem avisou para aqueles calouros que o vermelho ia fritar todo mundo porque estavam em um grupo. Você deveria romper esse noivado. Foda-se o acordo que o tio Fen fez. Eu vou te apoiar no conselho. Você sabe que vou. Eu vou manter minha promessa.

Os Durran sempre cumprem suas promessas, a voz de meu pai ressoa na minha memória.

— Eu sei que vai. Não é o noivado que está me mudando. — Xaden me aperta em um meio abraço, então abaixa o braço. — E será que importa se eu me transformar, quando isso significa que você está seguro? Garrick? Liam? Imogen? Sloane? Soleil...

— Você não precisa listar todos os marcados — rebato enquanto nos aproximamos da linha de árvores que cercam a campina. — Eu já entendi aonde você quer chegar.

— Não entendeu. — Ele pausa, então me encara com um olhar que mete medo na maior parte da Divisão. — Mas vai entender. Porque você também não avisou aqueles cadetes. Não que eu me importe, mas, pelo Códex, eu não devo interferir.

Então qual é a *sua* desculpa?

Fecho a boca. Meu estômago parece virar um poço vazio, porque ele tem razão, por mais que eu não queira admitir. Eu poderia ter saído do esconderijo e avisado os cadetes.

Ele ergue o olhar para o céu e respira fundo, então olha para mim outra vez.

— Este lugar muda *todo mundo*, inclusive você.

— Podemos escolher não deixar que isso aconteça — sussurro.

— Mas, se não mudarmos, nós morremos. — A expressão dele se suaviza em algo que mais parece pena.

— O que nossos pais pensariam disso, hein? — Meu coração acelera, então viro de costas para o meu primo e começo a caminhar para a campina.

— Nossos pais pensariam que aqueles cadetes já tinham recebido um aviso de Kaori e que foi escolha deles não escutar o conselho dado — diz Xaden atrás de mim. — Não podemos salvar todo mundo, Bodhi.

Um grande Rabo-de-clava-azul que não estava na lista de Kaori aguarda no centro da campina e se endireita para a altura máxima. As garras flexionam no chão e, acima da cicatriz que corta o focinho, ele estreita os olhos dourados para mim.

— Bodhi... — As palavras de Xaden morrem na beirada da campina atrás de mim. — Caralho. Esse não.

Não é o verde com quem me *disseram* me escolheria.

Foda-se. Não quero que façam escolhas por mim. Posso não ser Riorson de sobrenome, mas sou de sangue, e saberei me virar com um azul. Começo a correr, e meus braços balançam enquanto meus pés atravessam a campina.

— Bodhi! — berra Xaden. — Não!

Três coisas parecem acontecer ao mesmo tempo.

O azul abaixa a cabeça e abre sua enorme mandíbula, enrolando a língua, e fogo se acumula no fundo da garganta. Sombras surgem no chão à minha frente. E percebo que posso

ter cometido o maior erro de toda a minha vida e estou prestes a pagar por isso.

Estico os braços, como se isso pudesse me salvar do inferno iminente, e o rosto da minha mãe surge nas minhas lembranças.

Isso é maior do que qualquer um de nós, Bodhi. Ela me abraçou com tanta força, como se conseguisse espremer uma vida inteira de amor se ela se esforçasse. Se nós ficarmos parados enquanto o mal consome os mais inocentes, então merecemos o que vai acontecer quando esse mesmo mal bater à nossa porta. Fique perto de Xaden. Ele vai te proteger, e você o manterá equilibrado. Vocês precisam um do outro.

Fecho os olhos enquanto o fogo ruge na minha direção, lembrando o cheiro de lilás, do perfume dela, do último beijo que ela deu na minha testa antes de ir para a batalha ao lado do meu pai. Posso estar indo me encontrar com Malek, mas ao menos isso significa que também verei meus pais. O calor sopra sobre meu rosto.

Me perdoe, Xaden. Ele arriscou tudo, me deu tudo, e eu joguei fora.

Algo prende minhas costelas, e sou puxado para cima enquanto a morte vem ao meu encontro. O vento chicoteia e o calor sopra abaixo de mim, subindo rapidamente.

Abro os olhos de supetão, e o ar se esvai dos meus pulmões. O chão se distancia, e a bola de fogo se dissipa abaixo enquanto sou levado para mais e mais alto no céu, segurado entre duas garras verdes imóveis.

Cuir.

— *Sei o que o poder de escolha significa para você, e o que foi tirado de você.* — Uma voz masculina leve e tranquila parece me cortar, e uma sensação de lar se encaixa. — *Eu sempre te darei escolha.*

Putá merda. Eu não morri. Estico os braços acima da garra que prende meu torso e me seguro firme.

— *Mas nem sempre respeitarei ou aceitarei essa escolha* — avisa

ele, enquanto levantamos voo. — *Então escolha agora, Bodhi Durran. Pode subir e aceitar essa união ou pode cair pelos céus para um rápido reencontro com os pais de quem você sente tanta saudade.*

Que porra eu estava pensando ao correr até um dragão que não instigara uma união?

— *Eu não o culparei por seu erro, tampouco tolerarei a rejeição, então decida-se. Agora.*

O tom de voz dele é completamente contrário às palavras.

— Vou subir!

Eu me empurro para cima da garra, e ele me solta só o bastante para conseguir me levantar para o topo da pata. Ele a deixa reta, o que me dá uma plataforma para apoiar os pés enquanto me agarro na primeira escama.

— *Você precisa fazer isso antes de alcançarmos os outros.*

Nada melhor que um prazo para me fazer ir mais rápido. Isso é completamente diferente da Armadilha, e não é nada parecido com aquilo para que nos prepararam, mas sou ótimo em reajustar o plano quando as coisas não dão certo. Escama por escama, subo pela perna de Cuir, lutando contra o vento e a gravidade enquanto ele nos leva até o campo de voo.

— Por que eu? — grito contra o vento enquanto me aproximo da saliência em seu ombro, lutando contra o instinto de erguer a cabeça e olhar para as asas, maravilhado.

— *Porque você procura o poder para pôr um fim ao sofrimento, em vez de meios para uma vitória.* — Ele recolhe as pernas dianteiras sob o corpo, e sou deixado pendurado a centenas de metros do chão. — *E essa é uma qualidade única entre os cavaleiros.*

Fincando os dedos nas pontas das escamas, eu me puxo para cima com uma lentidão excruciante. Os músculos nos ombros, braços e torso gritam em protesto, mas consigo. Meus pés encontram firmeza na parte inferior do ombro dele, e eu me iço até lá em cima, lutando para respirar.

Ele dá uma guinada para a esquerda, e o peso do meu corpo me arrasta pela base do pescoço dele.

— Você poderia facilitar as coisas! — grito, me atirando contra a coluna dele para não acabar caindo pelo outro lado.

— *Você poderia não ter tentado se unir a outro dragão.*

Justo. Eu sigo para o assento, usando um movimento que está mais para rastejar do que engatinhar. Minhas insígnias se prendem nas escamas enquanto me arrasto para a frente, então deslizo por cima do rebordo duro da escama do pomo.

— *Suas habilidades de escalada são superiores a seu raciocínio* — ralha Cuir. Ele se endireita, e encaixo os joelhos para me virar no assento.

— Eu sei.

Eu me acomodo na posição, e noto as manchas escuras nas escamas do pomo. Prendendo as coxas, ergo as mãos, e dor sobe pelos braços quando percebo os buracos sangrando na ponta dos meus dedos por causa da subida.

— *Presumo que não será a última vez que você sangrará nas minhas costas, se provar que é tão imprudente quanto demonstrou hoje. E pensar que esperei para me unir novamente até este ano, e fiz isso por você.*

A julgar pela nossa aproximação, consegui subir antes do prazo. Vamos chegar ao campo de voo daqui a alguns minutos. Já é possível ver os dragões alinhados na beira do campo e observo outros voando em altitudes diferentes ao nosso redor.

— Não sou impru... — Eu paro de falar antes de mentir. — Vou melhorar.

— *Garanta que sim. Minhas escolhas agora estão unidas às suas.*

Ele começa a descer perto do campo de voo, e aquilo me atinge de verdade pela primeira vez.

Ele realmente me escolheu.

Entre todos os cadetes que estavam no Vale, sou a escolha dele.

Ele poderia ter feito uma união no ano passado. Poderia ter escolhido Xaden, como todo mundo faz.

— *Escolherei você todos os dias, até a sua morte ou o seu fim* —

diz Cuir.

E não são a mesma coisa? Engulo o nó de emoção que se forma na minha garganta.

— E eu vou escolher você acima de todos os outros. — É uma promessa que levo a sério. — Os Durran sempre cumprem suas promessas.

Abro um sorriso, pensando no meu pai. Então atiro a cabeça para trás, para o sol, enquanto Cuir e eu cortamos o céu. Posso manter as duas promessas que fiz aos meus pais. Agora, eu sou um cavaleiro. Nunca mais estarei impotente.

— *Lembre-se desse juramento.* — Ele dá uma guinada à direita, e, dessa vez, troco o peso de lugar, e nós nos movimentamos juntos, fluidos. — *Eu o farei cumpri-lo.*

Pelo resto da minha vida.



632 D.U.
Glane – Rabo-de-adaga-laranja
(Fêmea) Descendente da linhagem Fhaicorain
Idade estimada: 19
Cavaleiros registrados: 0

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



IMOGEN

Esmago as folhas sob as botas enquanto adentro a floresta após ter sido dispensada ao fim do discurso pouquíssimo motivacional de Bodhi, que não ajudou em nada a melhorar meu mau humor perpétuo. Sinceramente, estou torcendo para algum cuzão navarriano tentar se vingar de mim aqui, porque estou com vontade de matar algumas pessoas.

Pau no cu deste dia.

Pau no cu deste reino.

Pau no cu de todo mundo que nos botou nesta merda de câmara de tortura disfarçada de instituto militar.

Estremeço. Não posso falar isso do Riorson. Ele fez a única escolha possível para salvar nossa vida depois que Navarre tirou

a dos nossos pais. Ele é a única razão para ainda estarmos respirando, e devo minha lealdade inquestionável a ele até o dia em que um de nós se encontrar com Malek.

Pau no cu da general Sorrengail por fazer esse acordo.

Pronto. Assim é melhor.

Caminho entre as árvores sem nem hesitar, mais do que pronta para encarar o destino, assim como minha mãe e minha irmã fizeram, ou ao menos o que eu pensei que seria meu destino até Kaori projetar uma certa Rabo-de-adaga-laranja no meio da nossa sala de aula algumas semanas atrás.

Uma Rabo-de-adaga-laranja que deveria estar morta.

— Cadê você, porra? — sussurro, sabendo muito bem que ela consegue me ouvir.

Ela anda pairando perto o bastante da minha mente desde a Apresentação, tanto que eu até conseguiria partir para a comunicação mental a esta altura, se não achasse que merecesse algumas respostas primeiro. O que de fato mereço.

Especialmente porque fui dormir depois da Apresentação com uma nova e resplandecente relíquia de um Rabo-de-adaga-laranja marcando meu quadril esquerdo, um fato que precisei guardar para mim. É uma marca de reivindicação, o lugar onde a magia entra no nosso corpo quando é canalizada pelo nosso dragão, mas deve existir algum jeito de rejeitar isso se ela for um pé no saco tão grande quanto acho que vai ser. Como foi que não a notei na fileira dos dragões? Como ela conseguiu colocar a marca ali de um jeito tão indolor? A única outra relíquia que recebi doeu para um caralho.

— *Você é sempre tão antipática?* — pergunta ela, invadindo minha cabeça com uma vozinha tão doce que é quase açucarada. Se açúcar fosse uma substância venenosa.

Como se você também não fosse...

Ela deve ser o dragão mais impetuoso e mal-humorado de todo o Continente.

— *Eu ouvi.*

Então pare de escutar a não ser que você esteja pronta para se mostrar.

Ela bufa, o som faz cócegas no meu cérebro, mas eu não a vejo em lugar nenhum sob a copa brilhante de cores outonais.

— Katrina, cuide de Quinn, por favor — sussurro para o éter, um pedido para minha falecida irmã.

Preciso me apressar. Bodhi atirou pela janela o plano que fiz com Quinn para enfrentarmos este dia juntas, e nunca vou me perdoar se alguma coisa acontecer com aquela loirinha alegre e irritante antes de chegar ao ponto de encontro que designamos às pressas.

— *Ponha um fim a sua amizade com a navarriana e talvez eu a deixe sair voando deste Vale.*

Ela não é como os outros. E você não pode escolher meus amigos. Meu estômago fica tenso.

— *É o que veremos.*

Um grito estridente ressoa de algum lugar a leste, e eu estremeço.

Por Dunne, se eu tiver que morrer, prefiro não guinchar feito um porco quando Malek vier me buscar.

Algo flutua na minha frente, e estico a mão para apanhar a folha de cinco pontas de um tom profundo de magenta.

— Olha só. É sua cor favorita, mãe.

Eu a estico, como se ela pudesse vê-la, seja lá de onde estiver me olhando.

Minha mãe e minha irmã podem ter sido executadas em Calldyr, mas nunca parecem estar longe de mim.

Deuses, senti saudade de outonos como esse. As árvores em Tyrrendor são predominantemente coníferas; ao menos no lugar para onde fui enviada, perto de Lewellen. Só que em casa, na província de Deaconshire, tínhamos árvores como essas que perdem as folhas quando ouvem o chamado do outono. Não importa quantos anos tenham se passado ou quanto eu costumava amar Aretia, continuo sempre pensando em

Hardincourt como minha casa.

— Está pensando nas árvores de Hardincourt?

Viro a cabeça e vejo Garrick Tavis, com duas espadas embainhadas nas costas, saindo de trás de uma árvore. Ele planta os pés gigantesco bem no meio do caminho. Estreito os olhos e digo para o meu coração sossegar um pouco. O cara pode até ser um gostoso que dá vontade de devorar em uma só mordida, mas não vou me meter nessa. Nem agora. Nem nunca.

Existem muitos outros homens em Basgiath com quem posso me atracar.

Todo mundo que se aproxima demais de mim acaba morto. Meu pai. Minha mãe. Minha irmã Katrina. Elyse, a única amiga que fiz naquele primeiro ano que fiquei no lar adotivo em Ivyndelle. Por mais que eu fique brava com ele, nem a pau que vou deixar Garrick acabar nessa lista também.

Com o corpo imenso, o rosto tão lindo que me dá agonia, o queixo quadrado e as habilidades imbatíveis no tatame, o cara não tem dificuldade nenhuma de encontrar mulheres para aquecer a cama. Infelizmente, e para a sorte dele, eu não sou a única que fica com um tesão inacreditável ao ver suas façanhas letais. Sem dúvida nenhuma há alguma coisa errada com todo mundo que atravessa o Parapeito.

Argh. Lembrar de Sharla Gunter grudada nele no corredor do dormitório na noite passada me faz querer vomitar.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, brusca, descartando a folha magenta bonita.

Porra. Eu jurei para mim mesma que não ia dizer uma única palavra para ele nos dois anos que precisaríamos coabitar Basgiath, e acabei de explodir o recorde de repressão de setenta e oito dias.

— Observando, como um bom Líder de Esquadrão.

Ele abre um sorriso, e *puta que pariu*, aquela covinha aparece na bochecha esquerda. Os navarrianos podem ser o flagelo da minha existência, mas meu fim de verdade está nessa covinha.

— Então você sabe como falar comigo. Eu já estava começando a fazer suposições.

Ignoro o comentário por completo.

— Você não é o *meu* Líder de Esquadrão, então pode ir ver se eu estou lá na esquina, ou seja lá onde você vai encontrar um calouro que aprecie a sua presença. — Lanço um olhar fulminante para ele. — Eu estou bem sozinha.

— *Ser mais gentil com o objeto do seu desejo pode resultar em uma chance melhor para você.*

Vai ver se eu estou lá na esquina você também, ou apareça de uma vez. Tento reprimir o olhar de raiva e afasto dos olhos uma mecha de cabelo rosa que cai sobre minha testa.

— Você aprecia a minha presença — diz ele, completamente inabalado, como sempre.

Então ele pega a folha magenta e a vira pelo cabinho enquanto caminha ao meu lado. Difícil acreditar que esse homem lida com espadas gigantes com essas mesmas mãos, com as quais ele poderia lidar comigo...

Não. Meus pensamentos não vão seguir por aí.

Nunca deixei Garrick Tavis encostar um dedo em mim, e isso não está prestes a mudar.

— E a folha te lembrou de casa. Admite, vai. — Ele olha para mim, e, com toda a minha determinação, evito olhar para ele. Garrick me conhece com uma profundidade assustadora, e não tenho energia para gastar com ele hoje.

Olho de soslaio para a folha, então dou de ombros.

— Talvez.

É mais fácil admitir uma das declarações do que a outra.

— Tudo bem sentir saudade.

— Obrigada por me dar permissão.

Aperto o passo, e aquelas pernas compridas dele permitem que ele mantenha meu ritmo com bastante facilidade.

Garrick ri.

— Juro pelos deuses, você tem a paciência de uma santa com

todos os marcados, exceto comigo. Por quê, Imogen?

O som do meu nome nos lábios dele quase me amolece, então travo todos os músculos imediatamente.

— Porque eu não gosto de você.

— Hum, sei. Não tem por que mentir, sabe? — Ele abre um sorriso enorme, e a covinha aparece de novo.

— É tão difícil assim acreditar que uma mulher possa ser imune ao seu charme? — Mantenho o olhar fixo em frente, vasculhando a floresta em busca dos dragões cuspidores de fogo que supostamente estão rondando por aí.

— Você acha que eu tenho charme? — O sorriso fica ainda mais largo, e eu reviro os olhos.

Garrick tem uma tolerância masoquista pela minha atitude irascível desde o dia em que dei um soco na cara dele quando eu tinha oito anos, o que ainda não consigo compreender.

Katrina se esforçou muito para me fazer pedir desculpas.

Nunca pedi. Primeiro, porque pau no cu dele por tentar me falar qual dos meus cavalos eu deveria montar quando era ele o convidado na *minha* casa. Nós só não imaginávamos que a amizade entre nossos pais levaria minha família a uma rebelião sete anos depois.

— Não foi isso que eu disse — rebato.

A uns noventa metros, vejo o enorme carvalho que mamãe me descreveu, e envio uma prece para Dunne para que Quinn o tenha encontrado também. É o único na floresta que foi partido ao meio por um raio eras atrás, quando ainda tínhamos um dominador de relâmpagos nas nossas forças.

— Você não falou *uma* palavra comigo desde que cruzou o Parapeito. — O sorriso desaparece enquanto ele guarda a folha no bolso do uniforme.

— *É, por que você não falou com ele? É um menino týrrico tão bonzinho.*

Afasto os fios cor de abóbora de uma união que se formam nos cantos da minha mente, torcendo para que aqueles

filamentos reluzentes se dispersem logo.

Você não pode se unir comigo até explicar algumas coisas.

— Vou fazer o que bem entender — retruca ela. — Sou uma matadora comprovada e responsável pela morte de milhares...

Blá-blá-blá. Empurro a união outra vez, tentando imaginar uma muralha se erguendo. Deuses, mamãe e Katrina passaram tanto tempo tentando me ensinar e me preparar, e eu só tinha escutado uma fração do que elas diziam, com a certeza absoluta de que não me voluntariaria para entrar na Divisão.

— Imogen. — Garrick sabe que não deve me tocar, então ele dá um giro, colocando-se bem no meio do meu caminho, me forçando a parar. — Por que você não está falando comigo?

— Isso aqui é uma conversa — digo, gesticulando entre nós dois, e dou um passo para a esquerda.

Ele dá um passo para ficar na minha frente.

— Isso aqui sou eu implorando para Riorson... — Dou um passo para a direita, mas ele já está lá. — ... me designar a você para eu ter uma desculpa pra gente conversar.

Ele envolveu o Riorson? Porra, que ótimo. Não é vergonha nenhuma. Tento a esquerda de novo, e ele vai também.

— Olha, se você queria dançar comigo, era só pedir. — Ele sorri, e eu cometo o erro de olhar nos olhos dele.

Preciso arquear o pescoço, considerando o tanto que ele cresceu, mas, no segundo em que faço isso, estou inteira e completamente *fodida*.

Garrick tem uma série de qualidades extraordinárias que eu poderia listar, mas os olhos dele? Eles merecem uma categoria própria. As profundezas cor de mel me encaram, me fazendo prisioneira sem ele precisar relar um dedo na minha pele. O preto do uniforme e do cabelo de alguma forma acentuam a cor de cobre que circunda as pupilas, mas o resto das íris varia entre tons de verde e azul em um padrão que nunca consegui decifrar. Pior de tudo: sei por experiência que mudam de acordo com a roupa que ele veste, sempre chamando minha atenção para

tentar descobrir como vão estar.

Se ao menos fossem iguais sempre, eu teria uma chance de conseguir controlar esse vício.

— *Você gostaria que eu voasse até aí e rasgasse essa tensão sexual para você?*

Argh. Fecho os olhos. *Saia da minha cabeça.*

— *Não. Você é minha. Acostume-se.*

— Seria um prazer — diz Garrick, com um sorriso travesso.

Pisco. Do que estávamos falando?

— *De dançar* — ela me lembra, e a união fica mais forte.

— Não, obrigada. — Levanto as duas sobrelhas para ele saber que estou falando sério. — Pelo que vi nos últimos meses, você já tem parceiras de dança mais do que suficientes.

— É por isso que você não está falando comigo? — Os olhos faíscam, o sorriso se alarga. — Porque está com ciúme?

Ciúme? Mas que bobagem do caralho.

Espera. Será que pode ser... *esperança* brilhando nos olhos dele?

— Dificilmente. — Cruzo os braços. — Não estou nem aí para onde você anda metendo seu pau. Não sou eu montada nele.

Ele se aproxima, o olhar descendo para a minha boca.

— É só pedir, Imogen.

Deuses, fico toda molinha de novo e me pego encarando as curvas perfeitamente esculpidas daquilo que ele chama de lábios.

— Não sei de onde você tirou essa ideia. — A mentira escapa da minha língua com facilidade.

Dou um único passo para trás e então me amaldiçoo por revelar como me fazer recuar. Passei a maior parte da vida provando a ele que não tenho fraqueza nenhuma, e, se Garrick souber que ele é meu único ponto fraco, estou ferrada.

E, de alguma forma, ele acabaria morto por isso.

Não sei bem o que fiz para Malek ter algo contra mim, mas não tenho dúvidas de que ele levaria Garrick embora também.

— É só pedir, e eu não vou nem olhar mais para outra

mulher. — Ele me encara, e fico encurralada outra vez. — Nunca mais.

Ele está perto demais. Tem o cheiro delicioso demais. E prefiro que ele vá para a cama com outras mil mulheres a ser a responsável por ele acabar em uma cova.

— Não precisa prometer o celibato por minha causa. — Inclino a cabeça e faço biquinho. — Seria uma vida bastante solitária. — Permito que meu amado sarcasmo transpareça na voz.

Ele bufa.

— Deuses, você está mesmo puta comigo.

— Estou começando a achar que essa conversa se qualifica como interferência, e não mera observação. — Apoio as mãos no quadril.

O suspiro que ele dá poderia soprar metade das folhas dessa floresta.

— Você está procurando por Glane. Rabo-de-adaga-laranja. a Pisco.

— Não estou, não.

— Está, sim. — Ele dá de ombros. — Chradh me contou. Sgaejl contou para Riorson. Eu consideraria que os dois são fontes relativamente confiáveis, levando em conta que eles quase nunca concordam em nada.

— *Estou ficando entediada. Vamos andar logo com isso.*

Energia dispara pela minha coluna, e endireito os ombros para afastar aquela sensação estranha.

Que porra foi essa? Minha frustração atinge o ponto de ebulição com tudo que está acontecendo hoje, e recuo outro passo. Garrick não se mexeu e, ainda assim, parece consumir todo o oxigênio respirável dos arredores. Quando foi que ele ficou tão gigantesco? O cara estava todo desajeitado da última vez que o vi.

— Você começou a comer vacas inteiras depois que atravessou o Parapeito ou o quê? Você nunca foi grande assim, e

agora está... — Balanço a mão na direção do peito dele. — Ocupando espaço. Você está do tamanho do Riorson?

— Então você notou. Que interessante. — Ele levanta um canto da boca. — Estou uns três centímetros mais alto que ele, mas não mencione o fato. Ele fica emburrado.

— Garotos são tão estranhos.

Eu dou um passo para a esquerda, e, dessa vez, ele me deixa passar.

— Você pode fugir de mim quanto quiser. Estou acostumado com você negando isso. Mas Glane é o dragão que veio te buscar. Duvido que ela vá deixar você fugir dela — diz ele, andando atrás de mim enquanto sigo na direção do carvalho morto.

— *Ele tem razão.*

Cale a boca. Lido com você daqui a um minuto.

— Eu fugindo de você? — Eu me viro e ergo um dedo, eficientemente impedindo que o cara mais gigantesco da Divisão dê mais um único passo. — Você que não foi se despedir de mim.

Porra. Eu não deveria ter dito isso.

Ele arregala os olhos.

— É por isso que você não está falando comigo?

— E por acaso isso aqui não é falar? — Respiro fundo e forço meu gênio a esfriar, a acalmar um pouco essa fúria interminável que vive dentro de mim.

— Eu não consegui ir a Ivyndelle nos meses antes do Parapeito. — Os ombros dele murcham.

— Fica a apenas *uma* hora de cavalgada de Lewellen.

Sinto o calor subir pelas minhas costas e se esparramar pelos braços e pernas como se minha raiva fosse uma coisa viva, que respira e está determinada a dominar todo o meu sistema nervoso.

— E você acha que eu não queria? — Ele flexiona as mãos na frente do corpo, como se estivesse se esforçando para não me tocar. — A família que te abrigou era leal a Navarre e começou a

levantar acusações sorrateiras de que o duque de Lewellen estava sendo desleal, sendo que é ele quem representa Tyrrendor no Senarium. Eles não permitiam que ele me levasse para a verificação bimestral. Disseram que os marcados não deveriam se reunir.

— Acha que eu não sei disso? — grito, quando o calor dentro de mim começa a arder. — Sabe quantos de nós foram levados para serem criados completamente sozinhos?

— Três — responde ele em voz baixa.

— Três. — Assinto, enquanto a queimação começa a me consumir. — Eu. Sloane. Julianne. O resto de vocês conseguiu ficar em pares. Liam e Xaden. Bodhi e Merielle. Você e...

— Tyce — Garrick completa por mim. — Eu sei.

— E claro, ele é sete anos mais novo que você, mas pelo menos você tinha alguém. Talvez não fôssemos amigos, mas você era o único marcado que eu pude ver por três anos e você simplesmente... foi embora.

Por que caralhos eu estou falando tudo isso? Fecho a boca com força. Daria *qualquer* coisa para retirar tudo o que eu disse, entrar na cabeça dele e apagar os últimos trinta segundos. Inferno, talvez até os últimos dez minutos.

Ele não pode saber que alguém tem o poder de me machucar, muito menos ele próprio.

— Imogen, me desculpa. — Ele estica a mão, e eu recuo rapidamente. — Não foi por escolha. Eu jamais faria qualquer coisa para te magoar de propósito.

Ele nem precisa tentar. O resultado é o mesmo.

— *Basta disso. Está disposta a se unir a mim?*

Com certeza, se for me tirar dessa situação.

— *Excelente escolha.* — As palavras dela têm uma pontada de júbilo ameaçador.

A primeira onda de energia me atinge, e eu caio de joelhos, ofegante. Então a sensação me sobrecarrega, de novo e de novo, em ondas tão próximas que não consigo nem sentir meu coração

em meio à dor. Um calor me queima viva por dentro sem nenhum sinal de abrandar, e não há fim naquele fogo. Vai me matar. Não há nenhuma forma de sobreviver à pressão que está tentando abrir minha cabeça, ou às chamas que estão me devorando um osso de cada vez.

— Imogen? — Garrick se agacha ao meu lado.

— Não toque em mim!

Ele vai pegar fogo, assim como eu. Uma força indescritível preenche minhas costelas, expandindo, rearranjando tudo dentro de mim enquanto consome as fibras do meu ser. Um poder liquefeito incinera tudo que eu costumava ser e forja algo inteiramente novo. Cada fôlego parece mais quente que o anterior, como se eu estivesse sorvendo uma energia pura, descontrolada...

Glane.

— Ela está canalizando — consigo dizer entre fôlegos bruscos e entrecortados, e cravo as unhas na palma das mãos.

— Isso não é possível. — Garrick balança a cabeça, o rosto bem diante do meu. Ao menos ele será a última coisa que verei.

— Você ainda nem voou.

— Mas ela está! — berro, sendo só mais um grito na floresta assolada pela morte.

— Respire fundo — ordena ele, em uma voz retumbante que só o ouvi usar ao dar ordens para o esquadrão dele. — Vai passar, eu prometo, mas você precisa respirar fundo.

Foco os olhos dele e respiro, um fôlego ardente atrás do outro, tentando lembrar o que minha mãe e Katrina me contaram sobre isso.

Aterrar.

— Preciso aterrar.

Fecho os olhos e foco o saguão da casa em que fui criada em Hardincourt. Os quadros nas paredes. As jaquetas de voo penduradas ao lado da porta. O assoalho de madeira manchado pela luz do sol. Vejo tudo isso tão vívido na mente que quase

consigo sentir o cheiro do pão sendo assado na cozinha. Então eu me viro na direção da porta da frente, onde um poder laranja e derretido flui pelo meu santuário, e dou um chute mental na porta para ela se fechar.

O poder passa em um arroubo pelas janelas, preenchendo os vidros, mas não explode por eles.

Respiro sem sentir dor pela primeira vez em minutos, abro os olhos e encontro Garrick me observando com olhos arregalados e a boca aberta. A fúria dentro de mim se renova.

— Eu vou matar ela.

— Por Malek, como é que você sabe aterrar? — As mãos dele pairam perto do meu rosto, mas não me tocam.

Devagar, fico em pé, testando o equilíbrio para garantir que não perdi nada naquele ritualzinho excruciante. Parece que meu corpo não sofreu danos, fora o corte minúsculo e ensanguentado na palma da mão causado pela minha própria unha.

— Porque, diferente da maioria dos marcados, eu sou uma cavaleira seguindo um legado familiar de três gerações.

— Sua mãe te ensinou. — Ele faz um aceno de cabeça solene e fica em pé.

— E Katrina também.

Eu me afasto dele e vou na direção do enorme carvalho morto e da clareira que fica logo adiante. Poder zumba nas minhas veias, percorrendo embaixo da pele, sendo simultaneamente a coisa mais perturbadora e a mais natural desse mundo.

— Você já deu seu recado. Pode ir — completo.

Estou como sempre deveria estar.

— Eu não vou embora depois que você acabou de passar por isso — rebate Garrick, vindo atrás de mim.

— *Você é minha.* — Ela soa terrivelmente satisfeita consigo mesma.

— *Estou puta pra caralho.* — Uso a conexão mental que nos une.

— *Você vai superar.*

Assim que ando uns três metros, vejo Quinn pendurada no galho mais baixo da árvore, os cachos loiros com mechas azuis soprando na brisa, e meus ombros logo relaxam de alívio. Nunca quis gostar da minha colega caloura esfuziante, mas ela tem um jeito que vence pelo cansaço até a pessoa mais rabugenta do mundo. No caso, eu.

Além do mais, ela declarou que seríamos amigas logo que viu minha relíquia da rebelião, e não questionou a própria decisão nem uma única vez. Agora só preciso garantir que essa tendência de morrer assim que alguém se aproxima de mim nunca a alcance.

— Gen! Você chegou! — Quinn salta do galho, com o machado pendurado nas costas. O rosto dela murcha quando me vê. — Você está bem?

— Ótima. — Faço que sim com a cabeça.

Os olhos dela se estreitam para algo atrás de mim.

— O que você fez?

— Eu? — Garrick ergue as mãos. — Eu não toquei nela.

— Ah, dá pra ver. — Quinn o fulmina com o olhar. — Fico tão feliz por só gostar de meninas. Meninos são muito dramáticos.

— Inacreditável. — Garrick a encara, recostando-se no tronco da árvore.

Um movimento na clareira chama minha atenção, e volto o foco para o Rabo-de-adaga cor de abóbora que vem na nossa direção. Aqueles chifres, aqueles dentes arreganhados, aquele padrão de escamas do peito... definitivamente é ela.

— Vamos ter uma conversinha! — grito para ela, erguendo o dedo.

— Meus deuses, Gen, você não pode gritar com um dragão — murmura Quinn, abaixando os olhos como Kaori nos ensinou. — Muito menos para um laranja.

— *Navarriana!* — berra ela, e é o único aviso que recebo antes de ela arreganhar os dentes e sibilar um jato estreito de fogo entre os caninos na direção de Quinn.

Meu estômago parece saltar da boca.

— Não! — grito, pulando na direção de Quinn e empurrando nós duas para trás do enorme tronco da árvore.

Poder irrompe dentro de mim em uma torrente de fogo, e fecho a minha porta mental outra vez. A última coisa de que precisamos é que eu chamusque enquanto estou sendo queimada viva.

O fogo sopra para além de nós três, enquanto nos amontoamos atrás do carvalho.

O jato desaparece tão rapidamente quanto surgiu, mas minha raiva está longe de diminuir.

— Que ótimo que essa árvore é petrificada — diz Garrick, batendo o punho no tronco.

— Espero que você soubesse disso! — grito para Glane, deixando Garrick e Quinn atrás do carvalho enquanto vou correndo para a clareira.

— *Você morreu? Acho que não. Pare de choramingar.*

— *Ela é minha melhor amiga. Minha única amiga!*

— *A gente dela matou a sua mãe. A sua irmã.*

Ela abaixa a cabeça em posição de batalha, serpenteando como uma cobra.

— Ela não teve nada a ver com isso! Assim como eu não tive nada a ver com a rebelião! — Vou direto até o focinho dela, apontando o dedo. — *E que Dunne me ajude se você tocar em um fio de cabelo dela. Vou contar para todo mundo quem você é de verdade.*

Ela ergue a cabeça laranja, estreitando os olhos.

— *Meu nome é Glane.*

Eu bufo.

— *Você acha que não me lembro de você? É difícil esquecer o primeiro dragão que minha avó me apresentou, mesmo quando eu tinha cinco anos.*

— *Eu só tenho vinte anos.* — Vapor sobe das narinas dela. — *Talvez você esteja recordando mal.*

— *E talvez você seja uma mentirosa.* — Cruzo os braços. — *Você*

se uniu a mim, mesmo sabendo que é proibido. Kaori vai saber.

— *Fui registrada como Glane para todos.* — Ela inclina a cabeça para mim, fazendo eu me sentir como se tivesse cinco anos outra vez. — *Incluindo para você.*

Como foi que ela conseguiu uma proeza dessas? Os registros dos predecessores de Kaori devem ser uma bagunça.

— *Quer que eu te chame de Glane?* — Tamborilo os dedos no braço.

— *Será preciso.* — Ela sopra vapor em cima de mim, mas eu sequer estremeço. — *Você tem sorte de ser minha. Eu já matei...*

— *Zero pessoa, Glane.* — Arqueio a sobancelha para ela.

Ela solta um rosnado baixo que vem do fundo da garganta.

Arreganho os dentes para ela.

— *Que madura.* — Ela bufa.

— *Olha quem fala.* — Olho para trás para garantir que Quinn não explodiu espontaneamente em chamas nem nada.

Ela me dá um aceno encorajador e abre um sorriso enorme.

— *Suponho que você seja mais velha que eu* — diz Glane, flexionando as garras.

Bufo.

— *Se deixar ela em paz, vou guardar seu segredo.*

— *Farei melhor que isso.*

Ela vira a cabeça para o sul, e um Rabo-de-escorpião-verde sai da floresta.

— *Cruth!* — exclama Quinn, e sai correndo pela clareira com os braços abertos, feito uma heroína fictícia que está prestes a reencontrar seu amor perdido.

Abro um sorriso involuntário e balanço a cabeça. É claro que para ela vai ser fácil assim. Fico feliz que seja.

— *Vamos* — diz Glane.

— *Imogen!* — Garrick chama. — Eu te encontro no campo de voo. Nossa conversa ainda não acabou.

Faço careta.

— Ah, acabou, sim!

Saio em disparada, montando com facilidade. Os gestos são instintivos, fruto de ter sido treinada desde a infância. As escamas dela brilham sob a luz do sol, e eu me acomodo em posição.

— *Deveria avisar a você que tenho toda a intenção de morrer em combate* — digo.

— *Assim como eu.* — Glane dá três passos e nos lança ao céu com o bater das asas translúcidas. — *Nisso, somos iguais.*

O vento sopra meus cabelos enquanto olho para a clareira, deixando Garrick para trás.

— *Aposto que matarei mais inimigos que você* — digo.

— *Desafio aceito.*

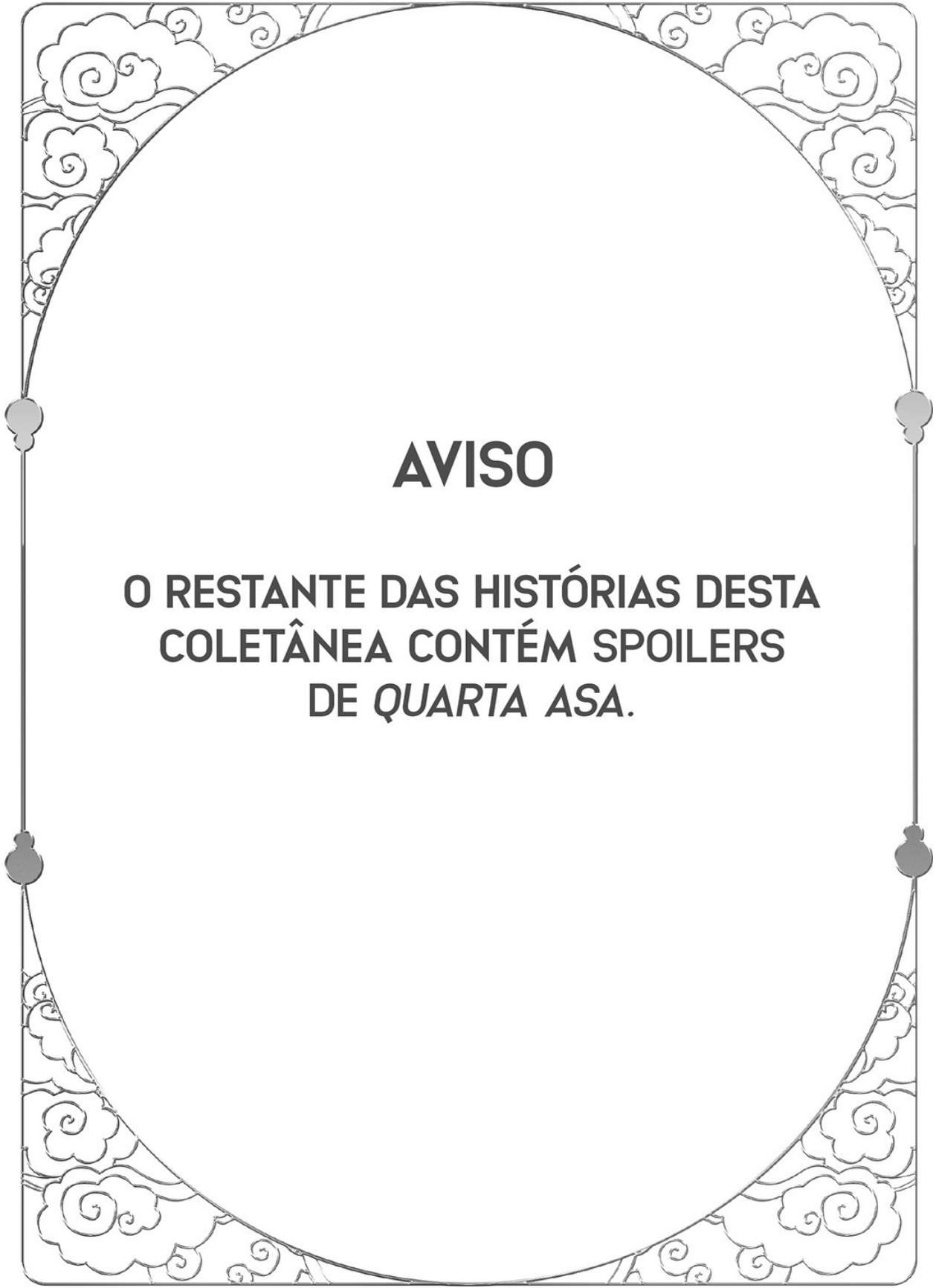
Abro os braços e deixo a cabeça cair para trás, abraçando o sol enquanto subimos, seguindo para o campo de voo.

— Eu consegui — digo para Katrina e para mamãe. — Bem como vocês disseram que eu conseguiria. — Um sorriso aparece na minha boca. — Avisem para a vovó que fiquei com o dragão dela.

Mais precisamente, o dragão dela ficou *comigo*.

Meu corpo se curva sobre a coluna de Glane, e seguimos na direção do campo de voo, compartilhando um segredo que destruiria toda a fé de Kaori no Empyriano.

Só que é um segredo que restaura a *minha* fé.

A decorative border surrounds the central text. It features stylized clouds and swirls in the corners, connected by a thin line with small circular accents at the midpoints of each side.

AVISO

**O RESTANTE DAS HISTÓRIAS DESTA
COLETÂNEA CONTÉM SPOILERS
DE *QUARTA ASA*.**



633 D.U.
Feirge – Rabo-de-adaga-verde
(Fêmea) Descendente da linhagem Uaineloidsig
Idade estimada: 87
Cavaleiros registrados: 3

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



RHIANNON

— **V**enha me encontrar.

Os calouros se espalham pela floresta ao meu redor, desaparecendo por trás das árvores, enquanto eu caminho na direção sul completamente sozinha. É difícil acreditar que o dia da Ceifa enfim chegou, mas estou mais que preparada. Estou em júbilo, incapaz de esconder o sorriso ou de conter a empolgação que praticamente faz meu corpo vibrar de expectativa. Queria poder dizer que o mesmo acontece com meus amigos.

A maioria deles está um caco.

Tanto Tara quanto Trina pareciam bem, mas Ridoc vomitou tudo o que comeu no café da manhã antes de nos separarmos, Violet estava mais pálida que o normal, e Sawyer estava tão

absorto que me preocupo com a possibilidade de ele ser relegado outra vez este ano. Queria que dragões escolhessem seus cavaleiros em grupos, em vez de individualmente, assim poderíamos ficar juntos. Porém, Kaori foi consistente ao passar a mensagem de que estamos sozinhos aqui.

Meu coração bate na velocidade das asas de um beija-flor, e adentro a floresta com passos leves, forçando minha pulsação a desacelerar para que eu consiga pensar com clareza. Não vai me ajudar em nada ficar empolgada se trombar com algum vermelho rabugento e acabar virando fogueira. Eu não atravessei o Parapeito na chuva com a bota emprestada de Violet só para me tornar uma marca chamuscada no chão.

— *Venha me encontrar.* — A voz é feminina e soa clara como um sino, embora não possa ser descrita como doce.

Kaori nos disse para obedecer ao chamado se escutássemos algo, e, embora eu não tenha contado nada aos meus amigos, soube na hora do que ele estava falando.

Acordei esta manhã com um lampejo de memória do Rabo-de-adaga-verde-jade que eu vira na Apresentação, aquela única ordem ressoando na cabeça e uma dor profundamente enraizada irradiando do centro do meu peito de um jeito que parecia que alguém tinha arrancado um pedaço dos meus pulmões enquanto eu dormia. Mesmo agora ainda arde levemente todas as vezes que sorvo o ar, como naquelas primeiras manhãs de inverno quando eu saía de casa para buscar lenha para que minha irmã gêmea pudesse dormir um pouco mais.

Meu coração se aperta. Raegan deve dar à luz seu primeiro filho no solstício de inverno, e eu nem sequer posso receber uma carta para saber como ela está até terminar o primeiro ano. Deuses, eu daria qualquer coisa para trazê-la até aqui, mesmo que só por alguns minutos, para que ela pudesse compartilhar essa euforia que faz meu sistema nervoso inteiro estalar. Ela ia amar! Eu a tiraria daqui antes que um dragão pudesse chegar perto dela, claro. Prefiro morrer a arriscar que algo machuque a

minha irmã.

— *Venha me encontrar.*

— Estou tentando — sussurro para a brisa.

Alguém grita à minha esquerda, e meu estômago revira. Não consigo ver muita coisa entre as folhas de outono coloridas que cobrem as árvores enormes, mas aquele rastro de fumaça entre os galhos não pode ser bom sinal.

Não é ninguém que você conhece. Continue focada.

Melhor ainda, tomara que seja Jack Barlowe. Aquele babaca merece ser tostado ao primeiro sinal pela forma como atormenta todos ao redor dele, especialmente a Violet. Mas dragões parecem admirar esse tipo de crueldade, então ele provavelmente está cercado por uma variedade de focinhos interessados. Deuses nos ajudem se ele se tornar o mais poderoso do nosso ano.

Algo repuxa meu peito, me guiando ao norte, e eu sigo, virando as costas para a fumaça e indo para a parte mais adensada da floresta. A sombra me abriga, trazendo uma onda de frio. É ilógico pensar que um dragão conseguiria caber entre essas árvores, mas escutar o que Kaori disse tem me ajudado até agora, então sigo a sensação e torço para que o chamado seja do Rabo-de-adaga-verde-jade.

Um verde seria *fantástico*. Eles mantêm uma conexão mais estável com a magia, e aprecio o fato de serem conhecidos como racionais. Considerando os temperamentos de todos ao meu redor, eu vou adorar ter alguém emocionalmente razoável em minha vida. Mas não quero um verde *qualquer*. Quero aquele que escolheu não transformar Violet em uma pilha de cinzas durante a Apresentação porque reconheceu as escamas da armadura que ela usa como sendo do dragão da irmã dela.

Vou passar o resto da vida agradecendo a esse dragão por não torrar minha melhor amiga.

O cheiro de enxofre é carregado pela brisa, e desacelero o passo ao me aproximar de um riacho, a ansiedade tomando

conta do meu coração pela primeira vez hoje. Contenho a inquietação, rejeitando por completo a ideia de que este pode não ser o melhor dia da minha vida.

Estou aqui para encontrá-la.

O sol banha meu rosto enquanto caminho entre a vegetação, mas qualquer sensação de conforto desaparece com um grito abafado que vem do centro de uma clareira, onde dois cavaleiros estão agachados. Não, não é isso. Um deles está deitado, enquanto o outro está mais para abaixado.

— Ah, merda.

Meus pés se detêm na beirada da área aberta, que não é grande o bastante para ser chamada de campina. Não vejo nenhuma marca de queimadura visível, mas as árvores do lado esquerdo estão pegando fogo. Não foi à toa que senti o cheiro de enxofre.

A cavaleira agachada vira na minha direção e fica de pé, erguendo um machado, e exibe uma expressão mais ameaçadora do que a de qualquer dragão que já encontrei, com exceção daquela Rabo-de-adaga-azul do Riorson.

Sgaeyl é fruto de pesadelos.

— Não sou uma ameaça. — Levanto as mãos até a altura do peito, deixando as palmas voltadas para fora, mas mantendo as armas ao alcance.

A morena com duas estrelas prateadas no colarinho ergue uma sobrancelha com um piercing.

— Eu não declararia isso em voz alta por aqui, Matthias. O Rabo-de-adaga-laranja que acabou de derreter a cara da sua amiga caloura pode voltar.

Derreter?

Meu coração tenta saltar pela boca, e eu me apresso até lá, ignorando completamente o machado e a relíquia da rebelião que sobe pelo braço da cadete do segundo ano. Dunne, por favor, não permita que seja um dos meus colegas de esquadrão...

O que vejo parte meu coração mesmo assim.

Uma garota do esquadrão de Tara está deitada no chão, os olhos fechados com força enquanto ela se contorce de dor, e, por mais que eu deteste a palavra “derretido” quando se refere ao rosto de alguém, neste caso, é a palavra correta. O lado direito do rosto dela está vermelho e cheio de bolhas, e uma faixa de pele que vai desde o colarinho do uniforme até o couro cabeludo está... derretida.

— Visia? — Eu me ajoelho ao lado dela, segurando a mão da garota.

Ela a aperta com força o bastante para as unhas arrancarem sangue.

Sibilo de dor, e Visia cai para trás, completamente frouxa.

— É provavelmente melhor que ela fique inconsciente por um tempo — comenta a segundanista, voltando a se abaixar enquanto encaixa o machado no coldre do cinto. A insígnia dela auxilia minha memória. A garota se chama Eya e está no primeiro esquadrão do meu Setor. — Isso aí deve doer pra caralho.

— O que eu faço? — pergunto, segurando a mão de Visia, mesmo que ela esteja inconsciente.

— Você segue a vida na Ceifa. — Eya olha para Visia e suspira.

— Nem fodendo. Não posso simplesmente deixar ela aqui. — Recuo a cabeça. Fico nauseada só de pensar nisso.

— Ótima atitude. — Um sorriso seco aparece na boca de Eya. — Se continuar assim, vai estar na lista de líderes ano que vem.

— Estou mais preocupada com Visia sobrevivendo este ano.

— Isso não cabe a você.

— Essa floresta toda pode pegar fogo. — Ergo o olhar para os galhos que fumegam.

Eya estende a mão e olha para as árvores. Ela ergue o braço, e a água flui do riacho, encharcando as árvores com um chiado.

— Impressionante — admito, enquanto a água volta a fluir com um gesto de Eya.

— Pronto, seu argumento foi refutado. Agora ande...

Um rosnado baixo soa à direita, e meu estômago dá uma cambalhota.

— Puta merda — sussurro quando um dragão laranja enfia o focinho por entre as árvores, arreganhando os dentes. Meu coração começa a martelar, mas consigo continuar raciocinando, e abaixo os olhos imediatamente. — Imagino que este seja o responsável por derreter o rosto de Visia?

— É — responde Eya, completamente despreocupada.

Fico em pé devagar, limpando a palma da mão ensanguentada nas calças e mantendo o olhar firme na grama na frente do focinho abaixado do laranja. Merda, essa coisa está em posição de cuspir fogo, e temos *talvez* seis metros entre nós.

— Que porra você está fazendo? — Eya se ergue atrás de mim.

— Ela está vulnerável. — Minha respiração fica entrecortada, e a sensação de puxão no peito tenta me guiar para a esquerda, mas me mantenho firme. Eu nunca vou me perdoar se este dragão matar Visia porque estou com medo de protegê-la.

— Eu estou bem do lado dela, sua caloura ingênua — ralha Eya atrás de mim.

— E daí? Alunos do segundo e do terceiro ano só podem observar, não interferir — retruco enquanto o laranja sopra minhas tranças para trás com um hálito fétido e vaporoso.

— Argh. — Eya engasga, claramente sentindo o mesmo cheiro que eu. — Observando de perto o bastante para ser um impedimento agora. Eu tenho uma união. Se esse laranja mexer comigo, vai precisar enfrentar o meu dragão. O que Kaori te contou sobre os dragões poderosos?

— Quanto mais poderoso o dragão, mais poderoso o sinete do cavaleiro — respondo, enquanto o laranja dá um único passo à frente, erguendo de leve a cabeça. — Não sei se agora é hora de me dar aula.

A grama na frente do laranja murcha com o fôlego seguinte.

— É *sempre* a hora certa para dar aula por aqui — rebate ela.
— Não é só o sinete. Quanto mais poderoso o dragão, menos os outros dragões estão dispostos a mexer com o cavaleiro deles assim que a união se solidifica — completa ela. — Eu estou perfeitamente segura. Você, no entanto, *não está*.

Meus lábios se abrem. Nunca pensei nisso dessa forma, mas faz todo sentido.

A cabeça do laranja dá uma guinada para a frente no mesmo instante em que as árvores à nossa esquerda se mexem. Antes que eu sequer consiga piscar, as pontas afiadas como lâminas de um rabo em forma de adaga se encaixam perfeitamente na garganta exposta do laranja.

Um rabo em forma de adaga *verde-jade*.

Meu olhar voa para a coluna do Rabo-de-adaga enquanto o dragão recua para a clareira, mantendo o rabo no lugar e preenchendo o espaço entre nós e o laranja. Ele rosna na direção do laranja antes de virar a cabeça na nossa direção.

Com um único vislumbre dos olhos dourados, eu me esqueço de abaixar o olhar.

Meu coração acelera ainda mais.

É ela a origem do chamado no meu peito, a voz na minha cabeça. Tenho tanta certeza disso quanto do meu próprio nome.

— Putz — murmura Eya baixinho enquanto o laranja recua por entre as árvores. — Abaixar os olhos e lembre-se de não...

— Recuar — completo por ela, dando um passo na direção do verde. — Eu sei. Eu estudei. Não precisa se preocupar. Ela é minha.

— Melhor você ter certeza disso — responde Eya. — Um verde vai saber.

— Você é minha — corrige a verde.

— Não foi o que eu disse? — Dou outro passo, o que me deixa ao alcance do focinho do dragão verde.

— *Não é a mesma coisa*. — As narinas se expandem com a respiração seguinte, e então ela ergue a cabeça de leve, me

avaliando. — *Sua coagulação é rápida, Rhiannon. Um sinal excelente. Eu sou Feirge.*

— Feirge — sussurro, e aquele pedaço que faltava nos meus pulmões volta para o lugar.

— *Você saberia disso se tivesse procurado o seu guia de referências quando acordou esta manhã.* — É uma bronca óbvia.

Abro a boca e a fecho. Ela me deu um puxão de orelha de um jeito que só Raegan já fez: direta, sem se preocupar em agradar.

— Era o que eu pretendia, mas precisava garantir que meus colegas de esquadrão comessem direito, já que nosso Líder de Esquadrão estava por aqui.

— *É mesmo? Eu não fazia ideia. Eu nunca vi nenhuma de suas memórias.* — Ela inclina a cabeça.

Bem, isso não me parece certo. Dragões têm acesso a todas as nossas memórias no segundo em que se unem aos seus humanos.

— *Eu estive chamando você desde que o guardião dos dragões trouxe os aspirantes à floresta. Seu senso de direção me deixou maravilhada.* — As garras batem no chão, igual faz uma professora de escola que tamborila os dedos para esconder a exasperação.

Um sorriso aparece nos meus lábios.

— Obrigada. — Ela pisca. — Ah. — Levanto as sobrancelhas, e meu sorriso desaparece tão rapidamente quanto apareceu. Eu tinha entendido certo, ela está exasperada. — Você está sendo sarcástica.

É claro que ela já viu minhas memórias e sabe o que eu estava fazendo hoje de manhã. E não está nada impressionada com o tempo que levei para encontrá-la.

— *Você aprende rápido.*

— Não sabia que dragões podiam ser sarcásticos — murmuro, encarando-a enquanto ela levanta a cabeça, abrindo caminho para a pata dianteira, para o caso de eu escolher montar.

— Com sorte, você vai conseguir ver a diferença quando ela não estiver sendo sarcástica — comenta Eya atrás de mim. — É melhor ir logo, antes que ela mude de ideia.

Feirge volta a bater as garras no chão.

— Tá. — Dou um passo em frente, então hesito e olho para trás. — Mas e Visia?

Eya me olha como se eu tivesse enlouquecido.

— O que tem ela? Se ela acordar antes de anoitecer, cabe a ela decidir se quer continuar e, se não acordar, vai repetir de ano na esperança de que algum Líder de Esquadrão a aceite.

— Como assim, aceite? — Arregalo os olhos. — Quer dizer que Aetos precisou aceitar ficar com Sawyer? — Eya assente, e minha mente avalia rapidamente os membros do meu esquadrão. Tynan é um escroto, mas o resto do grupo é ótimo. Opto por seguir as probabilidades. — Quando Visia acordar, diga a ela que o segundo esquadrão entende a coragem necessária para repetir de ano, e ela vai ser bem recebida por seja lá quem for designado como nosso Líder de Esquadrão.

Um sorriso lentamente suaviza o rosto de Eya.

— Tenho a sensação de que essa pessoa vai ser você.

Meu coração bate ainda mais rápido enquanto desvio o olhar de Eya e encaro Feirge. Uma faísca de esperança se acende no meu peito e logo se transforma em chamas de determinação quando encaro seus olhos. Líder de Esquadrão. É um objetivo e tanto, e eu precisarei ser digna...

— *Você se aproximou sem hesitar em vez de se acovardar quando sua amiga com as escamas de Teine estava em perigo durante a Apresentação. Se você não fosse digna, já seria cinzas a essa altura.* — Feirge bufa, algo que parece um enorme suspiro de dragão. — *Se duvida disso, seu lugar não é nas minhas costas.*

Não há sarcasmo nenhum no tom dela, e as garras ficam imóveis.

Chegou a hora da verdade.

— Vou confiar no seu julgamento.

Calculo a distância até a perna dianteira e deixo a expectativa que senti desde me voluntariar para a Divisão dos Cavaleiros tomar conta do meu corpo da melhor maneira possível, e me entrego completamente à euforia do momento.

— *Antes ou depois de eu falecer de tédio esperando por você?*

Não consigo conter a risada que escapa dos meus lábios.

— Ah, você também é dramática. Entendi. Vamos nessa.

Não perco mais nenhum segundo, pegando impulso e correndo em linha reta na direção da pata dianteira. Minhas botas diminuem a distância rapidamente, e uso a curva do topo da garra exatamente como foi com a rampa na Armadilha.

Diferente da Armadilha, porém, na metade da subida percebo que não tenho nenhuma chance de chegar ao topo. A perna dela é *gigantesca*.

Parece que o tempo desacelera quando meu impulso chega ao auge e, de alguma forma, sei que, se fracassar nessa tentativa, Feirge não me dará uma segunda chance. Em vez de ficar assistindo a Violet se debater no topo da Armadilha, de repente sou eu que estou prestes a enfrentar dificuldades.

Violet. Preciso aprender uma lição com ela.

Meu peso começa a mudar e, em vez de enfiar uma adaga na rampa de madeira como minha amiga fez, eu encaixo a mão na pequena abertura entre as escamas de Feirge, usando-a como apoio para me atirar para cima. É mais difícil do que eu esperava, e amo cada segundo do desafio.

Não me dou ao trabalho de parar e curtir a alegria de ter conseguido alcançar seu ombro. Vou direto para a depressão lisa das escamas que compõe o assento e me acomodo. Minhas mãos se seguram nos rebordos substanciais do pomo, e eu travo a ponta das botas nos buracos entre as escamas. Sinto algo se *encaixar* entre as costelas, como a última peça de um quebra-cabeça encontrando seu lugar, e me delicio com a sensação. Meu sorriso ameaça rasgar meu rosto ao meio.

Quem é que não quer cavalgar em um dragão? Foi isso que eu

disse a Violet antes de subirmos o Parapeito, e continuo acreditando nisso. Este é o auge da minha vida. Agora só preciso segurar firme.

— *Não se preocupe. O voo é a parte fácil.*

Ela salta em direção ao céu, levantando voo com uma tranquilidade surpreendente, considerando o pouco espaço, e nos leva para cima com batidas pesadas das asas.

Quando terminamos o primeiro mergulho vertical, compreendo a profundidade do sarcasmo dela enquanto tento descobrir onde deixei meu estômago cair.

Só vomito uma vez antes de pousarmos no campo de voo.

Valeu *muito* a pena.



633 D.U.
Sliseag – Rabo-de-espada-vermelho
(Macho) Descendente da linhagem Berradhdyr
Idade estimada: 73
Cavaleiros registrados: 2

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



SAWYER

Prefiro morrer nesta floresta a repetir mais um ano em Basgiath. É macabro, mas é verdade. Mesmo o amor que sinto por meus pais não vai me prender aqui por mais um ano maldito se eu sair desta floresta de novo sem estar unido a um dragão.

Ao final deste dia, serei ou um cavaleiro ou um cadáver. Fim da história.

Só torço para que as pessoas com quem me importo tenham mais sorte do que a que eu agora espero deste lugar. Zihnal definitivamente mostra seu favoritismo por aqui, e, embora ele nunca tenha gostado muito de mim, rezo para que ele cuide de Rhi, Violet, Ridoc e Trina. E meio que estou torcendo para que

Tynan acabe se encontrando com a parte pontuda de um rabo de espada. Posso estar sendo um babaca por desejar isso, mas a última coisa que nosso reino precisa é de mais um valentão com um poder especial.

Estatisticamente falando, nem todos voltaremos para casa hoje, e saber disso me faz ficar tão devastado como um campo de batalha. Uma parte de mim está lapidada pela fúria de estar prestes a encarar a humilhação da rejeição outra vez, mas a outra está fragmentada e estilhaçada pelo medo de não poder poupar meus colegas de esquadrão do mesmo destino. A tensão de sentir essas duas coisas ao mesmo tempo é insuportável.

Minhas costelas se fecham sobre os meus pulmões enquanto observo os membros do meu esquadrão entrarem na floresta à minha frente, cada um carregando seu fardo. Bem, exceto Rhi. Essa aí praticamente sai saltitando para o destino com um sorriso de dar nos nervos. Não tenho nenhuma dúvida de que ela vai ser a primeira de nós a fazer a união. A confiança dela é como um ímã para as pessoas ao redor, e especialmente para os dragões.

Perco Ridoc de vista depois de trocar um último olhar e um aceno de cabeça e seguirmos em direções diferentes entre as árvores. Os tons dourados das feições dele ainda estão meio esverdeados. Detesto ver isso da parte dele, mas ao menos o cara está levando a tarefa a sério. O fato de ele ter sobrevivido à Apresentação enquanto tagarelava sem parar como sempre é a única coisa que me faz acreditar que tenha uma mínima chance. É uma pena, porque eu gosto muito dele. Na verdade, pode ser o meu colega favorito deste ano. A capacidade que tem de fazer piada com qualquer coisa compensa minha incapacidade de achar graça em quase nada. Tentei muito não gostar de *ninguém*. Dói demais quando eles morrem... ou quando seguem em frente sem mim.

Não converso com nenhum cavaleiro do meu esquadrão do ano passado. Talvez seja por isso que nos colocam em novos

esquadrões quando repetimos de ano, para a gente não ter que ficar suportando a infelicidade de encarar o que poderia ter sido nosso futuro todos os dias durante a formatura.

Inclino a cabeça para trás para ver a legião de dragões voando, e os poucos pedaços de céu azul que havia ali momentos antes são devorados por lampejos de escamas vermelhas, laranja, marrons e verdes. O chão treme sutilmente enquanto os dragões pousam na floresta, e o céu azul volta a aparecer, assim como no ano passado. Porém não vou fazer *nada* igual ao que fiz ano passado.

Tento afastar o peso árduo do agouro que parece dominar meu estômago enquanto sigo a leste, me atenho ao perímetro da floresta. Algumas horas depois, o sol brilha forte no alto do céu quando chego ao que parece ser o limite do sul. Não avistei um único dragão.

Acho que essa tática não é das melhores.

Eu me viro na direção da floresta, soltando um suspiro de frustração e tentando controlar as emoções, e caminho entre um aglomerado enorme de arbustos cheios de espinhos. Dragões apreciam força e estabilidade, e essas não são qualidades que sinto ter no momento. Agora, se um membro do Empyriano estiver procurando por um repetente agitado e calejado com um complexo de inferioridade cada vez maior, eu sou a escolha certa.

Juro por Dunne, preciso de um ferreiro emocional para torcer todos esses sentimentos e forjar a arma inquebrável que a Divisão espera que sejamos. Eu não deveria rezar a Dunne pedindo isso, já que ela provavelmente me dispensaria de imediato por não estar com a cabeça no lugar.

Uma mão se estende por trás de um arbusto e agarra meu braço.

Meu coração se sobressalta.

— Mas que caralho... — Afasto a mão do meu braço, dou um pulo para trás e desembainho a espada.

— Ah, graças a Zihnal, Sawyer! — Trina sai dos arbustos, o cabelo ruivo emaranhado de gravetos.

Ela só pode estar brincando, não é? Preciso respirar algumas vezes para conseguir engolir o coração que entalou na porra da minha garganta.

— Esse é um jeito excelente de ser morta por um membro do seu esquadrão, Trina — comento, embainhando a espada.

— Não existe essa de colega de esquadrão hoje, lembra? — Os olhos castanhos estão arregalados enquanto ela avalia os arredores. — É cada um por si, Zihnal por todos.

— Você está segura comigo.

Não posso dizer o mesmo dos outros cadetes que decidiram resolver suas desavenças enquanto os professores não estão olhando. Os dragões não são os únicos aqui querendo matar alguém.

— Eu sei. É por isso que saí do esconderijo quando te vi. — Ela abre um sorriso hesitante para mim.

— Há quanto tempo você está escondida nesses arbustos? — Levanto a sobrancelha e tiro um dos gravetos do cabelo dela.

No que se trata de colegas de esquadrão, eu respeito Trina. Ela é calada, fica sempre na dela e evita o drama infinito que inevitavelmente se desenrola quando se tranca um bando de pessoas de vinte e poucos anos na Divisão com supervisão mínima.

— Talvez uma hora? — Ela franze o nariz. — Um marrom passou por aqui, e eu sabia que não era meu, então me escondi.

— Você sabe que não vai encontrar uma união se passar o dia todo escondida na vegetação, né? — Tiro o último graveto do cabelo dela e o deixo no chão da floresta.

— Você sabe que não vai encontrar uma união se não entrar na floresta, né? — rebate ela, cruzando os braços.

Nessa ela me pegou. O rubor faz meu pescoço esquentar. Odeio pra *caralho* que minha pele fique corada ao menor sinal de desconforto emocional.

— Vou tentar fazer o exato oposto do que fiz ano passado, já que entrar marchando no meio da floresta não deu tão certo para mim.

— E como está dando certo para você este ano? — Ela ergue as sobrancelhas.

— Não está. — Dou de ombros. — Obviamente.

Tomara que os outros tenham mais sorte, só que, se Trina e eu servirmos de medida para nosso esquadrão, esse vai ser um dia péssimo.

— Bom, ainda temos ao menos seis horas antes de anoitecer para dar a volta por cima — diz ela, com um otimismo que invejo e os olhos se iluminando. — Estou pensando que podemos entrar juntos na floresta.

— Não é para entrarmos em grupo. — Passo a mão pelo cabelo, a irritação com tudo relativo a esse dia me vencendo.

— Você entrou sozinho ano passado? — pergunta ela.

O tom dela é inofensivo, mas as palavras me atingem como um soco na virilha, como se eu não tivesse feito tudo direitinho no ano passado.

— Entrei. — Minha voz fica mais alta apesar dos meus esforços para manter a calma. — Fiz tudo de acordo com as regras, se é isso que está perguntando. — Largo os braços ao lado do corpo. — Vá em frente e tente determinar o que eu fiz de errado na Ceifa passada, mas espero que esteja pronta para a decepção, porque faz doze meses que tento entender e não cheguei a conclusão nenhuma!

Quando termino o discurso, as sobrancelhas dela estão tão levantadas que quase tocam o couro cabeludo.

— Caralho. — Abaixo as mãos. — Desculpa.

— Está se sentindo melhor agora? — Ela inclina a cabeça, e um canto da boca sobe.

Pisco e faço uma avaliação rápida.

— Estranhamente, sim. Um pouco melhor.

— Ótimo. — Ela dá um tapa no meu ombro. — Olha só, não

estava perguntando o que aconteceu com você ano passado. Você deixou bem claro desde o Parapeito que esse assunto está fora de questão. Estava simplesmente sugerindo que a gente tentasse a coisa do grupo, já que você não fez isso ano passado, considerando que você disse que queria fazer tudo ao contrário.

— Certo. — Abaixo a cabeça e respiro fundo antes de olhar para ela. — Desculpe. Isso faz mais sentido.

Ela indica a floresta com a mão.

— Vamos?

Pisco.

— Você ainda quer entrar comigo mesmo depois de eu ter acabado de perder a paciência e demonstrado quão indesejável eu sou para os dragões cuspidores de fogo lá dentro?

— Hum-hum. — Ela nem hesita. — Afinal de contas, você acabou de me encontrar escondida atrás de uma moita.

— Bem observado. — Nenhum de nós está na sua melhor forma hoje. — Vamos nessa.

Damos meia-volta e caminhamos lado a lado em direção às profundezas da floresta, ficando em silêncio na maior parte do tempo. Paramos quando ouvimos galhos se quebrando, e então nos viramos quando ouvimos gritos a distância.

— Ano passado foi assim também? — A voz dela estremece ao passarmos pela metade inferior do corpo decepado de um cadete.

Deuses, torço para que não seja ninguém que conhecemos.

— Tinha mais dragões dispostos a se unir no ano passado, mas é praticamente a mesma coisa. — Estendo o braço na frente dela quando um par de garras verdes pousa a quatro metros de nós, as garras flexionando sobre a terra. Perto demais.

Tanto eu quanto Trina ficamos imóveis quando o dragão abaixa a cabeça em nossa direção, encarando-nos de frente. Ele arreganha os dentes gigantesco, e um grunhido profundo emana de sua garganta.

— Olhe para baixo — digo para Trina, mas fito o verde.

Una-se a mim ou me mate. A escolha é sua.

Os olhos do verde faíscam, mas ele ergue a cabeça em vez de cuspir fogo em mim.

Faço um esforço com os ouvidos, tentando encontrar o chamado que Kaori diz que é para supostamente detectarmos quando nossos dragões aparecem, mas tudo que ouço são folhas esmagadas sob garras enormes enquanto o verde passa diretamente por nós, balançando o rabo de chicote afiado acima da nossa cabeça e seguindo seu caminho.

— Sentiu alguma coisa? — pergunto a Trina.

— Não — sussurra ela. — E você?

Ela estica o pescoço para observar o verde se afastar.

— Não.

A frustração volta com força. Não que eu esperasse que o primeiro dragão que eu encontrasse já fosse o meu, mas teria sido legal.

O dragão desaparece entre as árvores, e Trina se vira para mim, franzindo a sobancelha.

— Você não baixou o olhar — acusa ela.

— Não. — Volto a caminhar, e ela corre para me alcançar.

— Ele poderia ter te matado por essa insolência.

— Mas não matou. — Dou de ombros e diminuo o passo para facilitar para ela.

— Esse é um comportamento bem autodestrutivo. — Ela franze a testa, preocupada.

— Não é muito diferente do Parapeito ou da Armadilha. Como falei, estou fazendo o oposto do que fiz ano passado, e nem fodendo que vou ficar esperando aqui quando aparecerem para buscar os cadetes que precisam repetir ano que vem. Não consigo fazer isso de novo. Eu me recuso.

A luz do sol se infiltra em uma clareira em frente, e meu coração começa a acelerar por um motivo que não sou capaz de identificar.

— Você prefere mesmo ir ao encontro de Malek, igual àquele

cadete mutilado ali atrás, a tentar de novo ano que vem?

— Acho que incineração instantânea é um jeito melhor de morrer. — Levo a mão ao peito e me concentro em respirar fundo, tranquilo, mas meu coração só acelera mais.

— Isso não é brincadeira. — Ela balança a cabeça, e nos desviamos de um chamuscado no chão.

— Eu não disse que era.

— Não é à toa que você é amigo do Gamlyn. — Ela encara o ombro e arranca outro espinho do tecido do uniforme. — Merda — murmura ela, encarando a gota de sangue no polegar.

— Tudo bem aí?

— Tudo. São só uns espinhos idiotas. Não sou eu que estou com vontade de morrer.

— Não tenho vontade de morrer. — Espremo os lábios enquanto reflito. — Ao menos não mais do que todo mundo na Divisão. Todos nós aceitamos a morte como uma possibilidade quando subimos naquela torre no Dia do Alistamento. Todos nós arriscamos a vida pela chance de nos tornarmos cavaleiros. — Deuses, agora meu peito dói também. Esfrego o esterno. Como posso explicar para ela? — Para mim, é como um segundo Parapeito. Ou eu atravesso, ou eu...

As palavras morrem na minha boca quando entramos na clareira, e abaixo a mão.

Dois dragões estão parados lá. Um deles é um laranja de tamanho médio, o outro é um vermelho maior. Ambos nos encaram, como se estivessem esperando.

O laranja rosna.

Merda! Abaixo o olhar para o chão.

Considerando a natureza imprevisível dos laranjas e o temperamento dos vermelhos, é possível que tenhamos entrado na clareira mais perigosa do Vale da Ceifa. De repente, aguardar até o ano que vem não parece uma ideia tão terrível assim.

— Minha — sussurra Trina, e meus olhos se voltam para ela. Ela está encarando com espanto, de olhos arregalados, o dragão

laranja à esquerda. — Acho que ela... é minha. O que eu faço?

— Eu não saberia dizer — respondo no mesmo tom baixo, e a pontada repentina de inveja no meu peito não ajuda em nada a desacelerar meu coração. — Eu nunca senti nada assim.

— O que eu faço? O que eu faço? — repete ela, claramente falando consigo mesma. — Vou falar com ela.

E ela acha que *eu* é que tenho vontade de morrer?

— Tem certeza de que essa é a melhor coisa a fazer? — Olho para as garras brilhantes do laranja, e a dor no meu peito se intensifica.

— Não — confessa Trina. — Mas... — Ela inclina a cabeça, e seus olhos se arregalam. — Eu não estou com medo! — exclama ela, na direção da campina. — Sou cautelosa, cuidadosa e... — Os dentes batem quando ela trava a mandíbula. — Não foi isso que eu disse.

Putá merda. Ela está *falando* com o laranja, o que significa que foi escolhida. Um sorriso aparece na minha boca quando Trina atravessa a clareira, com os punhos fechados e mantendo a cabeça erguida enquanto se aproxima do Rabo-de-clava-laranja.

Estou feliz por ela. Um colega de esquadrão a menos com quem preciso me preocupar hoje.

— *Por que não tem a mesma consideração consigo mesmo?* — uma voz masculina rouca pergunta direto na minha mente.

Pelo amor de Malek.

Levanto a cabeça e encontro o vermelho me encarando com ferocidade.

Deveria desviar o olhar, mas, em vez disso, congelo, com os olhos grudados no vermelho. Que criatura aterrorizante e imponente. A dor no meu peito desaparece, e, em vez de acelerar com o pânico que domina meus músculos, meu coração inexplicavelmente se acalma.

Estranho. Imediatamente analiso o padrão único dos chifres, o tamanho e a cicatriz distinta que atravessa a parte inferior de

sua perna dianteira direita, e reconheço aquele vermelho dos cartões que Kaori nos deu para memorizar. Sliseag, Rabo-de-espada-vermelho. Idade aproximada: setenta e três anos. Dois cavaleiros registrados, o mais recente tendo morrido no ano retrasado. *Exigente e combativo*. Foi como Kaori o descreveu durante sua aula.

Nem fodendo que qualquer dragão descrito como *exigente* vá se unir a um repetente como eu, o que significa que a morte é iminente. Fecho os olhos e aceito o meu triste destino.

Meu peito se aperta. Ferrei bonito essa coisa toda, e agora é tarde demais. Eu nunca deveria ter desafiado Malek com meu lema de união ou morte.

— *Não desejo me repetir.*

— Você... — Abro um olho devagar e então verifico os arredores, como se pudesse haver mais algum cadete por ali. — Está falando comigo?

Os olhos dourados de Sliseag se estreitam ainda mais, e vapor sobe de suas narinas.

Porra. Agora eu o irritei. Ao menos ele não baixou a...

A cabeça dele baixa para a posição de ataque, fazendo os dentes ficarem a menos de cinco metros de mim.

Lá se foi essa esperança.

— *Esse ano a mais que passou na Divisão afetou seu raciocínio?* — pergunta ele, em um rosnado profundo e vibrante que emana da garganta. — *Ou está tão perdido no desprezo que sente por si mesmo que é incapaz de estender a você os mesmos pensamentos que tem sobre a fêmea e Breggh?*

— Não estou perdido em autodesprezo.

Recuo a cabeça ao ouvir a ofensa e só então processo o que ele acabou de dizer. Olho de relance para Trina enquanto ela encara o laranja, Breggh, e pisco antes de fitar Sliseag.

Meus pulmões param. Se ele está falando comigo, significa que me escolheu. É o primeiro sinal de uma união. Deve ser algum erro. Sinto o rosto arder e estremeço, sabendo que Sliseag

vê a vergonha deixando minha pele vermelha.

— *Não preciso testemunhar o sangue banhando seu rosto para sentir sua humilhação.* — A grama alta de outono entre nós se curva com a força do bufo dele. — *Conheço cada detalhe seu, Sawyer Henrick. Mesmo aqueles que deseja esconder em nome do decoro.*

A indignação fala mais alto que minha vergonha, e endireito a coluna.

— Acho que *humilhação* é exagerar demais...

— *Não é.* — O rabo em forma de espada balança sobre a grama num rompante de irritação, arqueando-se na minha direção antes de voltar à posição anterior. — *Tampouco é um erro. Você me ofende ao insinuar que não sou infalível.*

Caralho. Uma ofensa significa fogo. Fecho a boca, prendendo a língua entre os dentes da frente no processo. O gosto metálico acompanha a explosão de dor. Toco o indicador na ponta da língua, e ele volta vermelho. Ótimo, agora o dragão vai achar que não consigo falar sem estourar um vaso sanguíneo.

— Eu não disse *erro*.

— *Você pensou, o que é a mesma coisa. Apenas sinceridade será aceitável entre nós.* — Ele crispa o lábio superior, mostrando os dentes cheios de saliva. — *Minta para mim de novo e receberá aquela apresentação ao seu deus da morte que você insiste em desejar.*

— Eu não... — Paro antes de obrigar Sliseag a cumprir a ameaça, então encho meus pulmões com ar, para me estabilizar. Essa seria uma ótima hora para o ferreiro emocional aparecer. Flexiono as mãos na lateral do corpo enquanto procuro pelas palavras certas, as palavras *sinceras*. — Sim, eu pensei na palavra “erro”. Sei quem você é. Sei que sua última cavaleira era a melhor do ano dela, e eu não sou. Eu sou a porra de um repetente. Você não quer arriscar uma união comigo. Seria mais lógico se procurasse Liam Mairi ou Rhiannon Matthias...

— *Estou procurando você* — rosna ele. — *Essa é a segunda vez que você insinua que estou incorreto, e não continuará vivo se repetir a*

ofensa.

— Considerando que está tão determinado a se unir a mim, você ameaça me matar com bastante frequência — retruco.

Tenho certeza de que o deus da sabedoria acabou de virar as costas para mim depois dessa. Não que Hedeon tenha me abençoado previamente.

Os olhos de Sliseag faíscam, os rebordos escamosos que parecem sobrelanceiras se levantam, e ele esconde os dentes.

— *Esse fogo é precisamente o motivo de eu escolher você. A raiva que esconde dos outros ao seu redor é semelhante à minha.*

As palavras fogem. Meu esforço para regular minhas emoções é o equivalente a erva-dos-gatos para dragões?

— *Sim, embora eu não aprecie a comparação com um felino doméstico.* — Sliseag desliza a cabeça sobre a grama enquanto o pescoço se remexe em um movimento ofídico que deveria me assustar, mas não me assusta. — *Vejo quem você é por inteiro. Sua vergonha, sua raiva, sua teimosia, sua determinação para perseverar apesar de tudo. Você sabe quem eu sou, mas eu também sei quem você é.*

A raiva de que ele tanto fala borbulha à superfície, não que precise de muito para surgir. Sempre está lá, basta um arranhão para expor tudo. Cerro as mãos.

— *Aceite a si mesmo como eu o faço — exige ele. — Naturalmente, pode se apresentar para o resto do mundo como desejar.*

— *Eu posso? — Enrijeço a coluna. — Obrigado pela...*

— *Mas eu apenas tolerarei...*

— *... permissão. — Ergo a voz enquanto ele tenta me atropelar verbalmente. — Mas você não tem o direito...*

— *... transparência em nossa união — ele me interrompe de novo.*

— *... de ditar como eu escolho preservar minha dignidade. — Meu tom de voz fica mais alto, e dou um único passo na direção dele.*

— *Sem isso, você está de fato em risco de declarar...*

Já chega.

— Dá para eu falar, caralho? — grito. Ele pisca, e a voz dele na minha cabeça se cala, mas o rabo continua balançando no fundo da campina. — Você quer transparência? — desafio.

— *Eu a exijo.*

— Ótimo. — Foda-se. Se ele quer sinceridade, vou dar isso a ele. Então veremos se ele está tão certo assim quanto à própria escolha. — Sim, eu estou com raiva. Tive um dos melhores tempos na Armadilha no meu primeiro ano. Fui na frente de todo o meu esquadrão na Apresentação, e não significou porra nenhuma. Segui todos os conselhos que Kaori nos deu na última Ceifa. Memorizei todos os cartões, estudei todas as raças, até tive a audácia de ficar diante de um verde que rosnava, apenas para ele me jogar para longe com o rabo de escorpião de um jeito nada gentil quando me recusei a recuar. — Dou outro passo em frente. — Vi todos os outros serem escolhidos, cadetes que quebraram todas as regras e não se deram ao trabalho de esconder o ódio que tinham dentro de si, enquanto eu fazia tudo certinho. E tudo que eu recebi em troca foi uma hospedagem de duas semanas na enfermaria e a instrução de que teria que fazer tudo de novo!

O foco intenso do olhar do dragão é tudo que indica que ele está escutando enquanto eu grito.

— Duvido muito que alguém como você, que se julga *infalível*, sequer poderia entender a humilhação de ser visto como um rejeitado na Divisão. É insuportável caminhar pelos corredores sabendo que você não é bom o bastante, sabendo que aqueles que você passou a vida inteira se preparando para encontrar e agradar o consideraram indigno.

A dor excruciante me atravessa como uma lâmina enferrujada, derramando sua infecção incurável na ferida enquanto me rasga.

Sliseag estreita os olhos, mas se mantém em silêncio.

— Mas, pelos deuses, você não pode demonstrar nada disso.
— Balanço a cabeça violentamente. — A força é a única coisa permitida na Divisão, permitida por vocês. Precisamos ser duros como aço, mais afiados do que uma lâmina recém-forjada. A perfeição não é a exceção, é o padrão, e aqueles que não conseguem alcançá-la são deixados sangrando no tatame para preservar a eficácia da Asa. Não dá para deixar à solta por aí nenhum cavaleiro que tenha sentimentos, não é mesmo?

Uma rajada de ar atinge meu rosto e me arranca do meu discurso. Viro a cabeça para a esquerda e vejo que Bregg e Trina levantaram voo. Ganham o céu com asas poderosas que enviam lufadas e mais lufadas de vento em nossa direção. Só tenho um vislumbre de Trina enquanto sobem verticalmente, e franzo a sobrancelha.

Os joelhos dela não estão dobrados, mas, se essa é a posição no assento que funciona para ela, então... tudo bem.

— *Já acabou de falar tudo o que tinha para falar?* — pergunta Sliseag, e volto o olhar para ele.

Um nó retorce todos os órgãos do meu abdome. Acabei de surtar com a raça mais temperamental de todos os dragões. Minha garganta ameaça se fechar, mas não peço desculpas, por mais que estejam na ponta da minha língua machucada. Ele pediu sinceridade. Eu a entreguei.

— Acabei.

— *Eu saboreio a sua raiva.* — Um brilho de empolgação ilumina os olhos dele. — *Senti sua vergonha pelas suas memórias, e, embora eu aceite o fardo de responsabilidade pelos infortúnios do ano anterior, não me arrependo da minha escolha...*

— Responsabilidade? — questiono, erguendo as sobrancelhas.

Sliseag dá o bote e bate os dentes a centímetros do meu rosto. Minha alma praticamente sai do meu corpo.

— *Silêncio* — ordena ele, recuando a cabeça devagar. — *É a minha vez de falar.*

Assinto e, na minha visão periférica, vejo Breggh e Trina começarem uma série de mergulhos no céu.

— *Sinta o que preferir, mas sua vergonha está irritantemente deslocada.* — Um sopro de vapor me atinge. — *Sim, você tem muitos motivos de que se envergonhar. Sua habilidade com o arco é atroz, sua compreensão da física é uma lástima, e o único chamado ao qual você responde é o da dor, e sei que ao menos em duas ocasiões suas tentativas de se aproximar de uma parceira em potencial foram tão constrangedoras que eu senti vergonha por você.*

Meu queixo cai ao ouvi-lo listar todos os meus defeitos.

— *Mas você não era indigno no ano passado.* — Sliseag levanta a cabeça, expondo o pescoço. — *Eu simplesmente não estava disponível para você. Quando metade de um par não pode se abrir para uma união, o outro deve esperar, como você esperou.* — O rabo balança outra vez enquanto processo o que ele está me dizendo. — *Infelizmente, essa espera alimentou uma insegurança que eu não tolerarei, a qual você vai superar.*

— E se não superar? — pergunto em voz baixa.

— *Estou disposto a arriscar minha infalibilidade na sua obstinação. Você tem um histórico excelente em perseverar.* — Ele se endireita até a altura máxima e intimidadora, e meu pescoço se arqueia para acompanhar o movimento com os olhos. — *Tome seu assento e vamos nos juntar a seus colegas de esquadrão.*

Um grito estridente rasga o ar, e vejo uma forma que rapidamente cai pelo céu à esquerda da cabeça de Sliseag. Consigo distinguir os detalhes só quando chega mais perto.

Uniforme preto. Cachos ruivos.

Trina.

Braços e pernas se debatem no ar enquanto ela cai até o chão contra um fundo alaranjado, e o ar escapa dos meus pulmões.

Malek, não. Ela caiu de Breggh. E não há nada que eu possa fazer.

Observo horrorizado, completamente impotente, enquanto ela desaparece nas árvores além da clareira. Um baque doentio

se segue logo depois.

— Trina! — Meu corpo se move sozinho, dando um passo na direção das árvores.

— *Uma lástima.* — Sliseag inclina a cabeça, como se escutasse alguma coisa. — *Não há nada que possa ser feito. A vida dela foi extinta. Ela... é irrecuperável.*

— Não. — Eu me agacho, apoiando as mãos nos joelhos, me esforçando para respirar mesmo com a náusea espontânea que acompanha aquela declaração. Já vi muitos colegas de esquadrão morrerem, mas nenhum deles prestes a conquistar tudo pelo que se esforçaram. Ela estava tão perto. Aquela injustiça espreme meu coração com um punho de ferro.

Como vou me juntar aos meus colegas de esquadrão agora?

— *Você vai subir no assento* — ordena Sliseag.

Eu me forço para endireitar a postura e encaro as árvores como se Trina pudesse magicamente atravessá-las.

— *Escolha* — sibila ele.

— Escolha o quê? — Desvio o olhar da floresta para mirar o dragão que me encara com expectativa evidente. O punho se fecha no meu peito com mais força.

— *Eu não me unirei a um cavaleiro que não é capaz de se adaptar à perda, então escolha. Suba ou desmorone. Persevere ou pereça. Como você disse antes, união ou morte.* — O vapor sobe pelas narinas quando ele as infla. — *Não sou o único que tem uma escolha aqui, mas estou chegando aos limites da minha paciência.*

A ameaça de perdê-lo, de perder o futuro que está ao alcance dos meus dedos, me desperta como nenhuma outra coisa no mundo. Afasto aquele punho que aprisiona meu coração, mentalmente o abrindo, dedo a dedo.

Não sou indigno. Nunca fui indigno. Sliseag só não estava pronto ainda.

Sim, Trina se foi, mas Rhiannon, Violet e Ridoc estarão esperando por mim. Essa é a única possibilidade que tem autorização para existir em minha mente.

Sliseag está disposto a arriscar estar errado quanto a mim.

Não vou permitir que ele descubra a sensação de ter se enganado. Ao menos, não por minha causa.

— Eu escolho você — digo para Sliseag antes de correr para montar.

É tão natural quanto respirar, e, em questão de minutos, eu me encontro no assento, exatamente onde sempre deveria estar. De repente, é inconcebível que esse dia pudesse terminar de qualquer outra forma, inimaginável que eu fosse perder algo tão magnífico só por causa de um mero ano.

— Eu teria repetido mais um ano se soubesse que você estaria esperando por mim ao final dele.

— *Deixe de poesia antes que você envergonhe a nós dois e segure-se firme.*

Minhas mãos agarram as escamas do pomo dele, e eu abro um sorriso enquanto ele nos leva para o céu.



633 D.U.
Aotrom – Rabo-de-espada-marrom
(Macho) Descendente da linhagem Aldayrmar
Idade estimada: 21
Cavaleiros registrados: 0

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



RIDOC

Sinto gosto de bosta na boca enquanto atravesso o Vale da Ceifa.

Esquece isso. Sinto um gosto na boca como se eu tivesse encontrado um dragão morto no mato, o ressuscitado e então deixado que ele cagasse todo o conteúdo do intestino na minha boca. Tipo bosta de décadas de idade, ainda apodrecendo. E claro que não trouxe um odre comigo.

Será que a gente sequer tem *permissão* para trazer água? Ou será que a desgraça geral da nossa desidratação misturada à adrenalina criada pela morte em potencial faz parte do charme da Ceifa? Estava ocupado demais golfando tudo que tinha comido no café da manhã na frente dos meus colegas de

esquadrão para perguntar, mas, de qualquer forma, a água teria sido um desperdício entre a segunda e a terceira rodada de vômito. Ao menos estava sozinho nesses últimos dois exemplos brilhantes da minha excelência sob pressão.

Deuses, eu daria qualquer coisa para tirar o gosto do vômito da boca. Tenho quase certeza de que esse cheiro seria tão eficiente quanto o *medo* para afastar um dragão em potencial.

Porque é isso que eu quero, né? Um dragão. Foi por essa merda que larguei meus pais que vivem brigando, vesti esse uniforme preto e agora acordo todas as manhãs me perguntando se essa é a última vez que vou ver minha cama, ou seja lá quem acordou nela comigo. Tudo por causa de um dragão.

Um dragão que pode ficar feliz tanto por me tostar quanto por se unir a mim. Ótimo plano.

Que merda eu estava pensando? Eu não quero morrer hoje.

A náusea aperta meu estômago, e minha boca saliva de novo enquanto passo por um pinheiro qualquer – com certeza Sorrengail sabe qual é – e me embrenho mais na floresta. O que é que pode ter sobrado no meu estômago a essa altura do campeonato?

Foco. Sou melhor que isso.

Corrigindo. Os dragões nessa floresta teriam *sorte* de me ter como cavaleiro. Sou engraçado. Sou esperto. Faço as coisas ficarem interessantes e sou briguento pra cacete no tatame. Consigo ter pensamento positivo pra esse rolê todo.

Respiro fundo para afastar o pior da náusea, e meus ombros murcham de alívio quando vejo um riacho adiante. Obrigado, Zihnal. Isso que é sorte.

As árvores à minha direita se mexem.

Meu estômago para de ameaçar cuspir as entranhas e tenta fugir, caindo direto no chão da floresta quando viro a cabeça na direção do movimento.

Tudo cessa.

Hum.

Eita porra. Não dá para decidir se isso é bom ou mau sinal.

Começo a caminhar de novo, e as árvores ficam exatamente onde deveriam estar enquanto me aproximo do riacho sombreado, mas fico com um olho grudado nos galhos ao me abaixar ao lado da água. Assim que tenho certeza de que nada está me seguindo, ou perseguindo, faço uma concha com as mãos e a abaixo para a água fria corrente. Em seguida ponho em prática o método clássico de fazer bochecho e cuspir antes de beber de fato. A água é límpida e...

O movimento chama minha atenção um segundo antes de a água derramar em mim, batendo no meu rosto e encharcando meu cabelo para em seguida escorrer pela bochecha.

Que porra é essa? Enxugo a água do rosto e fico em pé para confrontar sei lá qual cadete cuzão resolveu me dar um banho.

Uma pata marrom gigante flexiona no riacho, formando uma poça instantânea enquanto a água inunda ao redor das garras curvas.

Não vomite. Não vomite. Não vomite.

Espera. É... isso? Sempre achei que acabaria me unindo a um verde, ou talvez a um vermelho, para me forçar a levar as coisas mais a sério, mas um marrom também seria um bom par. Ergo o olhar para o tornozelo e continuo subindo, passando pelas escamas mais grossas do peito e pelos lugares mais vulneráveis e finos no pescoço até encontrar um par de olhos dourados entretidos me examinando.

É o Rabo-de-espada-marrom que estava ao lado do dragãozinho dourado na Apresentação, e está me encarando como se quisesse ver o que vou fazer, como se... estivesse me testando.

Ah, cacete. Não temos palavras o suficiente no idioma comum, porque sei exatamente que dragão é esse.

— Ah, não. — Balanço a cabeça e dou um enorme passo para trás, saindo do riacho, com água descendo sob o colarinho do uniforme. — Você não. De jeito nenhum.

Qualquer dragão menos esse.

— *Eu, sim.* — O marrom estreita os olhos. — *Eu devo ter te interpretado mal.*

— Com certeza *não* foi o caso. — Ergo as mãos para o alto. — E, seja lá o que for fazer, pare de falar comigo. Isso é coisa que você só guarda para o seu cavaleiro escolhido.

Ele ergue a garra e dá um peteleco na água, fazendo uma onda vir na minha direção.

A coisa jorra sobre as minhas botas, imediatamente ensopando o couro.

— Legal. — Levanto a bota encharcada e faço uma careta. E agora vou passar o dia inteiro com a meia molhada. Fantástico pra caralho. — Viu? É por isso aqui que eu e você não seríamos um bom par.

— *Sou eu que decido o que é bom.* — Ele arreganha os lábios, mostrando os dentes.

Meu estômago questiona se eu gostaria de ver o precário conteúdo que ainda está lá dentro.

— Não faz isso. — Suspiro, erguendo o olhar para encontrar o dele em uma violação total do protocolo, mas não consigo saber se ele está rosnando ou sorrindo. — Não é nada pessoal contra você...

— *Como se pudesse haver alguma falha em mim.* — Ele se empertiga.

— ... mas eu li os cartões que Kaori deu pra gente — tento explicar, estendendo as mãos. — E você só tem vinte anos.

Ele faz uma pausa e inclina a cabeça alguns metros acima de mim, e não tenho escolha a não ser esticar o pescoço para olhar para ele.

— *Você também.*

— Exatamente. — Aponto o dedo para o focinho dele. — Isso é quanto em anos de dragão? Tipo cinco?

— *Dragões amadurecem infinitamente mais rápido que os humanos.* — Uma bolota imensa de saliva escorrega de um dos

dentes e cai em cima do meu ombro.

Que nojo.

— Você está mesmo provando seu ponto. — Passo um dedo sobre o braço, na tentativa de tirar aquela baba de mim. — Olha, eu tenho bastante noção de quem eu sou, e sei que preciso de um dragão que vai me manter na linha, e um dragão que só viu a mesma quantia de verões que eu não é uma escolha muito responsável.

— *Responsável ou não, você é meu cavaleiro.* — Ele abaixa a cabeça e respira fundo, erguendo meu cabelo.

— Não sou, não. — Uma sessão de fungada depois, ele ergue a cabeça gigantesca.

— *Você é* — insiste ele.

— Não sou. — Balanço a cabeça.

— *É, sim.* — Ele estreita os olhos.

— Viu? Olha só pra gente. Sua idade mental é cinco anos. — Levanto as mãos.

— *Se eu tenho cinco, então você tem quatro.*

Um sorriso relutante aparece na minha boca. Nessa ele me pegou.

— É precisamente por isso que você se sairia melhor com alguém tipo a Rhiannon Matthias ou o Sawyer Henrick. Eles seriam escolhas mais responsáveis para você.

Não saberiam apreciar o senso de humor dele, mas nem todo mundo é tão evoluído no quesito comédia quanto eu. Só que, até aí, ninguém mais cresceu em uma casa onde precisaram aprender a romper rápido a tensão entre os pais.

— *Julguei você mal, Ridoc Gamlyn?* — pergunta o dragão, a cabeça recuando como se ele estivesse ofendido por eu estar encharcado de água e saliva.

Abro a boca, então a fecho devagar, porque ele está falando comigo, o que significa que já viu meus pensamentos e memórias, que já viu quem *eu* sou.

— Provavelmente não.

— *Talvez um pouco.* — Ele sopra uma lufada de vapor na minha cara. Agora estou molhado e grudento. Maravilha. — *Talvez nós não compartilhemos o traço de sermos subestimados por aqueles ao nosso redor.*

Levanto as sobrancelhas. Bem... alto lá, porque é isso.

— *Talvez eu devesse ter seguido os conselhos dos mais velhos quando sugeriram que eu escolhesse um cavaleiro mais equilibrado, em vez de um que fosse idêntico a mim em energia e travessura.*

Ele acabou de admitir um erro?

Espera aí. Travessura? Agora isso chama totalmente a minha atenção. É por isso que ele me deu um banho? Eu definitivamente preciso de um dragão menos impulsivo do que eu, o que os marrons são por natureza, mas eu toparia ter um parceiro que não me visse, logo de cara, como um projeto a consertar ou alguém que precisa de conselhos.

— *Dragões são capazes de fazer travessuras?*

— *Agora você nunca vai descobrir. Poxa vida* — diz ele, em um tom soberbo e sarcástico, então recua um passo.

De repente, parece que eu estraguei as coisas para valer, porque ele está fazendo exatamente o que eu faria na mesma situação, o que significa que somos parecidos. Tipo, parecidos demais.

Eu acabei de encontrar... a minha versão dragão?

— *Você está procurando um dragão para controlar você, enquanto eu procuro um cavaleiro capaz de afiar minhas habilidades em vez de abrandá-las como querem os anciões da minha casta. É uma pena.*

Ele se vira no espaço aberto do riacho e começa a se afastar, e fico de boca aberta diante do desafio que ele habilmente disfarçou de ofensa.

Um fosso se abre no meu estômago enquanto percebo que *ele* é meu dragão. Não importa o que eu achava que queria, o que achava que precisava, esse dragão é o Aotrom. E eu estou mesmo estragando as coisas.

— *Espera aí!* — grito, mas é claro que ele não espera, porque

ele é um dragão, e eu acabei de rejeitá-lo, o que pode ter sido minha decisão mais responsável e, ao mesmo tempo, o maior erro da minha vida. — Aotrom!

— *Aotrom* — corrige ele, alongando o primeiro o do nome em uma sílaba própria, enquanto suaviza o som do segundo, caminhando para oeste, com as asas guardadas rente ao corpo. O enorme rabo de espada balança na minha direção. — *Sua tentativa de pronúncia é vergonhosa.*

Sério isso?

— Como é que é para eu saber a pronúncia? Você nunca se uniu a ninguém antes, e eu não falo língua de *dragão*... merda!

— A cauda dele rasga o ar na minha frente, e eu me jogo no chão, amortecendo o impacto com as mãos. As palmas ardem, e a enorme cauda marrom passa tão perto da minha cabeça que a sinto despentear o meu cabelo. Que porra tem de errado com ele? Ele está tentando me matar? — Todos os dragões de vinte anos são babacas assim?

— *Todos os humanos de vinte anos são uns cabeças-duras sem senso de humor?* — Ele balança a cauda outra vez.

— Olha aqui! Cuidado com esse rabo! — Eu me achato tanto na grama que só falta começar a pastar feito uma vaca. A ponta da cauda assovia acima de mim. — Quem você está dizendo que não tem senso de humor?

De todas as coisas que ele poderia ter dito, de alguma forma... essa é a mais ofensiva. Fico em pé quando a cauda dele sobe e começo a correr atrás dele.

— *Você.* — Ele dobra a aposta.

Otário.

— Eu tenho um senso de humor fantástico pra caralho, pra sua informação! — Grito entre os fôlegos enquanto corro para tentar alcançá-lo, minhas botas amassando as folhas caídas no chão.

— *Tem mesmo?* — Ele para de repente entre um par de sequoias gigantescas e vira a cabeça para mim em um ângulo

esquisito e assustador que me faz questionar se todos os ossos no pescoço dele estão conectados. O olhar que ele lança para mim me faz ficar imóvel.

Eu vou deslizando até parar perto da perna traseira dele.

O dragão bate os dentes, e a situação fica bem esquisita.

— Você *que deixou isso esquisito* — acusa ele, bufando como se eu o tivesse decepcionado.

— Foi mal. — Levanto as mãos no sinal universal de rendição e noto uma dor no meu joelho que, pois é, está sangrando. Hum. Devo ter caído em cima de um galho ou algo assim lá atrás. — Deixar as coisas esquisitas é meio que minha especialidade.

Ele inclina a cabeça como se estivesse avaliando a veracidade da declaração.

— *Isso é verdade.*

— Beleza. — Dou um passo minúsculo à frente. — Eu estava errado. Você é definitivamente meu. Ou eu sou seu. Ou do jeito que você preferir considerar isso, por mim tudo bem. Que tal se a gente tentar do começo? — Tento sorrir, mas parece mais uma careta torta.

Ele bufa outra vez, uma lufada que fede a enxofre. O fato de eu ainda estar respirando deve ser um bom sinal, então decido continuar.

— Posso até voltar pro riacho e tudo. — Assinto vigorosamente com a cabeça. — Mas dessa vez vou acertar as coisas, e aí podemos voar juntos pelo pôr do sol.

— *Não é nem meio-dia.*

— Agora quem é que não tem senso de humor? — Inclino a cabeça e levanto as sobrancelhas. — Vamos fazer tudo de novo. Por favor.

Ele pisca.

— *Não.*

— Não? — Meu peito se aperta.

Caralho. Malek, me ajude, o que é para eu fazer agora?

— *Não.* — As narinas dele se inflam algumas vezes. — *Se quer*

ser meu cavaleiro, vai precisar provar.

— Como?

— *Vamos ver se você aguenta me acompanhar.*

Ele se agacha, então salta para cima, mais alto do que já vi qualquer dragão conseguir, abrindo as asas quando passa das árvores, voando na direção do sol.

— Eu não sei voar! — grito para o alto, enquanto ele sobe cada vez mais.

— *Azar o seu.*

Ele faz o que Kaori gosta de chamar de manobra zigue-zague, e o impulso para, então vira o peso do corpo e volta até onde estou em um mergulho íngreme. Nesse ângulo, a essa velocidade, ele vai pousar bem em cima de mim daqui a cinco segundos.

Putaquepariu. É para eu mostrar para ele que sou esperto e vou sair do lugar? Ou demonstro minha confiança e mantenho os pés onde estão? Marrons são os que têm reflexos mais rápidos, então ele provavelmente apreciaria que eu demonstrasse que consigo acompanhar.

— *Escolha com sabedoria.* — Ele está quase em cima de mim quando abre as asas, diminuindo a velocidade de descida logo antes das árvores, então as fecha com força e mergulha, com as quatro patas esticadas.

— Isso não ajudou em nada! — Dou um único passo para trás, só o suficiente para demonstrar que posso confiar nele, mas que também sou flexível. Ao menos espero que essa seja a mensagem que estou passando.

Ele pousa com um baque pesado bem onde eu estava, estremecendo o chão. A força do impacto faz as folhas voarem, e minha visão fica escura.

Um segundo depois, cuspo engasgado, tirando as folhas do rosto. Estou coberto com elas, graças ao fato de ele ter cuspidido em cima de mim alguns minutos atrás.

— *Você está parecendo um ganso depenado.* — Ele gargalha. —

Onde está seu senso de humor agora?

— É, já entendi seu ponto. — Um lado da minha boca se levanta em um sorriso torto enquanto vou arrancando as folhas uma a uma do meu ombro.

— *Pontos. Isso mesmo. Se fizer um, vamos ver o que acontece.* — Ele se vira e começa a subir pela sequoia gigante que é tão larga quanto ele. Pedacos de casca vão ao chão enquanto ele se içava usando as garras. — *Alcance-me se puder.*

Ele só pode estar zoando. Né?

— O que você pensa que é, a porra de um gato? — Fico de queixo caído enquanto ele sobe a árvore que tem a mesma altura dele, e a ponta do rabo fica balançando a alguns metros do chão. — Em nenhum momento nosso professor mencionou que sua espécie sabe subir em árvores.

— *Nem tudo sobre nossa espécie deve ser parte do conhecimento humano* — rebate ele, virando a cabeça para me olhar, balançando o rabo feito um pêndulo.

Meu coração dá um sobressalto, e dou um pulo para o lado quando a cauda passa cortando o ar como a imensa lâmina de dois gumes que é.

— Essa passou perto demais!

— *Você perdeu uma oportunidade de subir no assento.* — O sarcasmo é evidente na voz.

— Quer que eu suba até aí... assim? — Salto para a frente quando a cauda volta, balançando em um arco que me informa que ele sabe exatamente onde eu estou, e pode me espetar com essa coisa se quiser.

— *Se está com esse seu pé sem garra atrás, nós não somos um bom par.*

— Saquei.

Putá merda, ele está me fazendo suar, e por mim tudo bem. Ou ao menos acho que estará tudo bem assim que descobrir como superar essa. Essa árvore é grande demais para escalar, o que significa que o único jeito que eu tenho de subir é subindo

nele. Só que minha especialidade é cumprir desafios, e, quanto mais rápido eu provar isso, mais rápido voaremos pelo pôr do sol juntos como o parzinho perfeito que somos.

A cauda balança outra vez, e eu salto para fora do caminho.

— *Estou ficando entediado* — avisa ele, cantarolando.

— Eu duvido muito — murmuro, enquanto a cauda continua em um arco para cima.

Ele está se divertindo pra caralho zoando com a minha cara. Ele acha que *isso* é engraçado? Espero que ele saiba que vou zoar em dobro com ele. Pelo resto da vida. Assim que conseguir subir nele, no caso.

Pense. Os rabos de espada não são tão afiados quanto os de adaga, mas ainda conseguem rasgar um grifo ao meio quando atacam com velocidade... e essa não é uma opção para Aotrom, empoleirado lá em cima. Mãos estão fora de cogitação a não ser que eu queira arriscar perder uma, e com certeza preciso ficar longe da extremidade pontuda.

O rabo começa a pender para baixo. Se eu não subir dessa vez, vai saber o que ele vai fazer em seguida. Provavelmente vou ter que correr atrás dele até chegar à Divisão.

Putá merda. Eu tenho uma coisa que não vai se cortar tão facilmente quanto minhas mãos. Vamos nessa.

Abro o cinto de couro, seguro a fivela e o arranco da cintura. Então pego uma ponta em cada mão e começo a correr, acompanhando o movimento da cauda. Meu coração martela enquanto saio em disparada, chegando tão perto que meus ombros roçam nas escamas duras que ficam do lado achatado do rabo de espada, que começa a subir outra vez. No segundo em que a ponta da lâmina chega à altura do meu ombro, engancho o cinto por cima do rabo e rezo para Zihnal permitir que eu não acabe na parte afiada.

Então eu pulo e seguro com tudo de mim. O cinto não precisa sobreviver à viagem; só preciso que ele aguente o bastante para me dar o impulso necessário.

— *Naturalmente sua reação a uma situação estressante é tirar a roupa.*

Meio engasgo, meio gargalho, e meu estômago se aperta quando sou levado para cima, desviando o olhar do chão da floresta, que fica mais distante a cada segundo. Não consigo ver muita coisa com o rabo de Aotrom bloqueando boa parte da vista, e, considerando o som de rasgo que ouço logo acima de mim, a viagem está quase acabando.

O cinto arrebenta e cai das minhas mãos, e sou catapultado na direção dos galhos.

Isso vai doer para um...

— Porra!

Solto um grunhido quando meu torso colide com um galho mais ou menos na altura dos olhos de Aotrom. Como nunca perco oportunidade nenhuma, passo as mãos pelo galho e então me balanço para ficar em pé sobre ele. É bastante grosso e sustenta meu peso, graças a Zihnal, e pouso perto o bastante para só precisar de meia dúzia de passos atrapalhados para chegar ao tronco.

— *Está perto, mas não acho que essa árvore vá levar você no dorso até um campo de batalha.*

Será que todos os dragões ficam zombando dos seus cavaleiros? Ou é só o meu?

— Engraçadinho. — Seguro o tronco com as duas mãos para me equilibrar e estremeço com a substância grudenta que desliza sobre elas. É seiva, cacete. Enfiei as mãos em uma das fendas que Aotrom abriu com as unhas.

Um som baixo ressoa do peito dele, e posso jurar que o ouço rindo na minha cabeça enquanto o olhar me acompanha.

— Quem ri por último ri melhor — prometo, estudando a distância que tenho até o dorso dele. Ou eu vou fazer por merecer o respeito dele, ou vou deixá-lo puto pra caralho, e só tem um jeito de descobrir.

Dobrando os joelhos, pulo adiante com toda a força que

tenho. Minhas botas fazem impacto no topo do focinho, mas, quando ele enfim estreita os olhos para mim, já pulei outra vez, dessa vez descendo para o pescoço.

Erro o alvo por meros trinta centímetros e começo a cair.

Vai. Tomar. No. Cu.

Minhas costelas se espremem, meu coração retumba nos ouvidos, e eu caio feito uma jaca madura, balançando os braços enquanto minha visão é dominada por escamas marrons e espinhos dorsais. Caio em cima do ombro dele com um impacto que faz meus dentes trincarem.

— *Você pula feito um esquilo.*

— Foi você que subiu nessa porcaria de árvore! — retruco, segurando as escamas com as mãos grudentas para me equilibrar. Ele ainda está pendurado verticalmente no tronco, o que significa que, se eu errar um passo agora, vou acabar no chão da floresta, com o pescoço quebrado.

Encaixo as botas nos espaços entre as escamas, e então passo por cima do ombro e subo nas costas. Meu estômago embrulha todas as vezes que olho para baixo, mas, pouco a pouco, vou passando para o lado até alcançar as escamas elevadas do pomo e do assento.

Zihnal seja louvado, eu consegui! Uma risada parece ser arrancada do meu peito quando encaixo as mãos nas escamas e os pés no lugar até estar razoavelmente acomodado.

— *Você está estranhamente feliz para alguém pendurado nas minhas costas feito uma perereca.*

— Considere esse o meu ponto no jogo — digo para ele, com os braços começando a tremer pelo esforço de me segurar nessa posição. — Você pode ter grudado meia dúzia de folhas na minha cara, mas tem um rastro de seiva em alguns lugares muito difíceis de alcançar nas suas costas. Boa sorte tentando tirar.

Aotrom enrijece e então solta uma risada.

— Não se preocupe. Tenho certeza de que deve ter neve nos

picos para ajudar a endurecer. Dá para arrancar depois que congelar. Gelo vai resolver o problema. — Não consigo conter outra risada, mesmo sabendo que eu talvez tenha mais sessenta segundos no máximo nessa posição precária antes de a fadiga nos músculos me fazer despencar até a morte. — Eu diria que estamos quites, certo?

— *Nunca.* — Ele salta da árvore, indo direto para o céu, me pegando completamente de surpresa, embora eu consiga me manter no assento. — *Mas eu diria que isso nos torna iguais.*



633 D.U.
Deigh – Rabo-de-adaga-vermelho
(Macho) Descendente da linhagem Wybjorian
Idade estimada: 62
Cavaleiros registrados: 1

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



LIAM

A madeira se enrosca na lâmina do canivete do meu pai, e a lasca cai no chão da floresta enquanto sigo talhando o que ainda vai se tornar o chifre esquerdo da futura miniatura. Não consegui acertar com precisão o padrão dos cartões de Kaori nas minhas duas últimas tentativas, então vou deixar mais rústico por enquanto.

Ao final do dia, conseguirei fazer jus a ele por inteiro.

Pela terceira vez na última hora, alguém grita a distância. Paro de entalhar e desvio o olhar da miniatura. Nenhuma das árvores ao meu redor se mexe, e, assim que tenho certeza de que o perigo que encontrou o meu colega calouro anônimo não está vindo na minha direção, volto a trabalhar. Ao contrário dos meus

colegas de esquadrão, o medo não me atormentou quando entrei na floresta, e minha única preocupação é saber se os outros marcados do meu ano vão sobreviver a este dia. E meus colegas de esquadrão também. A maioria deles é gente boa.

Estou aqui bem no centro do Vale já faz umas horas, guiado por um puxão inegável que, quando cheguei a esta árvore, foi substituído pelo instinto de ficar parado bem aqui. Então estou sentado sob a sombra da imensa árvore-nuvem, porque quem sou eu para negar o primeiro pedido que meu futuro dragão me fez? Vermelhos são temperamentais. Eu sou paciente. Vamos formar um bom par. A árvore-nuvem, porém, é uma ironia. Não vejo uma dessas desde que saí de Tyrrendor.

Pressiono o polegar na parte sem corte da lâmina do canivete e começo a entalhar o segundo chifre, indo bem devagar, como meu pai me ensinou. As sombras pontilhadas no chão à minha direita se movem na direção oposta à da brisa, e ergo um canto da boca.

— Vai precisar se esforçar mais para me pegar de surpresa.
— Termino o entalhe, e outra lasca de madeira cai no chão. — Fui treinado pelo melhor, sabia?

— Se eu estivesse tentando te pegar de surpresa, você nunca ia saber. — Xaden sai de trás de uma árvore ali perto, e um sorriso faz uma breve e rara aparição no rosto dele. — Porque, sim, eu sou mesmo o melhor — diz ele, com a arrogância casual que apresenta para a maior parte do mundo.

Como o cavaleiro mais poderoso da nossa geração, ele fez por merecer essa arrogância e o medo que incita em todos os cadetes que não têm uma relíquia da rebelião no braço. Só que eu não apenas tenho uma dessas relíquias como também o conheço melhor que a maioria das pessoas. Juntos, passamos os dias mais sombrios das nossas vidas, aprendendo a sobreviver como irmãos de criação depois que nossos pais foram executados em Calldyr. Respeito Xaden pra caramba e o amo como a um irmão. Eu nunca tive medo dele.

— Esse é seu plano para a Ceifa? — Ele se recosta no tronco ao meu lado e olha para o dragão que começa a surgir do pedaço de pau-de-balsa na minha mão. — Ficar esperando embaixo de uma árvore e torcer para que o primeiro dragão que aparecer seja o seu? Preciso dizer que você não escolheu um lugar particularmente seguro para começar a fazer artesanato.

Ele praticamente revira os olhos na minha direção.

— Estou parado exatamente onde fui instruído a parar. Meu dragão vai me encontrar.

— Todo mundo que observei até agora está correndo por aí e se metendo em brigas, encontrando uniões ou virando carvão, e você aí entalhando.

— Meu Dirigente de Asa está decepcionado comigo? — Abro um sorriso e volto a entalhar os chifres.

— Nunca. Respeito sua tranquilidade. — Ele faz uma careta. — Correção. Eu *vou* ficar decepcionado se você for queimado vivo por causa de algum laranja esquentadinho porque você não se deu ao trabalho de encontrar uma posição defensiva melhor. Mas eu verifiquei a lista de dragões dispostos a se unir este ano, e o cavaleiro de nenhum deles foi morto durante a apostasia, então não deve aparecer algum procurando pessoalmente por você. Se você virar churrasco, não vai ser por vingança.

Ergo as sobrancelhas. Não tinha considerado esse cenário. A rebelião dos nossos pais matou uma quantidade razoável de cavaleiros.

— Você verifica todos os anos?

Xaden assente, avaliando os arredores. Juro, o cara nunca abaixa a guarda, mas eu entendo. Inúmeros cavaleiros adorariam ser conhecidos como aquele que matou o filho de Fen Riorson.

— Bodhi ainda vai estar aqui para ajudar, mas você vai precisar assumir a tarefa assim que eu me graduar em julho.

— Combinado.

Não há nada que eu não faria por ele, e não só porque fomos

acolhidos juntos. Ele carrega cento e sete cicatrizes que deram a cada um dos marcados uma chance de sobreviver, e, por mais que entrar na Divisão dos Cavaleiros represente uma chance alta de ter um encontro com a morte, o sacrifício dele nos salvou da certeza de que isso iria acontecer. Se um de nós se provar desleal a Navarre, ele será executado, então a *minha* lealdade a ele nunca será posta em dúvida.

É estranho pensar que as crianças que as forças navarrianas queriam assassinar como punição pelos crimes de nossos pais servirão nas Asas deles no ano que vem.

— Ainda acha que é o Rabo-de-adaga-vermelho que vem te buscar? Sgaeyl costuma me contar quais dragões estão interessados nos marcados, mas ela andou irritantemente calada sobre você. — Ele cruza os braços e continua a vasculhar o perímetro com os olhos. Tenho quase certeza de que aquelas sombras se esparramando da árvore à esquerda são dele também. — Não vou mentir. Eu estava torcendo para que o consorte dela estivesse pronto para se unir este ano.

— Na esperança de que o segundo maior dragão do Continente se unisse a *mim*? — Não consigo conter a risada que escapa do meu peito. Como se isso fosse acontecer.

— É uma conclusão lógica. Você é o melhor do seu ano. — Xaden me olha de soslaio.

Balanço a cabeça.

— Eu não diria isso.

— Eu diria. — Ele lança um olhar significativo para a insígnia da Armadilha no meu uniforme. — O mais rápido da Armadilha. Formidável no tatame. Tem excelência acadêmica...

Agora é a minha vez de bufar.

— Agora só falta você avaliar as mulheres que estou levando para a cama.

— Elodie Praxedes foi uma escolha interessante. — Ele ergue as sobrancelhas escuras para mim. — Eu sou a favor de mandar um foda-se para a liderança, mas aí você foi lá e *fodeu* a

liderança.

Fico de queixo caído.

— Como foi que você descobriu?

— Bodhi me contou. — Ele dá de ombros. — Não que eu esteja julgando.

— Você claramente está. — Eu inclino a cabeça na direção dele. Embora eu saiba que ele não faz nada por mal, ter o primo de Xaden como o Sublíder do meu Setor é oficialmente irritante. Caramba. Achei que tínhamos sido discretos. — Foi só uma vez. Não existe nada entre a gente. E essa conversa é o sujo falando do mal lavado. Acha que eu não vejo a forma como você olha para a filha da general quando pensa que ninguém está olhando? Aquela que por acaso está sob seu comando?

Ele vira a cabeça, e os músculos da mandíbula se flexionam outra vez.

— Se você me pegou encarando Sorrengail, é só porque estou fantasiando em matá-la com minhas próprias mãos.

Até parece. Ele está tão perdido que não consegue nem enxergar.

Um sorriso aparece no meu rosto.

— Ah, você está fantasiando *alguma coisa*, e eu sei muito bem que não tem nada a ver com assassinato. Você pode até mentir bem, mas não me engana. Garrick já deve ter sacado também, mas aposto que você conseguiu esconder do Bodhi, né?

Eu nunca sonharia em encher o saco de Xaden na frente dos outros, mas estamos só nós dois aqui, o que significa que vale tudo.

— Pare de se meter no que não é da sua conta. — Ele descruza os braços e enfia as mãos no bolso. Pela forma como as sombras das árvores começam a ficar mais afiadas, sei que acertei em cheio.

— Essa é a definição da função de um irmão mais novo. — Meu sorriso fica mais largo ainda. — Além do mais, nós dois sabemos que você não pode matar ela, e mesmo se pudesse...

não faria isso.

— Você subestima muito o ódio que sinto pela mãe dela. — O rosto dele endurece.

— Não subestimo praticamente nada quando se trata de você. Sei muito bem do que é capaz. — Meu sorriso desaparece. — Só que você, mais do que ninguém, sabe que é errado punir alguém pelas ações dos pais da pessoa. Pelo que ouvi, ela é gente boa. Não conheço a garota pessoalmente, mas aposto que gostaria dela se fosse o caso.

— Você gosta de todo mundo, o que deve ser o motivo para todo mundo gostar de você. — Ele dá um suspiro tão profundo que sei que chegou a hora de deixar o assunto morrer.

— Voltando à questão: não precisa ficar de olho em mim. — Entalho outro pedaço perto da cabeça do dragão de madeira. — Eu sei me virar sozinho.

— E essa é a definição de irmãos mais velhos. É nosso dever sagrado. Uma honra, na verdade. — Ele dá um sorriso torto. — Espera só até a Sloane chegar ano que vem, e aí entramos nesse assunto de ficar de olho nos irmãos.

Merda. Ele tem razão. Viro a cabeça para o sul, desejando poder rasgar toda aquela distância como uma faca só para ver como está minha irmã caçula. Paramos de nos comunicar quando atravessei o Parapeito, mas estive escrevendo e guardando cartas para entregar assim que ela chegar aqui, para ela saber que não foi esquecida.

A ansiedade de vê-la outra vez ameaça rasgar meu peito em dois. Não pude abraçá-la, garantir a ela que vamos superar essa, desde o dia em que fomos levados da nossa casa depois de ver tanto nosso pai quanto nossa mãe morrerem em menos de doze horas, e depois enviados para sermos criados em propriedades separadas. Tive sorte de ir para Tirvainne com Xaden e o duque Lindell, que teve êxito ao esconder do rei Tauri sua lealdade à rebelião, mas Sloane não teve a mesma sorte.

Outro grito soa de longe, dessa vez ao norte, mas nenhum de

nós se dá ao trabalho de olhar. O som é distante o bastante para saber que não estamos em perigo.

Xaden encara a miniatura.

— É ele? Seu Rabo-de-adaga-vermelho?

Assinto com a cabeça.

— O nome dele é Deigh e, respondendo sua pergunta anterior, tenho certeza de que sou dele. — Meu polegar segura a lâmina cuidadosamente ao começar a trabalhar nas feições mais delicadas do rosto feroz. Bastou um único olhar durante a Apresentação, e eu soube. — Você não sentiu a mesma certeza com Sgaeyl na Apresentação?

Xaden bufa.

— Sgaeyl não se deu ao trabalho de aparecer na Apresentação. Ela jamais seria tão básica para seguir as expectativas da Divisão.

— Dá para ver. — Aquela Rabo-de-adaga-azul com quem Xaden se uniu é feroz como nenhum outro dragão, um par perfeito para um cavaleiro igualmente feroz. — Algum último conselho para me dar antes de Deigh aparecer?

— Se ele é um vermelho, o temperamento é pior que o da Sgaeyl. Então, não o irrite.

Minhas mãos ficam imóveis na madeira.

— Nenhum dragão no mundo é mais temperamental do que o seu.

Ele dá um sorriso torto.

— Talvez você tenha razão. Mas, por mais que Sgaeyl seja impiedosa, ela tem um controle invejável de como e onde vai dar rédea livre ao próprio temperamento. Precisão perfeita com consequências letais. Vermelhos costumam agir com raiva e pensar no assunto depois.

— Então é só não o deixar bravo. Entendi. — Assinto com a cabeça. — Mais alguma coisa?

— Toda aquela bobagem que Kaori falou de técnicas de aproximação é só isso... bobagem. — Ele se vira para me

encarar, apoiando o ombro no tronco da árvore. — Essas regras vão impedir você de ser incinerado por outro dragão, sim, mas nenhuma delas importa para o dragão que te escolher. Eles sabem de tudo, o seu melhor e o seu pior, antes mesmo de se darem ao trabalho de falar com você. Então, se não recebeu educação em casa, eles já sabem disso, e aceitam você como você é.

— Que ideia agradável. Alguém que conhece cada detalhe seu e aceita você mesmo assim.

Não vou precisar explicar a relíquia nem a lealdade dos meus pais, porque ele já sabe de tudo isso.

— É o relacionamento mais forte que você vai ter na vida. E não se preocupe se ele vai ficar do nosso lado no que diz respeito ao que está acontecendo além da fronteira. Se ele te escolheu, já está do nosso lado. — Xaden se endireita. — Confie em mim. Nada do que você fizer vai convencer um dragão a mudar de ideia, exceto talvez fugir ou se recusar a montar.

— Então eu não deveria abaixar o olhar? — pergunto.

— Ah, não. Abaixar a porra dos olhos só se outro dragão... — Ele inclina a cabeça de lado e encara um lugar ao longe, o que normalmente significa que está falando com Sgaeyl. — Puta merda. Preciso ir. — Ele me puxa para um abraço, dando soquinhos nas minhas costas. — Tome cuidado.

— O que aconteceu? — pergunto, quando ele me solta.

— As duas palavras de sempre este ano. Maldita. Violet. Sorrengail. Aquela dor de cabeça de um metro e meio acabou de se envolver com a queridinha de Sgaeyl. Vejo você no campo de voo, Liam.

Ele se afasta, desaparecendo entre as árvores a oeste.

— São *três* palavras — sussurro com um sorriso, sabendo muito bem que ele não pode me ouvir, e volto a talhar o focinho da miniatura.

É engraçado, nunca o vi tão obviamente obcecado por uma mulher. Ele nunca foi de se apegar, e mal tolerava Cat nas vezes

que os vi juntos no ano passado. Graças aos deuses que esse acordo se desfez, porque parece que meu irmão enfim encontrou alguém que é páreo para ele. Que bom. Ele precisa de alguém para derrubar aquelas muralhas impossivelmente grossas que construiu...

A cabeça de Deigh aparece diante do galho mais baixo de uma árvore à minha frente. Em um segundo, o espaço estava vazio e, no outro, ele está simplesmente *ali*, com suas escamas vermelho-escuras. O canivete escorrega da miniatura e corta meu indicador fundo o suficiente para arrancar sangue.

— Merda — murmuro, enfiando a miniatura no bolso com uma mão e guardando o canivete com a outra. De alguma forma consigo não me atrapalhar, considerando que tenho um par de olhos dourados avaliando cada movimento que faço.

— *Suas últimas tentativas foram precárias.* — A voz dele é mais fina do que eu esperava, soando mais humana do que monstruosa. — *Esse era o olhar de perto de que você precisava para ser mais preciso?*

Alegria surge em um arrombo entre minhas costelas, e eu abro um sorriso. Ele está aqui mesmo. Eu sou mesmo dele. Ele será a única coisa neste mundo que ninguém vai poder tirar de mim.

— Vou acertar dessa vez.

— *Garanta que sim. Eu não evitei buracos nas asas e cicatrizes nas escamas para acabar desvirtuado por um escorregão da sua lâmina.* — Ele funga alto, soprando as folhas aos meus pés. — *E seu sangue é um pouco escuro demais para as minhas escamas.*

— Eu não costumo me machucar. — Examino o corte, feliz em ver que já está sarando.

— *Excelente.* — Ele ergue a cabeça para me encarar. — *Você gostou da árvore. Ótimo. Eu a escolhi de propósito. Eu as vi nas suas memórias de casa. Você prefere aquelas do morro ao sul, não é? São incômodas para a caçada, mas os humanos parecem gostar delas.*

— Você já esteve em Mairghdelle?

Não sei por que me surpreendo. Os dragões voavam por toda Tyrrendor, e, embora não seja um posto avançado, a propriedade isolada da minha família não era uma exceção. Agora, porém, pertence a um nobre navarriano. Pensar nisso quase faz a minha felicidade desaparecer. Quase.

— *É claro. Você não é meu primeiro cavaleiro* — rebate ele. — *E os da minha linhagem sempre favoreceram aqueles da sua. Está pronto para se tornar um cavaleiro, Liam Mairi, filho de Celadine, mestra de runas?*

Meu coração se aperta ao ouvir o nome da minha mãe, ao ouvir a menção à habilidade incomparável que ela tinha com runas. Nossos inimigos podem ter tirado o lar ancestral dela e queimado todos os seus pertences, mas ela não foi esquecida.

— Estou.

— *Excelente. Então vamos começar. Você e eu lutaremos juntos contra o mal que assola este Continente.*

Xaden tem razão. Alguns dragões sabem a verdade e estão escolhendo agir. A determinação domina meu peito, e, pela primeira vez desde que Sloane foi tirada de mim, eu tenho um propósito que vai além da minha existência. Além de proteger a retaguarda de Xaden enquanto ele vai na frente de todos nós.

— Estou pronto. — Assinto com a cabeça.

— *Ainda não. Mas logo estará.*

Eu monto no dragão e começo o próximo – e último – capítulo da minha vida como o cavaleiro de Deigh.

A decorative border with a repeating pattern of stylized clouds and swirls, framing the central text. The border is composed of a thin line with small circular accents at the corners and midpoints.

AVISO

**O RESTANTE DAS HISTÓRIAS DESTA
COLETÂNEA CONTÉM SPOILERS
DE *CHAMA DE FERRO*.**



634 D.U.
Thoirt – Rabo-de-adaga-vermelho
(Fêmea) Descendente da linhagem Wybjorian
Idade estimada: 62
Cavaleiros registrados: 1

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



SLOANE

— **N**ão desanimem se levarem algumas horas para encontrar uma união — diz Kaori, com as mãos atrás das costas enquanto se dirige aos calouros que sobraram depois da Armadilha e da Apresentação.

Eu deixo de prestar atenção conforme ele reforça os pontos mais importantes da paciência.

Não vou mentir. Achei que o obstáculo no penhasco ia acabar comigo. Só que, até aí, também tinha quase certeza de que ia parar no fundo da ravina no Parapeito. Ah, e eu definitivamente vi minha vida inteira passar diante dos meus olhos durante alguns desafios. É. E aí teve a Apresentação, quando também estava preparada para minha morte iminente, mas saí do campo

ilesa.

Basicamente, passei os últimos três meses esperando pela minha morte, desde que a carta de Bodhi chegou pelas mãos de Garrick, dizendo que meu irmão mais velho tinha sido morto. Ele escreveu a carta cuidadosamente, sabendo que toda a correspondência entre os marcados é lida, e às vezes censurada, mas eu entendi as entrelinhas. Sei o que aconteceu com ele, que Violet Sorrengail e Dain Aetos são os culpados pela morte de Liam.

Se meu irmão mais velho perfeito, carinhoso e incrível – o melhor do ano dele – não sobreviveu a doze meses neste lugar, então que chance *eu* tenho? Para mim já deu, e não aguento mais fingir que quero tomar parte disso.

A legião voou pelos céus alguns minutos atrás, o que significa que agora a floresta está cheia de oportunidades para eu me encontrar com Malek. Se o preço de recusar a união é a incineração, então que seja.

Eu não vou me tornar um instrumento para a morte.

— E lembrem-se de seguir seus instintos — continua Kaori.

— A não ser que seus instintos te levem para um vermelho emputecido — murmura Baylor ao meu lado, e um sorriso brincalhão aparece no rosto de pele preta.

Mais à direita, Aaric levanta o canto da boca na única demonstração de emoção que exibiu hoje. É como se ele se sentisse destinado a morrer aqui, considerando como está tenso desde o café da manhã.

Visia se balança de um lado para o outro à esquerda. Fica claro que o nervosismo dela não passou.

E quem sou eu para julgar? Se um dragão tivesse me queimado até o couro cabeludo no ano passado e me deixado para morrer, eu com certeza não estaria empolgada para voltar para a floresta.

— Você vai ficar bem — promete Avalynn, passando o braço em volta de Visia, apoiando os cachos ruivos no ombro da outra.

Talvez ela não fique. Talvez nós duas morramos hoje. É isso que eu quero dizer. Mas ofereço um sorriso tranquilizador e um aceno de cabeça.

Uma terceiranista da Segunda Asa corre até Kaori e sussurra algo no ouvido dele antes de se retirar outra vez para a floresta.

— Certo. — Kaori pigarreia. — Parece que Molvic foi avistado na floresta.

Um murmúrio ressoa entre os cadetes, e todos ao meu redor se animam, então eu também me endireito, fingindo interesse. É bem mais fácil simular sentimentos do que explicar para todo mundo por que você não tem mais nenhum.

Bom... eu ainda tenho um sentimento. A raiva é minha companheira constante e persistente. Nesse aspecto, talvez eu *devesse* me interessar pelo fato de um Rabo-de-clava-azul feroz ter entrado na floresta. Talvez nossos temperamentos combinassem. Exceto por essa questãozinha de que não quero formar uma união.

Mas é claro que vou guardar esse detalhe para mim.

— Ele não está na lista deste ano — diz alguém da Terceira Asa em voz alta.

— Não está — responde Kaori, e então suspira. — Ele nunca está. Ele gosta apenas de perambular pela floresta e dar uma olhada em vocês antes de inevitavelmente voltar para o Vale. Deem um pouco de espaço para ele, e todos vão ficar bem.

— Um azul seria irado — comenta Lynx, esfregando as mãos uma na outra.

— Claro, se você quiser ser carbonizado. — Baylor balança a cabeça.

— Você não quer isso — sussurra Visia. — Acredite em mim.

Aaric trava a mandíbula, mas fica calado, e, atrás dele, Mischa segue roendo as unhas até sair sangue.

Kaori nos libera e nós nos dispersamos; alguns ficam para desejar sorte aos colegas de esquadrão, enquanto outros saem correndo floresta adentro.

— Tome cuidado — digo, abraçando Visia com força.

— E se der tudo errado igual no ano passado? — pergunta ela, sussurrando.

— Não vai. — Eu me afasto e ofereço um sorriso, fazendo questão de sorrir também com os olhos. Só quero que a última memória que minha colega de esquadrão tenha de mim seja motivadora.

Eles todos merecem o melhor.

— Olha só pro Henrick — diz Avalynn, enganchando o braço ao redor do ombro de Visia. O sol faz as sardas no nariz dela reluzirem. — Ele se uniu sendo um repetente, então você também vai.

— Beleza, Segundo Esquadrão — diz Baylor, olhando para cada um de nós. — Sejam espertos. Ninguém vai morrer, entenderam? Temos o título de Esquadrão de Ferro do ano passado e não vamos decepcionar Rhiannon perdendo isso. Vai ser nosso este ano outra vez.

Sim, todos nós deveríamos ficar felicíssimos se nos tornarmos o esquadrão que consegue passar pela Ceifa com o menor número de baixas. Porque isso é *muito* normal. Porra, eu odeio este lugar.

Todo mundo concorda, e eu abro meu melhor sorriso e assinto. Caramba, estou ficando boa demais em fingir. Nós nos separamos na floresta, e eu me vejo pegando um caminho paralelo ao de Aaric.

Continuamos a uns cinco metros um do outro enquanto seguimos ao sul, caminhando em meio às árvores gigantescas. Esse Vale tem árvores de todas as províncias de Navarre, e seria um lugar espetacular se não fosse fertilizado com as cinzas de cadetes mortos.

Considerando os caminhos para a forca, estar ao lado de Aaric é até relaxante. Ele não costuma tagarelar igual Avalynn nem quebrar o silêncio com baboseiras igual a Lynx quando está desconfortável. Ele sempre fica na dele e só fala quando algo

precisa ser dito. Não tenho dúvidas de que vai encontrar uma união hoje. Ele é um dos melhores do nosso ano e ainda não foi derrotado no tatame, mesmo alguém tendo quebrado o pulso dele no mês passado. O cara tem o tipo de determinação e propósito que admiro, e até invejo um pouco.

Mas eu preciso desesperadamente que ele vá embora para eu poder andar logo com esse negócio de morrer.

— Aí está ela.

Levo a mão ao peito quando Imogen salta de uma árvore a três metros de mim.

— Está tentando me matar do coração? — Respiro fundo para tentar tranquilizar minha pulsação e abaixo a mão.

— Quanto drama, hein? — Ela coloca o cabelo rosa atrás da orelha e vem na minha direção. — Tem umas coisas bem mais assustadoras tentando te matar por aqui. — Ela olha para Aaric. — Graycastle.

— Cardulo. — Aaric assente com a cabeça e então olha para nós duas, claramente detectando a energia de Imogen, que emana uma aura de nos-deixe-em-paz. — Estou indo. — Ele começa a se afastar e então se vira para nós de novo. — Não morra — diz ele, olhando diretamente para mim, como se conseguisse enxergar através de todas as mentiras com as quais me cobri para todos os outros verem. — Não. Morra — repete ele.

Um dos melhores atributos do cara é também um dos mais irritantes. Ele é observador pra caramba.

— Tá. Beleza. — Aceno, e ele se demora mais um instante ali antes de ir para o meio das árvores.

— Que porra foi essa? — Os olhos verdes de Imogen se estreitam para mim.

— A gente quer ficar com o título de Esquadrão de Ferro de novo. — Dou de ombros.

— Entendi. — Ela levanta a sobrancelha. — Você está transando com ele?

Abro a boca, e então a fecho, depois abro de novo.

— Perdão? — consigo gaguejar.

— Pessoalmente, não estou nem aí. — Ela o observa desaparecer a oeste. — É só curiosidade, e estou me esforçando com essa coisa de amizade. Vocês calouros são sempre um caos antes de começarem a dar um jeito na vida.

Cruzo os braços.

— E *you* por acaso deu um jeito na sua? Existe um botão mágico que dá para apertar ao chegar no terceiro ano para de repente você saber de tudo?

De todo mundo na Divisão, Imogen deve ser a pessoa que mais entende a profundidade da minha raiva, a forma como corrói tudo que potencialmente poderia se transformar em algo positivo. Ela é a única marcada com quem me sinto segura para descontar essa raiva, porque sei que ela não vai sair correndo e contar para Riorson que eu sou desequilibrada e colocar ainda mais um fardo sobre os ombros dele. No entanto, eu também não posso ser completamente franca com ela.

Não posso ser completamente franca com ninguém.

— Entendi, entendi. — Um esboço de sorriso surge no rosto dela. — O problema deste lugar, e desta idade, é que, quando você tem certeza de que entendeu a si mesma e as pessoas ao seu redor, tudo muda, e precisa enfrentar mais uma série de desafios. Somos uma obra em perpétua construção, Mairizinha.

— Ótimo discurso motivador. — Faço um sinal de joiha e passo por ela.

— Deuses, você é uma chata. — Ela bufa e me alcança com facilidade. — Está mesmo tentando fugir de mim?

— Hoje não é um dia normal, Imogen. — Lanço um olhar de soslaio para ela. — Não estou presa treinando com você para *ganhar* uma das cartas que meu irmão deixou para mim. Cartas que são minhas por direito, sabia? — Raiva fervilha em meu estômago. Entregar uma carta por semana é uma crueldade que não consigo aceitar. Quando leio as cartas de Liam, sinto como

se ele ainda estivesse aqui, como se eu pudesse esticar a mão e tocá-lo se me esforçasse. — Não dá para acreditar que você está deixando ela usar isso como isca...

— Ela está usando como *suborno* — corrige Imogen. — E Sorrengail, por mais que seja algo que demora um pouco pra aturar, está pensando no melhor para você. Você apareceria para treinar se ela não tivesse balançado as cartas na frente dessa sua linda cabecinha loira como se fosse uma cenoura para um burro? — Trinco os dentes. — Exatamente. Mas agora você aparece. Você treina. Talvez você consiga até sobreviver aos desafios graças a Violet forçar você a treinar.

— Não espere que eu vá agradecer a ela por isso.

Nem a pau.

— Ah, com certeza não. — A voz de Imogen exala sarcasmo enquanto passamos por cima de uma raiz grossa. — Afinal, ela só arriscou a ira da liderança, e de, ah sim, um *deus*, para guardar essas cartas para você. Já pensou nisso?

Diminuo o passo e franzo as sobrancelhas, porque de fato não considere isso.

— Achei mesmo que não. — Imogen suspira. — A garota quase morreu, e a primeira coisa que fez quando voltou para a Divisão não foi dizer aos amigos que ela estava viva, e sim invadir o quarto do seu irmão para guardar essas cartas que todo mundo sabe que deveriam ter sido queimadas em sacrifício para Malek. A primeira coisa em que ela pensou, a coisa mais importante, foi em você.

— Você veio até aqui só para continuar sua corajosa defesa de Violet Sorrengail? — Meu tom perde um pouco do azedume.

— Não. — Imogen balança a cabeça. — Vim aqui para te falar que você está procurando por uma Rabo-de-adaga-vermelho fêmea chamada Thoirt.

— O quê? — Tropeço nos meus próprios pés, e ela segura meu cotovelo para não me deixar cair de cara no chão.

— Alguns dragões em particular, os que simpatizam com a

nossa causa, costumam nos procurar. — Ela solta meu braço, o mesmo que exhibe uma relíquia da rebelião idêntica à do meu irmão. — Thoirt é sua.

Thoirt. Algo no meu peito começa a doer, mas afasto a sensação.

Não vou me unir hoje. Não vou me unir *nunca*.

— Bom saber. Obrigada. — Tento assentir e sorrir.

Um estalo rasga o ar, e nós duas viramos a cabeça para o leste. Madeira estala a distância, seguida de um grito estridente e de um baque baixo. Um segundo depois, fumaça se ergue acima da copa das árvores.

— Não precisa ficar com medo — diz Imogen. — Isso não vai acontecer com você. Não quando Thoirt já está te procurando.

Pisco e encontro o olhar de Imogen.

— Não estou com medo.

Ela abre um sorriso.

— Você não está mesmo, né?

— Não. — Balanço a cabeça.

— Que bom. Isso vai ser bom com um vermelho. O temperamento deles exige um cavaleiro que não seja tão esquentadinho quanto eles. Olha, falar de Thoirt para você não é o único motivo de eu estar aqui.

Ela engole em seco, então estica a mão para o bolso do uniforme e tira de lá uma miniatura de madeira de um Rabo-de-adaga.

Aceito a oferenda e a seguro com as duas mãos. É perfeita, desde o focinho com dentes arreganhados até as marcas de faca que esculpiram a cauda. Não preciso perguntar a ela quem fez a peça. Meu coração ameaça se partir ao meio e derramar todo o interior complicado que eu dei duro para esconder.

— Como você ficou com isso?

— Estava com Liam quando ele morreu — diz ela, baixinho.

— Eu guardei para você. Para esse momento. Para você saber o quanto ele amava Deigh. Para você saber o quanto vai amar

Thoirt. — A respiração dela oscila, trêmula. — Acho que Sorrengail não é a única cadete que ofendeu Malek, mas não tive coragem de queimar isso.

— Obrigada. — Meus dedos se fecham ao redor da estatueta.

— De nada. — Ela aperta minhas mãos fechadas. — Quer que eu fique aqui com você?

— Não. — Desvencilho a mão da dela, então sustento o olhar de Imogen e minto com todo o meu coração: — Vejo você no campo de voo.

— Beleza. — Ela sorri. — Mas, falando sério, você está transando com o Graycastle? Eu estou com curiosidade mórbida, e, como me sinto tipo uma irmã mais velha honorária, determinei que estou no direito de perguntar.

— Não. — Fecho a cara, sentindo desgosto. — Ele é gato, mas ele é tipo... outro irmão. Todos os meus colegas de esquadrão são. Bom, não uns dos outros. Acho que peguei Baylor e Avalynn saindo escondidos ontem à noite.

— Na véspera da Ceifa? Com certeza. — Ela franze a sobancelha. — Você aproveitou para sair escondida também, né? Todo mundo deveria aproveitar uma boa foda antes da Ceifa. E depois. Na real, sempre que possível, quando se trata desse lugar. Nunca dá para saber quando seu nome vai parar na lista de mortos.

Aperto os lábios, porque não faço ideia de como responder.

— Ai, deuses. — O rosto dela desmorona. — Você não anda aproveitando? Curtindo toda a liberdade que o primeiro ano te dá?

— Foi o que a sua irmã recomendou?

Por que estamos tendo uma conversa dessas?

— A Katrina morreu quando eu tinha quinze anos, então não deu para ter muito esse tipo de conversa. — Ela dá batidinhas no queixo. — Mas acho que ela recomendaria experimentar tudo que a vida tem a oferecer.

— Bom... — Eu me esforço para encontrar palavras. — Queria

que essa conversa acabasse. Agora.

— Justo. — Imogen recua alguns passos, então vira de costas e se afasta. — Te vejo no campo de voo. Seria ótimo contar com mais um Mairi de uniforme preto no mundo — diz ela, por cima do ombro.

Exceto que *essa* Mairi não quer usar o uniforme dos cavaleiros. Fico parada lá pelo que parece uma eternidade, encarando a estatueta que meu irmão fez. Gritos ecoam a distância. A brisa sopra com um toque de enxofre. Asas batem lá no alto enquanto cadetes encontram seus dragões.

Só quando memorizei cada detalhezinho da miniatura é que eu a guardo no bolso e volto a andar.

Thoirt. Talvez saber o nome dela devesse me fazer mudar de ideia sobre a união, mas não muda nada. Ignoro a sensação que repuxa meu peito e que diz para eu seguir para o leste, e continuo indo para o sul. Ela vai se sair muito melhor com alguém que quer ser cavaleiro e que não abomina a ideia de ter um poder.

E, nas próximas horas, eu enfim serei *livre*.

Deixo a raiva borbulhar à superfície enquanto caminho durante quase uma hora, encontrando alguns cadetes fatigados e um Rabo-de-espada-marrom que não se dá ao trabalho de olhar na minha direção.

Merda. Desperdicei essa chance.

Uma hora depois, eu me coloco diretamente no caminho de um Rabo-de-chicote-verde. Ele vem na minha direção, soprando vapor pelas narinas, e fico ali, de queixo empinado, os braços travados ao lado do corpo. Meu coração começa a martelar nas costelas conforme ele se aproxima, esmagando folhas sob as garras.

Seis metros de distância. Eu o encaro dentro dos olhos.

Três metros. Prendo a respiração e aguardo a colisão.

Agora.

O dragão passa por cima de mim, as garras afundando no

chão a poucos centímetros de onde estou.

Mas. Que. Porra. É. Essa?

A raiva dentro de mim para de apenas incomodar e começa a ferver.

Quando enfim mais uma hora se passa, um Rabo-de-clava-vermelho pisca na minha direção e segue seu caminho, e um par de marrons passa cuidadosamente sobre mim. Já vi inúmeros dragões erguerem-se ao céu em meio aos espaços na copa das árvores, ouvi suas asas batendo ao levar seus cavaleiros no primeiro voo inaugural. Aposto que só sobraram algumas dezenas de nós por aqui, e estamos tão espalhados que não encontro outra pessoa há um tempão.

A julgar pela posição do sol, porque só os deuses sabem que jamais teria me ocorrido trazer um relógio, avalio que tenho apenas umas duas horas antes de Kaori vir buscar todos nós que não encontramos uma união para repetirmos de ano.

Nem fodendo. De jeito nenhum. Estou exausta de viver nesse limbo e não vou passar mais um ano assim.

— Vem logo! — grito para a floresta, para o céu, para seja lá quem quiser ouvir. — Eu não quero estar aqui! Não quero *nada* disso! — É tão libertador enfim dar voz aos pensamentos insidiosos que não consigo parar quando enfim começo. — Me leve logo ou me liberte!

Estiro os braços, expondo todos os órgãos vitais do corpo enquanto caminho entre enormes sequoias que já viram mais da história desse reino do que eu sequer suportaria pensar.

Um enorme Rabo-de-espada-laranja vira a cabeça na minha direção, então reorienta o corpo e vem até mim, de uns sessenta metros de distância.

Meu estômago embrulha. Chegou a hora. Sei, no fundo dos meus ossos, que essa criatura traz meu destino para mais perto a cada passo.

— É, você mesmo! — grito, abrindo mais os braços. — Vem logo! Eu não quero ser uma cavaleira!

O laranja abaixa a cabeça e estreita os olhos dourados ao se aproximar.

— Mairi! — grita uma voz rouca, despertando uma lembrança em minha mente, mas eu a ignoro.

— Não quero o seu poder! — Minha voz se eleva enquanto caminho em direção ao laranja, inteiramente disposta a encontrar meu destino no meio do caminho, e sem me importar que alguém esteja vendo. Se for algum aluno do segundo ou terceiro ano, o Códex dita que não devem interferir. — Foda-se esse lugar, e fodam-se todas essas pessoas! Eu não nasci pra isso!

O laranja abre a mandíbula, enroscando a língua.

— Mairi! — A voz soa mais alta. — Mexa-se!

É exatamente o que estou fazendo. Estou me mexendo, me libertando do futuro em que não sou nada além de uma lâmina afiada usada para ferir outras pessoas.

O fogo se enrosca no fundo da garganta do laranja, e então jorra para a frente, vindo na minha direção em um fluxo que vai levar segundos para me alcançar.

Fecho os olhos e recebo de braços abertos aquele livramento iminente.

Liam. Mamãe. Papai.

Sou atingida na lateral do corpo com tanta força que meus pés deixam o chão, e saio voando pelo ar. Braços me envolvem enquanto o calor passa por nós, fazendo minha pele exposta arder, mas a agonia que eu procurava não vem. Em vez disso, uma dor diferente atinge meu ombro esquerdo, e arregalo os olhos ao ver o mundo dar cambalhotas enquanto saio rolando pelo chão da floresta, abraçada com força contra um peitoral rígido.

Quando enfim paramos, ergo o olhar e encontro um lindo par de olhos castanhos, tão profundos que me sinto completamente desorientada. Eu poderia me perder neles para sempre, encarar por uma eternidade sem conseguir explorar além da superfície

ou observar todos os feixes âmbar que me atraem ainda mais para dentro.

— Que porra você pensa que está fazendo, Mairi? — a voz retumba, vibrando pelas minhas costelas.

A realidade me atinge na velocidade de uma flecha, e me encolho, mas os braços que me seguram suspensa sobre o chão da floresta não cedem.

Dain Aetos paira acima de mim, uma mão apoiada no chão à minha direita, a outra espalmada nas minhas costas, como se ele...

Arregalo os olhos. Ele me protegeu do pior do impacto. Me tirou do caminho. E está me segurando junto a ele como se eu fosse algo que ele precisa proteger.

Só que eu sei da verdade.

— Sai de cima de mim!

Raiva inunda minhas veias, mais quente do que qualquer fogo que um dragão poderia cuspir, e empurro as mãos naquele torso irredutível.

Os olhos dele faíscam, e ele se mexe com uma velocidade desconcertante, desvencilhando-se de mim e se levantando.

Meu corpo vai ao chão, mas não fico deitada ali por mais de meio segundo. Eu pulo para ficar em pé enquanto a ponta do rabo de espada do laranja passa por nós.

— Vou perguntar de novo. Que porra você pensa que está fazendo? — grita ele, os tendões no pescoço saltando enquanto fecha as mãos ao lado do corpo. — Está tentando morrer?

— E o que você tem com isso? — grito no mesmo tom, desrespeitando todas as regras e regulamentos que me fizeram decorar desde o Parapeito. Esse babaca é o culpado pela morte do meu irmão.

— Eu sou a porra do seu Dirigente de Asa! — Ele levanta as mãos para cima, como se eu estivesse sendo a louca da situação.

— Eu sou responsável por você!

— Assim como você foi responsável pelo Liam? — A raiva me

vence, e eu voo em cima dele, erguendo o punho fechado em direção ao seu rosto.

Ele recua um passo, e eu erro o soco, o que me faz quase tropeçar.

— Se quer falar comigo sobre o seu irmão, não vai ser enquanto você tenta me derrubar.

— Vai se foder! — Eu salto para a frente e dou outro golpe, apesar da diferença de altura entre nós dois. — Você causou a morte dele!

— Pare com isso! — Ele segura meu pulso e então prende o outro quando tento enfiar um gancho de esquerda em seu queixo.

— É culpa sua eles terem sido mandados para Athebyrne! — Danem-se minhas mãos; ainda tenho pés. Eu o chuto, e ele grunhe quando acerto um pontapé em sua canela. — Eu te odeio!

Ele puxa minhas mãos e gira meu corpo até minhas costas estarem contra o seu peito, então prende meus pulsos acima da minha própria clavícula.

— Não tanto quanto eu me odeio. Acredite em mim.

— Eu não acredito — sibilo, e considero dar uma cabeçada, mas estou uns dois centímetros abaixo do queixo dele, então a manobra não vai me ajudar.

— Puta que pariu. — Ele me segura com mais força, me imobilizando. — Se quer bater em mim, me desafie, mas eu já vi você lutar, e não vai acabar bem para você.

— Me. Solta. — Eu digo cada palavra entre dentes.

Para minha completa surpresa, ele acata o pedido.

Cambaleio para a frente e então giro nos calcanhares para não ficar de costas para ele. Não que ele não pudesse simplesmente me matar, se quisesse. Meu peito sobe e desce com o esforço, mas Dain só fica parado ali, coberto de terra depois da nossa queda. Fora isso, parece completamente inabalado. Ele nem sequer começou a suar, o que parece terrivelmente injusto.

— Vai parar de tentar me esmurrar? — pergunta ele, erguendo as sobrancelhas.

— Ainda não decidi. — Giro o ombro esquerdo, tentando aliviar a dor. Uma rápida olhada me informa que bati em alguma coisa, porque tem um rasgo no meu uniforme, e definitivamente é sangue encharcando o tecido.

— Aprecio a sinceridade. — Ele me encara, as emoções transparecendo nas feições rápido demais para eu distinguir o que são. — Sim. Violet deixou bastante claro que fui eu o responsável por seu irmão ter sido enviado para Athebyne, e vou ter que viver carregando esse peso pelo resto da vida. O que eu me recuso a carregar é o peso de você desperdiçar sua vida no meio da Ceifa, gritando para um *dragão* que você não quer ser uma cavaleira.

— E foi por isso que você desobedeceu ao Códex? — Atiro a informação como um golpe, e, considerando a forma como os olhos dele se arregalam, é certo. — Isso mesmo. Você *interferiu*.

— Cacete. — Ele entrelaça os dedos, então os descansa no topo da cabeça e fecha os olhos. Depois de respirar fundo, ele me encara outra vez. — Pelo menos salvei sua vida como compensação.

Meu estômago embrulha e eu abaixo o olhar, percebendo como cheguei perto de ter morrido. Acabei de me atirar na direção de um *dragão*.

— Você está bem? — pergunta ele. Examino as raízes da árvore à minha esquerda. — Olhe para mim — ordena.

Eu quero que o chão se abra e me engula por inteiro. Dain Aetos não só me viu no fundo do poço como também me salvou de mim mesma. De alguma forma, isso só me faz odiá-lo ainda mais.

— Olhos aqui em cima, Mairi! — exige ele. Ergo a cabeça para encará-lo. — Pode me odiar se quiser — diz ele, a voz se abrandando. — Nunca mais precisamos falar do que aconteceu

hoje. Você pode fingir que nada disso aconteceu se fizer você se sentir melhor, mas não posso deixar você aqui se vai querer repetir seja lá o que foi isso. Então, estou perguntando pela última vez: você está bem?

— Não, eu não estou bem — respondo com sinceridade pela primeira vez, deixando a raiva transparecer nas palavras. — Não está tudo bem eu não ter tido tempo de ficar de luto pelo meu irmão antes de ser forçada a atravessar o Parapeito. Não está tudo bem eu ter sido jogada para o esquadrão com uma das pessoas responsáveis pela morte dele e então deixada sob o comando da outra. Não está tudo bem eu estar aqui e ele não. Não está tudo bem eu não querer nada com um sinete, ou com um poder, ou com me tornar uma arma perfeita como a que este lugar se orgulha de criar. Não está tudo bem eu não ter a porcaria de uma escolha como foi com você, pelo simples fato de os meus pais terem perdido a guerra deles, e o seu pai, ganhado.

Ele recua.

O som de asas ressoa acima, e nós dois erguemos o olhar ao ver um Rabo-de-adaga-vermelho mergulhar do céu.

Thoirt. Meu coração se sobressalta, e eu sinto um clique profundo na minha alma, como se algo tivesse se encaixado em um espaço quebrado e selado uma brecha que vazava, tornando a vida um pouquinho mais suportável.

Ela pousa no lugar onde estava o laranja que quase me tirou a vida, e o chão estremece sob meus pés. Ela vira a cabeça para nós, rosnando na direção de Aetos. É vermelha como um morango, com escamas brilhantes, garras formidáveis, e acho que é o dragão mais lindo que já vi na vida.

— Imagino que esse seja o seu — diz Dain, erguendo as mãos e olhando para mim em vez de para ela. — Posso confiar na sua palavra de que você não vai tentar se matar outra vez?

— Sim.

— Ótimo. — Ele recua para longe de Thoirt e então se vira para ir embora quando fica longe da linha de visão dela. — Pelo

visto, preciso dedurar a mim mesmo por uma violação do Códex.

Não consigo sentir pena dele. Não quando ele está vivo e Liam segue enterrado em Tyrrendor.

— *Você perdeu seu irmão em Resson.* — A voz dela é mais doce do que eu imaginava para um dragão.

— Perdi. — Eu me viro para encará-la de frente.

— *Assim como eu.* — Ela abaixa a cabeça, mas não é um gesto ameaçador. — *Os dragões da minha linhagem há muito tempo escolhem os da sua.*

Meus lábios se entreabrem. Ela é uma Rabo-de-adaga-vermelho, assim como Deigh, e se parece muito com a miniatura que Liam esculpiu.

— Você é irmã de Deigh?

— *Sou. E, assim como ele escolheu Liam, eu escolhi você, Sloane Mairi.*

Toda a minha força se esvai e, sem o ódio, sem a raiva, sobra para mim apenas a tristeza, que, pelos deuses, parece insuperável. O peso é grande demais, cortante demais para ficar carregando sem morrer de hemorragia.

— *Talvez, ao nos unirmos, possamos nos ajudar a carregar esse peso. Uma pode ajudar a outra a se curar.* — Ela me examina sem me julgar, contradizendo tudo que ouvi falar da espécie dela.

— Eu já perdi todo mundo — sussurro, e minha garganta ameaça se fechar. — Meus pais. Meu irmão. Eu sou a última Mairi viva. Como é possível curar essa ferida?

Se ela tem uma resposta, preciso desesperadamente ouvi-la. Meus olhos ardem.

— *Com o tempo.* — Ela aproxima mais o focinho. — *Como a última Mairi viva, filha da mestra de runas, você precisa escolher continuar vivendo.*

— Só porque minha mãe era boa com runas? — Dou de ombros, mas avanço um passo em direção a ela. — Eu não quero...

— *Poder. Sei disso.* — Ela chega ao meu alcance, então repousa

a cabeça no chão. — *Senti todas as perdas que você sofreu. Sei de tudo que você suportou, e sei que custará para você superar o que sente que é intransponível. Mas você precisa continuar.*

— De que adianta você ter uma cavaleira que não quer um poder?

— *Agora.* — Ela praticamente engatinha, e eu ergo a mão até alcançar as escamas quentes entre as narinas dela. — *Você não quer o poder agora. Eu darei a você o que você mais precisa: uma escolha. Apenas quando estiver pronta é que canalizarei meu poder em você.*

— E se eu escolher nunca fazer isso? — Estremeço, respirando fundo.

— *Então seremos excelentes companheiras* — diz ela, com gentileza. — *Mas eu vi o seu coração e sei que você vai atravessar essa escuridão. Você usará seu poder quando estiver pronta, porque, se não fizer isso, essa guerra será perdida.*

Balanço a cabeça.

— Você está pensando em Liam. Ele era o guerreiro corajoso.

— *Estou pensando em você. Seu irmão não herdou o dom de sua mãe. Você, sim.*

— Não entendo.

— *Ainda não, mas vai.* — Ela empurra o focinho na minha mão. — *Por enquanto, você vai se curar. Vai crescer. Vai aprender. E prometo que, por mais que no momento você seja a última de sua linhagem, você nunca mais estará sozinha. Nunca verá um nascer do sol em que eu não esteja esperando por você.*

Eu me inclino para a frente e descanso a testa nas escamas dela, absorvendo a grandeza daquele juramento, do que me unir a ela significa de verdade. Eu voltarei a ter uma família.

Pela primeira vez em meses, meu sorriso não apenas alcança os olhos, mas ecoa em cada batida do meu coração.

— *Gostaria de voar para encontrar seus amigos?*

Meus colegas de esquadrão.

Ergo a cabeça e abro um sorriso, então assinto.

— Sim.

Quando me acomodo no assento e arrumo as mãos no pomo, a sensação é a mesma de atravessar os portões de Mairghdelle.

Estou em casa.



634 D.U.
Molvic – Rabo-de-clava-azul
(Macho) Descendente da linhagem Gormfaileas
Idade estimada: 39
Cavaleiros registrados: 0

— COMPÊNDIO DRACÔNICO, ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO FEITA PELO CORONEL
VALIN KAORI



AARIC

Nas últimas três vezes em que um príncipe de Navarre caminhou por estes bosques, ele não saiu vivo.

Agora que a chegada do pôr do sol está fazendo a cor do céu se transformar, começo a questionar se não apenas vou quebrar esse tabu como também me tornar o primeiro cadete de sangue real a ser forçado a repetir de ano por não ter feito uma união. Considerando que já sou o primeiro cadete de sangue real a entrar na Divisão usando um nome falso para esconder seu paradeiro do próprio pai, fico feliz em abrir esse precedente.

Tudo bem. Se meu dragão não está pronto para se unir a mim este ano, vou esperar até o ano que vem.

Paciência é tudo. Quem espera sempre alcança.

Vapor sobe à minha esquerda e meu coração dá um salto quando viro a cabeça e suspiro de decepção quando avisto um Rabo-de-adaga-verde vindo na minha direção.

— Não. — Balanço a cabeça uma vez, sustentando o olhar do dragão que me encara, então sigo meu caminho.

Abandonei tudo – meu título, minha família, até meu nome – para estar aqui. O que seria mais um ano da minha vida? Certamente é uma opção melhor que a morte.

Não recebemos respostas nem explicações quando meu irmão morreu nesta floresta três anos atrás. Dragões não se submetem à autoridade dos reis. Um dia, Alic era um cadete do primeiro ano e, no outro, todos os pertences dele foram levados de seu quarto em Calldyr para serem queimados como oferenda a Malek.

Não abrigo qualquer ilusão quanto ao tipo de pessoa que Alic se tornou. Em uma família de três irmãos, ele era o mais cruel, o mais propenso a chiliques violentos e aquele que me ensinou a esconder todas as minhas fraquezas, porque, se não fizesse isso, ele iria explorá-las em vantagem própria. Ele não foi sempre desse jeito, mas eu mal o reconhecia nos seus últimos anos de vida, e escolhi ficar de luto pela versão que eu lembrava da minha infância.

Mas não tenho certeza se aquela versão dele teria sobrevivido a este lugar.

Só que *eu* vou.

Os outros aqui estão esperando por aceitação ou rezando para deuses que nunca se dão ao trabalho de responder.

Eu saí à caça.

Nas cinco horas que passei vasculhando esta floresta, já encontrei vermelhos, laranjas, marrons, verdes, e nenhum deles falou comigo, obviamente. Porém, não estou procurando por eles.

Não quando Molvic está aqui.

— Pare de se esconder e venha brincar — sussurro para o

vento quando passo por mais uma sequoia antiga.

No instante em que Kaori disse que o Rabo-de-clava-azul entrou no Vale, uma dor irrefutável começou a pulsar no meu peito. Essa mesma dor fica mais intensa quanto mais perto chego do limite sul da floresta; quando me aproximo de uma pequena clareira, essa dor parece gritar.

A campina está vazia e atravesso a grama na altura do joelho, mas estou sentindo a presença dele.

— Sei que você está aqui.

Vasculho a linha das árvores com o olhar, e a dor atrás das costelas evapora quando encontro um par de olhos dourados me encarando de volta, quase escondido entre as árvores.

— Molvic.

Ele entra na clareira arreganhando os dentes com um rosnado baixo, e o sol brilha sobre as escamas azul-safira. Meu coração acelera, mas eu o acalmo com uma respiração profunda e pura força de vontade. Entre os azuis, ele perde em ferocidade apenas para Sgaeyl, o que significa que demonstrar o mínimo de medo vai me fazer ser incinerado.

— Você é meu. — Dou um passo cauteloso na direção dele.

Ele ruga, amassando a grama entre nós, fazendo todos os ossos do meu corpo vibrarem.

Cacete. Falo nove idiomas, e quatro deles fluentemente, e, embora nenhum seja a língua dos dragões, a veemência da negação dele pode ser facilmente traduzida.

— Certo, pode dizer que sou seu, se isso faz você se sentir melhor.

Preciso de toda a minha concentração para impedir que meus músculos congelem enquanto sigo em frente. Ele vai cuspir fogo em mim ou vai se unir a mim, mas, de um jeito ou de outro, está prestes a mudar a minha vida.

A língua dele se enrosca, e o fundo da garganta fica laranja.

Eita. Porra.

Corro para a direita, então mergulho atrás de um tronco

apodrecido enquanto fogo envolve minha coluna. Quando olho para trás, a grama está fumegando no lugar em que eu estava. Espano as mãos, esfregando o sangue do arranhão na palma. Chegou um pouco mais perto do que eu gostaria.

Ele vira a cabeça na minha direção, e o olhar se torna flagrantemente hostil.

— Você. É. Meu. — Eu fico de pé e dou um passo simbólico em sua direção, para que ele saiba que eu tenho intenção de ir até o fim. — Você pode me matar neste campo, mas nada vai mudar esse fato.

— *Eu fui atraído pela força da sua linhagem uma vez antes, e tudo que senti foi uma decepção profunda* — diz ele, a voz rouca e áspera.

Alic. Só pode ser. Minhas costelas se apertam.

— Eu não sou o meu irmão. — Dou mais um passo.

— *É por isso que estou permitindo que você continue a respirar, Camlaen Aaric Baran.* — Ele estica a cabeça e sopra uma lufada de vapor na minha direção.

— É Aaric — eu corrijo. — Você o matou?

Mais um passo que nos deixa a menos de três metros um do outro.

— Não. — Ele rosna outra vez, mas os dentes continuam trincados.

Meus dedos começam a se fechar, mas me impeço de perguntar se ele sabe quem foi o culpado, se ele viu meu irmão nas horas finais antes de sua morte. Ainda temos uma vida inteira para ter essas conversas, se eu sobreviver aos próximos minutos.

— Eu não sou Alic. Eu não sou Halden. E não sou meu pai. — Minha voz se eleva com convicção.

— *Eu sei quem você é. Você acha que é tão diferente assim porque sua mãe supervisionou os seus cuidados?* — rosna ele.

— Sim. — Caminho em frente. — Não sou nem o herdeiro nem o reserva, portanto fui relegado por meu pai, o que, no fim,

foi bom para mim. Minha mãe me ensinou que o poder, quando dado sem restrição, leva à corrupção dos nossos princípios, e isso é irreversível. Esse não será o meu destino. Meu objetivo é merecer meu poder. É merecer *você*.

Ele ergue um pouco a cabeça, mas não o bastante para expor a garganta.

— Você sabe da guerra travada além das égides?

Outro rosnado retumba na garganta do dragão.

— *Sei*.

Eu assinto com a cabeça.

— Você já viu todas as minhas memórias, então sabe como me sinto quanto a isso. Sabe o que estou pensando, mesmo agora. — Estendo os braços, com as palmas voltadas para cima.

— Eu sou aquele por quem você estava esperando e que procurou todos esses anos. Eu sou o motivo de você entrar no Vale da Ceifa sem uma união. Meu irmão pode ter deixado você desiludido com meu sangue, mas eu não farei o mesmo.

Ele arreganha os dentes.

— *E você pensa que conhece o futuro?*

— Eu conheço o *meu*. — Assinto, com certeza absoluta. — Eu lutarei nesta guerra, e talvez até morra nela. Mas não vou ficar parado enquanto minha família observa, protegida em sua torre dourada, a destruição. Falsos protetores de um povo mantido de propósito na ignorância.

— *E o que acontecerá com a sua monarquia?*

Ele avança e inclina a cabeça para baixo, sustentando meu olhar. Foco em um dos olhos dele, notando meu reflexo na esfera dourada. Não tenho mais as vestimentas reais, as sedas e túnicas finas. Estou diante de Molvic, usando o uniforme preto dos cavaleiros, sem título ou patente além da indicação do primeiro ano no colarinho.

— Estou pouco me fodendo para isso. — Meu coração começa a martelar. Não importa o que eu tenha pensado, nunca falei em voz alta, nunca dei voz a esses pensamentos. Eu endireito as

costas. — Minha mãe está morta, junto com todas as boas intenções dela. Se você se unir a mim, voarei pelo nome escrito no uniforme, e não pelo que recebi ao nascer. Vou voar pela sua espécie, mas não pelo Empyriano que permite essa farsa. Me mate agora por traição à coroa ou se una a mim. A escolha é sua. Eu já fiz a minha.

Ele rosna outra vez, e me pergunto se fui longe demais, mas a única coisa que pode existir entre nós é a honestidade. Ele deve saber que eu seguirei aquilo em que acredito, que seguirei meus planos, até executá-los.

Mesmo que isso me leve à minha própria execução.

— E eu prometo a você que vou morrer antes de ficar ao lado da conivência. — Respiro fundo para me equilibrar. — Você precisa saber: minha intenção é desmantelar este reino.

Os olhos dele faíscam.

— *Aceito suas condições, Aaric Graycastle.*

Ninguém na minha família percebeu que fui embora.

Mas vou voltar para acabar com todos eles.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a meu marido, Jason, por ser meu centro de gravidade. Obrigada por devolver a cor ao meu rosto nos últimos dezoito meses. Sou tão loucamente apaixonada por você que esse amor transborda em todas as páginas que escrevo. Obrigada aos meus seis filhos, que simplesmente são meu mundo. Obrigada à minha irmã, Kate, por ser minha companheira de viagem constante e mestre das gargalhadas. Te amo, falo sério. Aos meus pais, que sempre estão presentes quando preciso. À minha melhor amiga, Emily, por ser a parte mais tranquila da minha vida e guardiã de todos os meus segredos.

Obrigada à minha editora Karen Grove, por me escolher entre a pilha de manuscritos treze anos atrás e ainda estar empolgada com essa louca aventura tantos anos depois. Obrigada a Joe Requeza por dar vida aos dragões do Empyriano com sua arte maravilhosa. Obrigada à minha incrível agente, Louise Fury, por sempre cuidar da minha retaguarda, e a Shivani Doraiswami, por ser uma agente de audiovisual incrível! Matt Sugarman, obrigada por seu pulso firme. Infinitos agradecimentos às equipes da Outlier, Kilter e Amazon Studios e especialmente a Meredith Averill. É um sonho trabalhar com vocês!

Obrigada à minha equipe na Red Tower. Obrigada a Liz Pelletier, por me dar a chance de escrever meu gênero favorito. A Stacy Abrams, pela magia do copidesque. A todos na Entangled e Macmillan, por responder a inúmeros e-mails e por levar este livro às livrarias. Para os maravilhosos revisores, pelos olhos de águia. A Julia Kniep, por sempre se superar e pelos Kinder Ovos. A Becky West, pelas ligações cheias de encorajamento infinito, orientação, McDonald's, Coca-Cola e T Swift. A Bree Archer e Elizabeth Turner Stokes, agradeço pela capa fenomenal. A Meredith Johnson, por ser a maioral.

Obrigada a Lizzy Mason, por ser a responsável nos bastidores

da Yarros Ink. Obrigada às minhas esposinhas, nossa trindade diabólica, Gina Maxwell e Cindi Madsen, eu estaria perdida sem vocês. A Kyla, que tornou este livro possível. A Cassie e Vonetta, por ajudar a organizar tudo e sempre serem as fãs número 1. A Rachel e Ashley, por serem as mulheres mais gentis e inteligentes que conheço. A todos os resenhistas que apostaram em mim durante esses anos, não tenho nem palavras para agradecer a vocês. Ao meu grupo de leitoras, as Flygirls, por serem o melhor lugar da internet. Aos meus leitores: seu entusiasmo incessante por este mundo é o que me faz continuar na frente do teclado.

E por último, por ser meu começo e meu fim, obrigada de novo a Jason. Somos eu e você contra o mundo, amor.



© Katie Marie Seniors

Rebecca Yarros é autora best-seller nº1 do *The New York Times* de mais de vinte livros, incluindo *Quarta Asa* e *Um caso improvável*. Ela recebeu os prêmios British Book Award por Livro do Ano e o Alex Award da American Library Association. Ela ama heróis militares e é muito feliz ao lado do seu, com quem está casada há mais de vinte anos. Como mãe de seis filhos, quando não está escrevendo, pode ser encontrada no ringue de hóquei ou tentando achar um tempinho para tocar violão.

Depois de ter acolhido e adotado a filha mais nova, Rebecca descobriu a paixão por ajudar crianças no sistema de acolhimento por meio da sua organização sem fins lucrativos, a One October, que ela fundou com o marido em 2019.

www.rebeccayarros.com



© Angel Castillo

Joe Requeza é um ilustrador digital das Filipinas, e trabalha principalmente com ilustrações de fantasia. Ele colabora lado a lado com autores para trazer suas histórias à vida. Quando não está desenhando, provavelmente está tomando um café ou caçando bonecos raros para a sua coleção. Ele tem um péssimo hábito de ler palavras ao contrário.

[Instagram.com/joerequeza.art](https://www.instagram.com/joerequeza.art)

 [planetaminotauro](https://www.instagram.com/planetaminotauro)

 [planetadelivrosbrasil](https://www.instagram.com/planetadelivrosbrasil)

 [planetadelivrosbrasil](https://www.youtube.com/planetadelivrosbrasil)

 [planetadelivrosbrasil](https://www.tiktok.com/@planetadelivrosbrasil)
 planetadelivros.com.br

#acreditamosnoslivros



Tempestade de ônix

Yarros, Rebecca

9788542229196

608

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

A ESPERADA SEQUÊNCIA DOS FENÔMENOS MUNDIAIS QUARTA ASA E CHAMA DE FERRO!

LIVRO #3 DA SÉRIE "O EMPYRIANO"

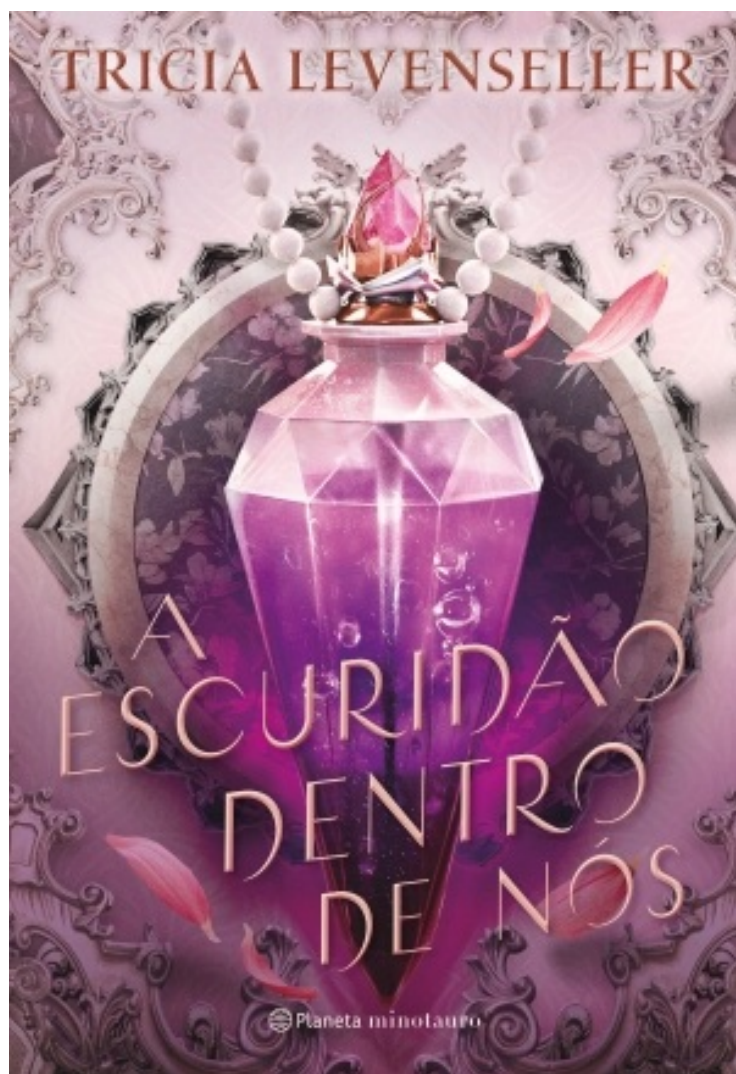
Depois de quase dezoito meses no Instituto Militar Basgiath, Violet Sorrengail sabe que não há mais tempo para lições. Não há mais espaço para incertezas. Porque a guerra começou de verdade, e, com inimigos tão poderosos – tanto de fora das muralhas de Basgiath quanto dentro de suas fileiras –, é impossível saber em quem confiar.

Agora, Violet precisa viajar para além das enfraquecidas defesas de Aretia, a fim de buscar em terras desconhecidas aliados dispostos a lutar ao lado de Navarre. Essa jornada testará os limites de sua inteligência, bem como de sua sorte e de seu poder, mas Violet estará disposta a tudo o que for preciso para salvar o que mais ama: seus dragões, sua família, sua casa e ele .

Mesmo que isso signifique guardar um segredo grande o bastante para destruir tudo.

Eles precisam de um exército. Eles precisam de poder. Eles precisam de magia. E precisam de algo que só Violet pode encontrar: a verdade. Mas uma tempestade está se formando... e nem todos sobreviverão a sua fúria.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



A escuridão dentro de nós

Levenseller, Tricia

9788542238570

288

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

"Uma deliciosa fantasia cheia de tensão, traição e uma

história de amor altamente viciante." — STEPHANIE GARBER, best-seller #1 do The New York Times e autora de Caraval

Chrysantha Stathos sabe que venceu.

Escondendo a sua inteligência e a sua ambição por trás da máscara de uma bela mulher de cabeça oca, ela se tornou o que sempre desejou: uma duquesa. E, assim que o seu marido idoso morrer, ela terá toda a liberdade, o dinheiro e a segurança que sempre desejou.

Ou pensou que teria...

Eis que surge em sua mansão um homem dizendo ser neto de seu falecido marido. Logo, Chrysantha pensa que esse impostor quer roubar a herança pela qual lutou para conquistar. E, para piorar a situação, a sua irmã mais nova em breve será a rainha e está se exibindo por esse feito.

Mas Chrysantha decide reagir e ofuscar a própria irmã em seu casamento. E quanto a esse neto, ele tem que sumir. Não importa que ele seja extremamente bonito e tenha poderes misteriosos... Não! Chrysantha quer Eryx Demos morto e, no final, uma Stathos sempre consegue o que quer. *A escuridão dentro de nós é uma companhia perversamente deliciosa para os fãs de Coroa de Sombras.*

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Quarta Asa

Yarros, Rebecca

9788542226133

544

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Um dragão sem seu cavaleiro é uma tragédia.

***Um cavaleiro sem seu dragão é um homem morto.
Em Quarta Asa, best-seller #1 do The New York Times, uma
jovem precisa sobreviver ao treinamento em uma escola
de elite para poderosos cavaleiros de dragões, onde a
única regra é se formar... ou morrer tentando.***

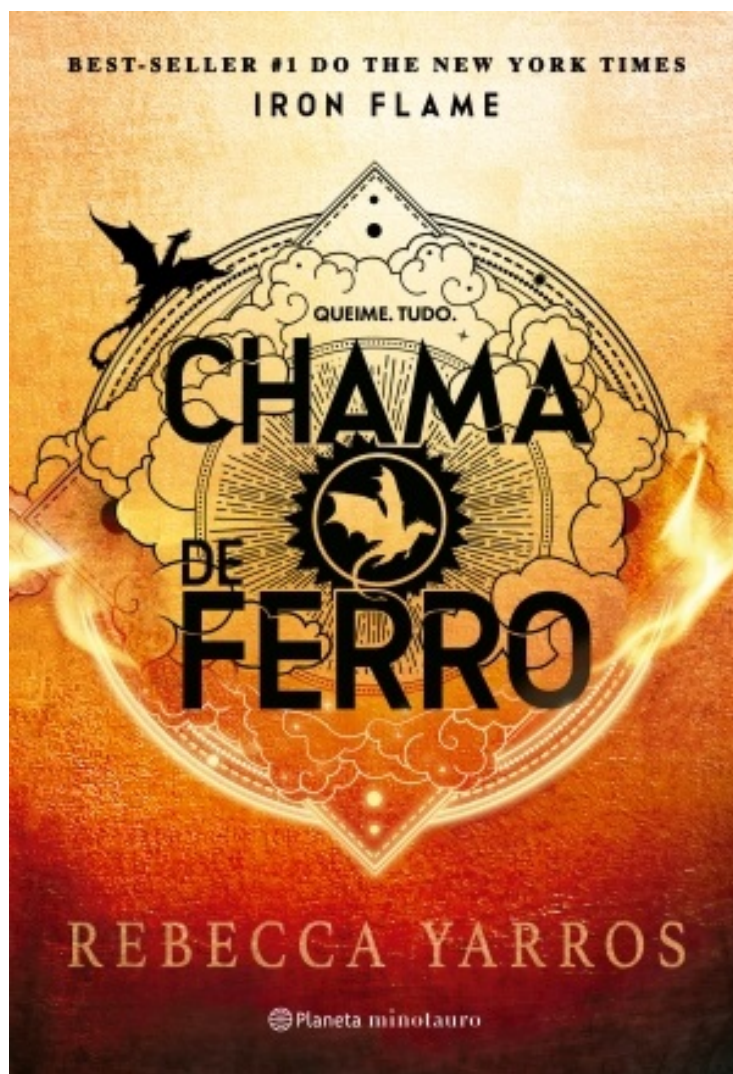
Violet Sorrengail, uma jovem de vinte anos, estava destinada a entrar na Divisão dos Escribas, levando uma vida relativamente tranquila entre os livros e as aulas de História. No entanto, a general comandante das forças de Navarre – também conhecida como sua mãe –, durona como as garras de um dragão, ordena que Violet se junte às centenas de candidatos que buscam se tornar a elite de seu país: cavaleiros de dragões.

O problema é que, quando você é menor que todos os demais candidatos e certamente mais frágil que eles, a morte está a apenas uma batida de coração de distância... Porque os dragões não se unem a humanos "frágeis". Eles os reduzem a cinzas.

Todos no Instituto Militar Basgiath têm um objetivo. Com menos dragões disponíveis que cadetes, a maioria estaria disposta a matar Violet para aumentar suas próprias chances de sucesso. O restante a mataria apenas por ser filha de quem é – e um bom exemplo disso parece ser Xaden Riorson, o líder de esquadrão mais poderoso e implacável na Divisão dos Cavaleiros.

Entre amigos, inimigos e amantes, Violet precisará contar com sua inteligência se quiser sobreviver. Mas as proteções do reino estão falhando e a cada dia que passa a guerra se torna mais mortal. E o pior: Violet começa a suspeitar que a liderança está escondendo um terrível segredo.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Chama de Ferro

Yarros, Rebecca

9788542227864

784

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

A ESPERADA SEQUÊNCIA DO FENÔMENO MUNDIAL

QUARTA ASA!

LIVRO #2 DA SÉRIE "O EMPYRIANO": UM ROMANCE ELETRIZANTE, REPLETO DE REVIRAVOLTAS.

"O primeiro ano é quando alguns de nós perdemos nossas vidas. O segundo ano é quando o resto de nós perde nossa humanidade." — Xaden Riorson

Todos esperavam que Violet Sorrengail morresse durante seu primeiro ano no Instituto Militar Basgiath... inclusive ela própria. Mas a Ceifa foi apenas o primeiro teste, cujo objetivo maior era eliminar os mais fracos, os considerados indignos e os mais azarados.

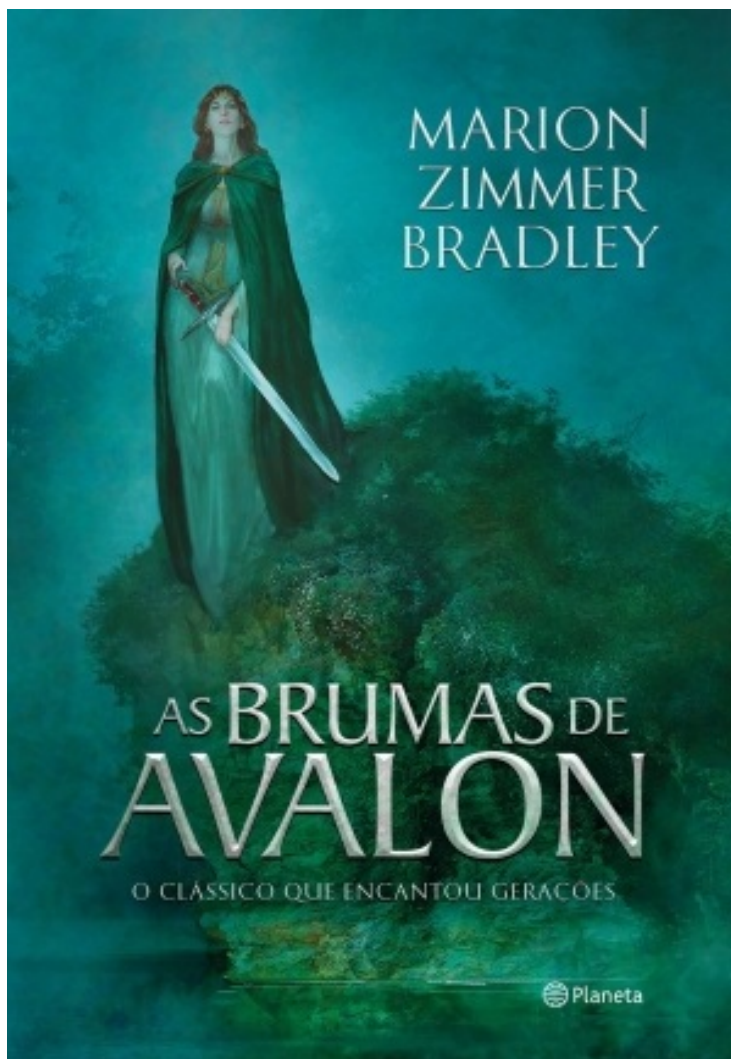
No entanto, agora começa o verdadeiro treinamento, e Violet já se pergunta como – e se – vai conseguir sobreviver. Não apenas porque o processo é extremamente exaustivo e repleto de armadilhas, ou porque cada etapa é projetada para levar os novos cavaleiros aos limites da dor e do sofrimento, mas por causa do novo vice-comandante, que parece ter como missão pessoal convencer Violet de que ela jamais será capaz de controlar suas habilidades extraordinárias... a menos que traia o homem que ama.

Embora o corpo de Violet seja mais fraco e frágil do que o de todos os demais cavaleiros, ela pode contar com sua inteligência, além de uma determinação de ferro. E ela ainda se lembra da lição mais importante que Basgiath lhe ensinou: cavaleiros de dragão fazem suas próprias regras.

Mas inteligência, determinação e força de vontade não serão suficientes esse ano, já que Violet descobrirá um segredo

escondido por séculos, e nada, nem mesmo o mais poderoso fogo de dragão, pode ser suficiente para salvá-los no final.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



As Brumas de Avalon

Zimmer Bradley, Marion

9788542212181

968

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Por séculos, as lendas arturianas povoaram o imaginário de leitores de todo o mundo. **As brumas de Avalon** é considerado por muitos a versão literária definitiva do mito e muitas gerações de mulheres se deixaram arrebatadas pela escrita envolvente de Marion Zimmer Bradley.

Pelos olhos de mulheres complexas e poderosas como Morgana das Fadas, Viviane, a Senhora do Lago, Igraine, Morgause e Gwenhwyfar, os reinos de Camelot e de Avalon são revisitados neste clássico, repleto de magia, sensibilidade e intrigas.

"Uma releitura monumental das lendas arturianas... Ler **As brumas de Avalon** é uma experiência profundamente tocante, e muitas vezes fantástica. Um resultado impressionante."

THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

"O enredo elaborado com maestria e a escrita maravilhosa de **As brumas de Avalon** jogam nova luz a antigos personagens, em especial Morgana das Fadas, Merlin, Lancelote e Gwenhwyfar. Um romance épico, com violência, ambição, lealdades dolorosas e feitiços assombrosos."

PUBLISHERS WEEKLY

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)
